



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**O SACRIFÍCIO PERSUASIVO:**

o gênero martirológico e as estratégias de convencimento em As Examinações de Anne Askew na  
Inglaterra do século XVI

THALYTA VALÉRIA CASTRO DE OLIVEIRA LUCENA

BRASÍLIA

2020

THALYTA VALÉRIA CASTRO DE OLIVEIRA LUCENA

**O SACRIFÍCIO PERSUASIVO:**

o gênero martirológico e as estratégias de convencimento em As Examinações de Anne Askew na Inglaterra do século XVI

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília para como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em História

Linha de Pesquisa: Ideias, Historiografia e Teoria

Orientador: Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo

BRASÍLIA

2020

Ao Raphael e ao Dandan, pelo apoio constante e amor incondicional. Vocês são tudo para mim.

## AGRADECIMENTOS

Minha enorme gratidão aos meus pais, Amarildo (*in memoriam*) e Meire, que me ensinaram valores inestimáveis e deram o melhor de si para construir o melhor em mim. Ao meu amor Raphael, pelo cuidado, carinho e dedicação sem limites – às vezes nem acredito na sorte que tenho por partilhar a vida com você –; seu apoio me motiva a continuar. Ao Dandan, minha maior riqueza e orgulho nessa vida. À minha irmã Thaynara, que mesmo do outro lado do oceano se faz tão presente e de quem estou morrendo de saudades. À minha avó Maria Vitória, que me inspira a ver o bem em mim e nos outros. À Solange, pela constante motivação e carinho. Às minhas alunas e alunos, que me impulsionam a sempre dar o melhor de mim. À Rebequinha, rainha dos *planners* em tons pastéis, que eu tanto admiro e cuja companhia foi sensacional ao longo dessa jornada. À Camila, pela amizade e paciência em ouvir meus áudios que mais parecem *podcasts* quando o trabalho não estava fluindo; seus comentários sempre ajudam. À Pâmela, que compartilha os dias bons e traz leveza aos dias ruins. A todos os amigos e familiares que me apoiaram, compreenderam quando fui ausente e torceram pelo meu sucesso. E aos “orientandos do André” pela troca de ideias e generosas contribuições; sentirei falta das nossas reuniões. A todas as professoras e professores do Departamento de História da Universidade de Brasília, que desde a graduação contribuíram com a minha formação acadêmica e profissional. Aos professores Luiz César e Leandro Rust pela pertinência e relevância dos comentários na ocasião da defesa do projeto de mestrado. Agradeço ao CNPq pela bolsa de estudos que, ao longo desses dois anos, proporcionou o auxílio financeiro necessário para que eu pudesse me dedicar à pesquisa. E, por fim, um agradecimento especial ao André, que além de ser o melhor orientador, é uma pessoa incrível, um professor incomparável e minha inspiração acadêmica. Não teria chegado ao fim desse processo sem seu apoio e paciência. Obrigada pela generosidade.

## RESUMO

Essa dissertação analisa a construção martirológica de Anne Askew e sua importância na validação e difusão do posicionamento teológico-doutrinário do polêmico reformador John Bale. Para isso, parte-se da análise de As Examinações de Anne Askew que foram comparadas com outras obras que circulavam no período. A pesquisa se desenvolveu em duas frentes. Primeiramente, foram analisadas as estratégias retóricas utilizadas para construir Askew enquanto mártir, buscando evidenciar também a formação da autoridade do artífice da narrativa. Em seguida, o foco da análise se voltará para as doutrinas reformadas expostas e defendidas por Bale, destacando-se a centralidade da ideia de suficiência das Escrituras e o posicionamento em relação à Real Presença no Sacramento – ponto fulcral nas discussões religiosas do período. As duas frentes exploradas convergem ao final do trabalho, de modo a argumentar em favor da compreensão da história de martírio enquanto artifício de persuasão em prol das posições doutrinárias que a acompanham. Espera-se, assim, contribuir para o entendimento da retórica reformada e das disputas em torno da definição teológico-doutrinária da Igreja Inglesa – recém emancipada da autoridade romana – no século XVI.

**Palavras-chave:** Reforma Inglesa; Martirologia; Inglaterra; Época Moderna.

## **ABSTRACT**

The dissertation analyzes the martyrological construction of Anne Askew and its importance in the validation and diffusion of the theological-doctrinal positioning of the controversial reformer John Bale. For that, it starts from the analysis of The Examinations Anne Askew which were compared with other works that circulated in the period. The research was developed on two fronts. First, the rhetorical strategies used to build Askew as a martyr were analyzed, also seeking to highlight the formation of the authority of the narrative's creator. Then, the focus of the analysis will turn to the reformed doctrines exposed and defended by Bale, highlighting the central idea of the sufficiency of the Scriptures and the positioning in relation to the Real Presence in the Sacrament - central point in the religious discussions of the period. The two fronts explored converge at the end of the work, in order to argue in favor of understanding the history of martyrdom as an artifice of persuasion in favor of the doctrinal positions that accompany it. It is hoped, therefore, to contribute to the understanding of the reformed rhetoric and the disputes around the theological-doctrinal definition of the English Church – recently emancipated from Roman authority – in the 16th century.

**Keywords:** English Reformation; Martyrology; England; Modern Era.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	7
CAPÍTULO 01: A construção do martírio de Anne Askew .....	19
CAPÍTULO 02: A defesa teológico-doutrinária nas Examinações .....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	69
Fontes.....	74
Bibliografia .....	76
Declaração de autenticidade .....	81

## INTRODUÇÃO

No ano de 1547, um livro impresso em inglês, que “sustentava as doutrinas dos sacramentarianos e exaltava como mártir a jovem que havia sido queimada no ano anterior”, causava incômodo a figuras importantes no governo da Inglaterra. O embaixador François Van Der Delft<sup>1</sup>, em carta remetida ao Imperador Carlos V, expôs sua preocupação acerca da circulação do livro que divulgava por toda a Inglaterra as doutrinas que negavam a Real Presença no Santíssimo Sacramento, doutrinas legalmente tipificadas como heresia. As preocupações de Van Der Delft – ainda segundo a carta – de que o governo inglês fosse tolerante e consentisse com a circulação dessas doutrinas, foram levadas ao secretário William Paget<sup>2</sup>, juntamente com a advertência acerca da confusão em que os ingleses se encontrariam caso não “restringissem seu povo e os reduzissem a uma ordem melhor que a atual”<sup>3</sup>.

O livro acerca do qual o embaixador expressou sua consternação são As Examinações de Anne Askew, obra publicada pelo polêmico reformador John Bale em dois volumes: o primeiro em novembro de 1546 – apenas quatro meses após a morte da jovem mencionada – e o segundo em janeiro de 1547. A obra conjuga os relatos atribuídos à própria Askew acerca das acusações de heresia, interrogatórios, condenação e tortura sofridos por ela somados aos extensos comentários de John Bale em relação a esses acontecimentos. Como se pode inferir a partir das afirmações de Van Der Delft, a obra possibilita o estudo da construção de Anne Askew enquanto mártir e dos posicionamentos religiosos defendidas no livro. É a partir desses eixos que a presente pesquisa se desenvolve, com o objetivo de analisar a relação entre a construção narrativa do martírio e a difusão das doutrinas reformadas presentes no livro. Para que isso aconteça, primeiramente, é importante entender o contexto de produção da fonte.

---

<sup>1</sup> François van der Delft (c. 1500 - 1550) serviu como embaixador imperial nas cortes de Henrique VIII e Eduardo VI, entre 1545 e 1550.

<sup>2</sup> William Paget (1506-1563), diplomata e administrador, serviu sob os governos de Henrique VIII, Eduardo VI e Maria I.

<sup>3</sup> “(...) I pointed out to him also the confusion in which they (the English) would find themselves if they did not restrain their people and reduce them to better order than at present in regard to the Holy Sacrament, and all other points where error has crept in. Paget took my remarks in very good part, and expressed himself in such a way as to banish the suspicion I formerly felt that a book printed in English and published here supporting the doctrines of the Sacramentarians and exalting as a martyr the young lady who was burnt here last year, had been issued by the consent of the present rulers of England; but Paget told me that he himself had been very ignominiously treated in the same book, and such enquiry had been made about it, that it was now certain that the book had not been printed in England. He concluded by saying that everything would be put in order (...)”. (HUME; TYLER, 1912)

As Examinações de Anne Askew foram produzidas na década subsequente ao Ato de Supremacia<sup>4</sup> pelo qual Henrique VIII rompeu com a autoridade papal e refletem as disputas que se deram entre conservadores e reformadores no que se refere à definição e estabelecimento das doutrinas centrais da recém-formada Igreja Anglicana. A preocupação com a manutenção da unidade religiosa no reino levou à sanção da primeira declaração doutrinária da Igreja Inglesa – *The Ten Articles*<sup>5</sup> – a qual, em grande medida, reafirmou as doutrinas católicas, mas trouxe algumas mudanças que desagradaram os conservadores, como a doutrina luterana da justificação e a definição de três sacramentos em vez dos sete tradicionais. Apesar das concessões, os reformadores também se mostraram descontentes e seguiram contrapondo-se a questões importantes, como a Real Presença no Santíssimo Sacramento, o que ameaçava a uniformidade religiosa almejada pelo rei<sup>6</sup>.

Essa situação, somada às reações populares desfavoráveis às mudanças de cunho reformado<sup>7</sup> e à pressão política de nações católicas<sup>8</sup>, cooperou para que a reação conservadora ganhasse fôlego e Henrique VIII, recuasse nas concessões feitas aos reformadores. O *Act of Six Articles*<sup>9</sup>, de 1539, pode ser considerado como o marco da virada conservadora no que se refere às questões teológico-doutrinárias referentes à Eucaristia, à confissão, ao celibato clerical e às missas para os mortos. Qualquer que afirmasse ou ensinasse doutrinas que discordassem do que fora estabelecido, seria acusado de heresia, julgado e, se declarado culpado, condenado à fogueira<sup>10</sup>. Apoiados no *Act of Six Articles* e com a anuência do rei, em 1546, os conservadores empreenderam uma forte campanha contra os considerados hereges<sup>11</sup>, dando a eles duas opções: retratação ou morte na fogueira.

Foi nesse momento que Anne Askew<sup>12</sup> se viu em apuros: suas convicções religiosas a colocaram em confronto com a lei. Em março de 1545, Anne Askew foi detida para

---

<sup>4</sup> Ato que declarou Henrique VIII como chefe supremo da Igreja da Inglaterra. (HAIGH, 2004, p. 137-138).

<sup>5</sup> (C. H. WILLIAMS, 1996, p. 795).

<sup>6</sup> (GUNTHER, 2014, p.66-67).

<sup>7</sup> É preciso entender que a autoridade papal havia sido quebrada, mas grande parte da população ainda entendia a religião em acordo com as doutrinas romanas. Para Christopher Haigh, possíveis mudanças teológicas relativas à Eucaristia, à confissão, ao celibato clerical e às missas desagradavam os súditos de Henrique VIII. Em 1538, havia crescentes evidências de descontentamento público em relação a algumas determinações reais, especialmente a autorização da Bíblia inglesa, vista como heresia. (HAIGH, 2004, p.139).

<sup>8</sup> O imperador Carlos V (1500-1558) e o rei Francisco I (1494-1547) formaram uma aliança contra a Inglaterra. (HAIGH, 2004, p.139).

<sup>9</sup> “*Acte Abolishing Diversity in Opynions*”. (WILLIAMS, 1996, p. 814).

<sup>10</sup> (WILLIAMS, 1996, p. 816).

<sup>11</sup> (MACCULLOCH, 1995, p. 179).

<sup>12</sup> Anne Askew (1521-1546), nascida em Lincolnshire, era filha de sir William Askew, gentleman da corte de Henrique VIII e membro do Parlamento e de Elizabeth Wrottesley. Seu pai fez arranjos para que Anne Askew se casasse com Thomas Kyme, no lugar de sua irmã Martha, que havia falecido antes que o casamento se

interrogatório<sup>13</sup> e foi exaustivamente questionada acerca de questões doutrinárias<sup>14</sup>, mas não se comprometeu por completo, dando respostas evasivas e utilizando o silêncio como aliado nos momentos necessários. Após ficar na prisão por alguns dias, sem poder sequer receber visitas, seu primo Brittain conseguiu permissão para visitá-la e posteriormente pôde libertá-la sob fiança<sup>15</sup>. Em liberdade, ela não abandonou suas práticas e convicções, que a levaram a ser detida novamente por heresia no ano seguinte. Dessa vez, entretanto, Askew não adotou uma estratégia de autopreservação e falou abertamente sobre suas convicções às autoridades que a questionavam<sup>16</sup>, sendo condenada à fogueira por heresia. Pesava contra ela, além da acusação de heresia, a suspeita de conexão com o núcleo ligado à rainha consorte Catherine Parr<sup>17</sup>. Tentando confirmar essa suspeita – que poderia se provar fatal para importantes personagens do governo cujas esposas faziam parte do círculo íntimo da rainha – Richard Rich<sup>18</sup> e Thomas Wriothesley<sup>19</sup> submeteram Anne Askew ao *rack*<sup>20</sup>. Ainda assim, ela permaneceu obstinada e não delatou ninguém.

Os detalhes de seus interrogatórios talvez se perdessem, não fosse o fato de Askew ter escrito sobre eles e, de algum modo, tê-los passado adiante antes de sua morte<sup>21</sup>. Uma cópia

---

concretizasse. O casamento, entretanto, não foi feliz. Kyme era católico, ao passo que Anne Askew, ávida leitora das Escrituras, era uma reformadora convicta. No momento de efervescência religiosa em que se encontrava a Inglaterra, essa se provou uma mistura explosiva, culminando, após vários desentendimentos, na violenta expulsão de Askew de casa por seu marido. Askew mudou-se para Londres, onde buscou divorciar-se de Kyme sem sucesso. Lá, aproximou-se de outros reformadores e tornou-se uma “*gospeller*”, o que lhe trouxe conexões e problemas. (ASKEW, 1546, p. 6v); (BEILIN *apud* ASKEW, 1996, p. xvii-xix); (KEMP, 1999, p. 1022).

<sup>13</sup> (BEILIN *apud* ASKEW, 1996, p. xxii).

<sup>14</sup> “...and asked yf I ded not beleve that the sacrament hangynge over the aultre was the verye boodye of Christ reallye”. (ASKEW, 1546, p. 1v-2r), dentre outros exemplos.

<sup>15</sup> (ASKEW, 1546, p. 15v, 39v-40v).

<sup>16</sup> “They sayd to me there, that I was an heretyke and condempned by the lawe, if I wolde stāde in my opynyon. I answered that I was no heretyke, neyther yet deserued I anye death by the lawe of God. But as concernynge the faythe whych I vttered and wrote to the coūsell, I wolde not (I sayd) denye it, bycause I knew it true. Thē wolde they nedes knowe, if I wolde denye the sacrament to be Christes bodye and bloude: I sayd, yea. For the same sonne of God, that was borne of the vyrgyne Marie· is now gloriouse in heauen, and wyll come agayne from thens at the lattre daye lyke as he went vp. Acto. 1. And as for that ye call your God, is but a pece of breade. For a more profe therof (marke it whan ye lyst) lete it lye in the boxe but iij. monthes, and it wyll be moulede, and so turne to nothyge that is good. Wherupon I am persuaded, that it can not be God.” (ASKEW, 1547, p. 31r-31v).

<sup>17</sup> (BEILIN *apud* ASKEW, 1996, p. xvii).

<sup>18</sup> Richard Rich (1496/7-1567) ganhou notoriedade no reinado de Henrique VIII, ocupando uma variedade de cargos oficiais.

<sup>19</sup> Thomas Wriothesley (1505-1550), Lord Chancellor.

<sup>20</sup> Era uma armação horizontal suspensa acima do solo, que era usada como um dispositivo de tortura. Os tornozelos e punhos da vítima eram presos por cordas que passavam em torno dos eixos perto da cabeça e do pé do dispositivo. Quando os eixos eram girados lentamente por polos inseridos nos encaixes, as articulações do quadril, joelho, ombro e cotovelo da vítima eram deslocadas. (ABBOTT, 2017)

<sup>21</sup> Não se sabe se o relato de suas examinações foi escrito em dois períodos – parte após sua prisão em 1545 e parte durante os interrogatórios de 1546 – ou apenas ao longo da última examinação, quando Askew já vislumbrava seu trágico fim. Há dúvidas também sobre as condições de escrita dos relatos, haja vista que John Foxe relata que após a tortura e consequente deslocamento das articulações, Anne Askew se encontrava debilitada ao ponto de precisar ser carregada em uma cadeira por não conseguir se sustentar sozinha. É improvável, portanto, que tenha escrito ao

dos relatos de Anne Askew chegou às mãos de John Bale – protestante feroz em seus ataques à doutrina católica – por meio de mercadores holandeses que contrabandearam esses escritos<sup>22</sup>. Rapidamente, ele comentou os escritos de Anne Askew e quatro meses após a trágica morte da jovem<sup>23</sup>, publicou, em novembro de 1546, *The first examinacyon of Anne Askewe lately martyred in Smythfelde, by the Romysch popes vpholders, with the elucydacyon of Iohan Bale*. Em janeiro de 1547, Bale publicou *The lattre examinacyon of Anne Askewe latelye martyred in Smythfelde, by the wycked Synagoge of Antichrist, with the Elucydacyon of Iohan Bale*<sup>24</sup>.

A falta de dados numéricos acerca da tiragem ou da comercialização dos livros dificulta a compreensão da circulação e do alcance da obra e, portanto, de sua relevância no período. Entretanto, a ausência de números precisos não impossibilita que se afirme com alguma segurança que o caso de Anne Askew, levado a público por John Bale, alcançou considerável popularidade. Uma das evidências que podem ser apresentadas em favor dessa afirmação é justamente a preocupação do embaixador François Van der Delft com a circulação da obra. Na mesma carta – citada acima – William Paget declarou que o livro fora objeto de investigação governamental a fim de rastrear seu local de impressão. Curiosamente, William Paget é citado por Askew como participante das Examinações e duramente criticado por Bale na segunda parte do livro, publicada em janeiro de 1547. Ao embaixador, Paget afirmara ter sido retratado no livro de forma ignominiosa<sup>25</sup>.

De fato, as menções a Paget em *The Latter Examination*, causavam embaraço a alguém que ocupava um importante cargo no governo protestante de Eduardo VI. O secretário é apontado como um dos que tentaram persuadir Anne Askew a falar mais abertamente com seus interrogadores, argumentando inclusive, que ela poderia posteriormente negar o que dissesse naquele momento<sup>26</sup>. Buscou-se remediar tal inconveniência por meio da censura. Ao observar as edições sobreviventes da impressão de 1547 comentada por Bale, é possível ver que algumas foram alteradas – incluindo a que foi consultada para a presente pesquisa – de modo a suprimir

---

menos o trecho final de seus relatos de próprio punho. Uma hipótese é a de que ela tenha ditado os acontecimentos para que alguém escrevesse.

<sup>22</sup> (PENDER, 2012, p. 36-37).

<sup>23</sup> Anne Askew morreu em 16 de julho de 1546, em Smithfield.

<sup>24</sup> Doravante, as obras serão referidas no texto como *The First Examination* e *The Latter Examination*.

<sup>25</sup> Ver nota 3.

<sup>26</sup> “Then came mastre Pagett to me with manye gloryouse wordes, and desyred me to speake my mynde to hym. I myght (he sayd) denye it agayne, if nede were.” (ASKEW, 1547, p. 20r).

o trecho em que John Bale fez duras críticas a sir William Paget<sup>27</sup>. A edição impressa posteriormente no mesmo ano, em Londres, reunindo as duas Examinações<sup>28</sup>, manteve a censura do trecho que se tentou esconder, de modo que ele foi excluído da impressão. Em 1548, foi feita uma nova edição das Examinações, na qual há a supressão de uma parte ainda maior da obra, eliminando por completo qualquer tipo de menção a sir William Paget. Sua participação, a partir de então, foi apagada dos interrogatórios de Askew e nenhuma menção do seu nome foi vista nas edições posteriores, inclusive nos *Acts and Monuments* de John Foxe. Este exemplo testemunha acerca do potencial político e difamatório da obra de Anne Askew, o qual não se realizaria se a obra não houvesse alcançado certo grau de notoriedade e relevância.

A popularidade das Examinações talvez se explique em parte pela curiosidade formada em torno da personagem principal e da perplexidade diante de sua tortura. Em uma carta enviada em 02 de julho de 1546, Otwell Johnson, um comerciante de Londres, informa seu irmão acerca dos últimos acontecimentos na cidade concernentes a alguns cristãos que professavam a fé reformada, com a qual a família Johnson se identificava. Com certa dose de ironia, Otwell escreve sobre mais uma dentre as muitas retratações feitas por Dr. Crome<sup>29</sup> diante de mais uma acusação de heresia. Em seguida, comunica sobre a posterior prisão de cinco pessoas – dentre as quais uma mulher – também acusadas de heresia e, após julgamento, sentenciadas à fogueira. Dois dos condenados, Nicholas Shaxton<sup>30</sup> e Nicholas White<sup>31</sup>, aceitaram se retratar e provavelmente escapariam da execução. Os demais permaneceram firmes em suas declarações. Até então, para aquele homem, nada ali se configurava como excessivamente atípico, haja vista que há alguns anos os habitantes de Londres acompanhavam o desenrolar dos embates entre conservadores e reformadores, que frequentemente culminavam em situações análogas a essa. Entretanto, um aspecto dessa história causa estranhamento ao remetente: o fato de a mulher, uma dama bem-nascida, ter sido submetida à tortura no *rack*

---

<sup>27</sup> “Not all unlike is thys Pagett here, unto those graye fryres whych made of Christ but a fygure or shaddowe (...)”. O trecho aqui apresentado foi recortado da fonte utilizada na presente pesquisa, entretanto, pode ser consultado em (ASKEW, 1996, p. 101).

A parte superior da página 23 – da edição de 1547 de *The Latter Examination* (STC 850) – foi recortada de alguns exemplares, de modo a eliminar as quatro primeiras linhas do texto. O verso da página anterior foi colado a ela, suprimindo os comentários que Bale teceu sobre Paget. Entretanto, nem todos os exemplares sofreram essa censura, como por exemplo, as cópias que se encontram na Bodleian Library e na Universidade de Harvard (BEILIN apud ASKEW, 1996, p. xlvi).

<sup>28</sup> (ASKEW, 1547b)

<sup>29</sup> Edward Crome (d. 1562) foi um clérigo da Igreja da Inglaterra e um controversalista religioso. Por diversas vezes foi acusado de heresia e utilizou a retratação como estratégia para escapar da condenação à fogueira.

<sup>30</sup> Nicholas Shaxton (c. 1485-1556) foi um reformador inglês e Bispo de Salisbury.

<sup>31</sup> Otwell Johnson enganou-se ao se referir a Christofer White.

mesmo após seu julgamento e condenação<sup>32</sup>. Além da perplexidade causada pelas circunstâncias da tortura, não era comum que o público tivesse acesso ao tipo de relato fornecido por Askew, haja vista que durante o reinado de Henrique VIII, apenas dois relatos pessoais foram escritos da prisão: o de Anne Askew e o de John Frith<sup>33</sup>.

Na documentação do século XVI abundam menções à Anne Askew, as quais permitem a constatação de que a divulgação da história, realizada por Bale, alcançou considerável sucesso. Em seu tratado direcionado aos “conturbados na mente e afligidos no corpo”, Andrew Kingsmill<sup>34</sup> exorta para que se lembrem “daquela mulher fiel e valorosa mártir de Jesus Cristo” e de como ela não se deixou abalar diante da tortura, nem da fogueira<sup>35</sup>. Margarida de Navarra<sup>36</sup> também exalta a memória de Askew, afirmando que ela “conquistou a mais nobre vitória sobre a pestilenta semente do viperino verme de Roma” e jamais deve ser esquecida pelos justos<sup>37</sup>. Escrevendo à sua esposa, Miles Coverdale<sup>38</sup> a aconselha a manter como exemplo “aqueles que

---

<sup>32</sup> “Our Newes hier of D<sup>r</sup>. Cromes canting, recanting, decanting, or rather double canting, be thies: that on Sunday last, befor my Lorde Chauncelor, the Duke of Norfocke, my Lord Great M<sup>r</sup>., M<sup>r</sup>. Riche, M<sup>r</sup>. Chauncelor of the Tenths, with the Suthwells, Pope, and other nobles and knightes, and on th’other side the Bisshoppes of London and Wourcester, all principal Doctors and Denes, beside gay grayamesses, a and a rable of other marked people, the reverent Father just named openly declaired his true measning and right understanding (as he said and according to his conscience) of the vj. or vij Articles you hard of as he shuld have done upon the ij<sup>de</sup> Sondag after Ester, but that he was letted from bis said true intent by the persuasions of certain perverse mynded persons, and by the sight of lewde and ungodly books and writings, for the which he was very sorry, and desired the audience to be ware of such books, for under the fayer appierance of them was bidden a daungerous accombraunce of Christen conscienses, and so exhorted all men to embrace auncientnes of catholike doctrine, and forsake new fanggelnes.

On Monday following quondam bishopp Saxon, M<sup>res</sup>. Askewe, Christofer White, one of M<sup>res</sup>. Fayres sons, and a tayliour that come from Colchester or therabout, wer’arraigned at the Guyld Hall and received thayer judgement of my Lord Chauncelor and the Counsail to be burned, and so wer comitted to Newegate agen. But sins that tyme, th’aforsaid Saxon and White have renounced thayr opinions, and the talke goeth that they shall chauce to escape the fyer for this viage: but the gentilwoman and th’other man remayne in stedfast mynd, and yet she hath ben rakked sins her condempnacion (as men say) which is a straunge thing in my understanding. The Lord be mercifull to us all.” (ELLIS, 1828, p. 176-178).

<sup>33</sup> The Articles wherefore John Frith Died (1533). (COLES, 2002, p. 518).

<sup>34</sup> Andrew Kingsmill (1537/8–1569) era um jurista civil e ativista religioso.

<sup>35</sup> “Call to your remembrance that faithfull woman and worthie martyr of Iesus Christ your owne countrie woman *Anne Askew*: her imprisonment moued her not, she litle weyed the cruel torture and tearing her bodie on the racke, she ioyfully went to the fyer, and was of more comfort in feeling the paine, and lesse wearie thereof, then the lookers on to beholde, or the tormentours to do execution” (KINGSMILL, 1577).

<sup>36</sup> Margarida de Navarra (1492-1549) foi rainha consorte de Navarra pelo seu casamento com Henrique II de Navarra.

<sup>37</sup> “Consydre yet how strongly that sprete in Anne Askewe, set them all at nought with all their artyllery and mynsters of myschefe both vpon the racke and also in the fyre. Whose memory is now in bene|dyccyon (as Iesus Syrach reporteth of Moses) and shall neuer be forgotten of the ryghteouse. She as Christes myghty membre, hath strongly troden downe the head of the serpent, and gone hence with most noble vycctory ouer the pestyferouse seede of that vyperouse worme of Rome, the gates of helle not preuaylynge agaynst her” (MARGUERITE, 1548, f. 46v).

<sup>38</sup> Miles Coverdale (1488–1569), tradutor da Bíblia e bispo de Exeter.

se comportaram corajosamente pela causa divina”, dentre os quais cita Anne Askew juntamente com Estevão, os apóstolos Pedro e Paulo e outras “fiéis testemunhas de Cristo”<sup>39</sup>.

As menções a Askew, entretanto, nem sempre são positivas. Em obra impressa com o propósito de expor “os protestantes e suas práticas e com a descrição de seus diversos abusos”, as Examinações são descritas como um livro furioso e Askew é retratada como “mártir do diabo, instruída por ele a seguir seus passos raivosos”<sup>40</sup>. O Bispo Gardiner, por sua vez, refere-se ao livro como “pernicioso, sedicioso e escandaloso”, dirigindo duras críticas a Bale por retratar Anne Askew como mártir, sendo ela culpada por negar a Real Presença e, portanto, infratora da lei e merecedora da condenação que sofreu. Segundo Gardiner, as informações contidas nas Examinações são totalmente deturpadas<sup>41</sup>.

Como demonstrado, as menções às Examinações são diversas desde o momento de sua publicação. Entretanto, a primeira abordagem acadêmica à obra foi feita por John N. King em 1982<sup>42</sup>, na esteira dos estudos realizados a partir dos anos 1970, os quais buscaram reinterpretar a natureza dos textos literários, não como obras isoladas, mas a partir de sua relação com os vários aspectos da sociedade. Nesse contexto, as Examinações forneceram material fecundo para pesquisa, especialmente, em trabalhos que visavam destacar a agência feminina na época moderna. Destacam-se, aqui, duas importantes coleções que se propuseram a compilar escritos

---

<sup>39</sup> “Set before your eyes alwayes the examples of suche as haue behaued themselues boldelye in Gods cause: as Steuen, Peter, Paul, Daniell, the three children, the wydowes sonnes, and in youre dayes Anne Askewe, Laurence Saunders, Iohn Bradford, with many other faythfull witnesses of christ” (COVERDALE, 1564, p. 130-131).

<sup>40</sup> “Such & the like was y charitie of Anne Askewe, so ofte by Bale lykened to *Blandina* that true martyr of Christes churche, in his furious boke which he wrote of her death a noble pece of worke, & mete for such a champion to be thauthor. The sayde Anne Askewe, was of suche charitie, that when pardon was offered, she defied them all, reuyling the offerers therof, with suche opprobrious names, that are not worthy rehersall, making the lyke sygnes too the preacher at her death, as her pue fellowe & syster in Christ, Ioane Butcher dyd, at Skorie aforesayde. These arrogant and presumptuous martirs, in the time of their deathes, doo lytle esteme the woordes of sayncte Paule, sayinge: If I had the spirite of prophecie, and knew al misteries and all maner of cunningg: Also if I had all fayth, in so muche as I could trāslate, and cary awaye mouitaynes, yet were I nothyng if I lacked charitie. Moreouer, if I dyd distribute all my goodes in fedying the poore people, and although I gaue my body to bee burned, hauing no charitie, it nothyng auayleth me. Thus yf they esteemed the Godly exhortaciōs of holy scriptures, they wold not so vncharitably vse thēselfes especiallye at the extremitie of death. But the deuel, whose martyrs they bee, dothe alwayes instructe his darlinges, to followe hys ragyng steppes”. (HUGGARDE, 1556, p. 47v-48r).

<sup>41</sup> “I haue seen of late 2. bokes set forth in englysh by Bale very pernicious, sedicious & slaundrous. [...] For it greueth me not a litle, to se so sone after my late soueraigne L. & maisters death, a boke spread abrode more to his dishonor (if a princes honor may be by vile inferior subiects ipeched) then professed enemies haue imagined to note, a womā to haue suffred vnder him as a martyr, & the womā therwith to be by Bales own elucidaciō (as he calleth it) so set forth & painted as she aperith to be, & is boasted to be a sacramētary, & by the lawes worthy (as she suffred) þ<sup>e</sup> paines of death[...] And yet Bale þ<sup>i</sup> noble clerke, wold haue Anne Askew blasphemously denyng the presence of Christes natural body to be taken for a saint also. So as Bales saintes may vary in heauen, if they chaunse not by the way [...] And one thing is maruelous, that at the same time it is taught that al men be liers, at the selfe same time almost euery man would be beleued. And emōgest thē, Bale when his vntruth apereth euidently in setting forth the examination of Anne Askewe which is vtterly misreported”. (FOX, 1563, p. 789).

<sup>42</sup> (KING, 1982).

de autoria feminina do período e destinaram um de seus volumes à Anne Askew. Elaine Beilin, editora de *The Examinations of Anne Askew*, da coleção *Women Writers: 1350-1850*<sup>43</sup>, afirma ter como propósito assegurar que a reputação de Askew enquanto escritora seja tão sólida quanto a popularidade de sua história de vida<sup>44</sup>. Os editores gerais de *The Early Modern Englishwoman*<sup>45</sup>, por sua vez, declaram ter como missão a divulgação de textos femininos excluídos do cânon literário, com o objetivo de possibilitar novas interpretações do período em questão.

Os propósitos declarados nessas coleções revelam o direcionamento de grande parte das pesquisas que se desenvolveram a partir das Examinações. Em *Redeeming Eve*, Elaine Beilin defende que escritos de autoria feminina nos primórdios da época moderna não eram tão atípicos quanto se possa imaginar. A autora argumenta em favor da existência de uma tradição moderna de escrita feminina, que consiste em uma significativa parte da cultura inglesa. Segundo Beilin, a escrita feminina era caracterizada pela ênfase na virtude das próprias autoras que, longe de serem herdeiras da tendência à rebelião da primeira mulher – Eva – buscavam redimi-la por meio de palavras e ações virtuosas. Um dos exemplos apresentados por Beilin ao construir sua argumentação – e ao qual dedica um capítulo – é justamente o caso de Anne Askew, que fornece a singular oportunidade de comparar os escritos de uma mulher sobre si, com os comentários feitos por um homem contemporâneo a ela<sup>46</sup>.

Outro trabalho que se constitui a partir da oposição entre Askew e Bale – e entre Askew e Foxe, no caso dos *Acts and Monuments* – é o de Kimberly Coles, intitulado *The Death of the Author (and the appropriation of her text): The Case of Anne Askew's Examination*. O argumento é de que os escritos por meio dos quais Askew se constrói são amplamente deformados por seus editores, que ressignificam e reinterpretam o relato por meio de suas intervenções, dando novo sentido às palavras. Coles demonstra que a atitude de Askew em relação à interpretação das Escrituras se dá na esfera pessoal, ou seja, não há interesse em persuadir outros a acreditarem do mesmo modo. Bale, por sua vez, teria feito os comentários com vistas a convencer outros de suas próprias interpretações, buscando dar estabilidade

---

<sup>43</sup> Edição geral de Susanne Woods e Elizabeth H. Hageman (ASKEW, 1997).

<sup>44</sup> (ASKEW, 1996, p. xlii).

<sup>45</sup> O título que inaugura a coleção é a edição fac-símile das Examinações, intitulada *Anne Askew* (ASKEW, 1997).

<sup>46</sup> (BEILIN, 1987).

doutrinária a um relato que não se propunha a isso. As anotações de Bale são caracterizadas por Coles como invasivas, tendo distorcido o sentido original da obra<sup>47</sup>.

Tendo também como pressuposto a apropriação dos relatos das Examinações, tanto pelos propagandistas da reforma, quanto pelos conservadores – cuja intenção era o vitupério de seus rivais –, Theresa D. Kemp busca outro caminho: uma “terceira via” que buscasse evidenciar Anne Askew para além da moldura com a qual os editores adornaram sua história. O objetivo gira em torno da ideia de que os escritos da autora, quando descolados das intervenções feitas por John Bale e por John Foxe, podem fazer com que se tenha uma ideia mais aproximada de quem foi Anne Askew, quais suas motivações e de como ela interpretou os acontecimentos dos quais se viu protagonista<sup>48</sup>.

Os trabalhos acima mencionados guardam entre si um ponto em comum: propõem-se a recuperar a autoria de Anne Askew<sup>49</sup>, argumentando que a obra a ela atribuída teria sido sufocada e distorcida, principalmente pela apropriação de seu primeiro editor, John Bale. Tais trabalhos, principalmente os que imputam a Bale a apropriação desonesta dos escritos de uma mulher, partem do pressuposto de que é possível analisar separadamente o texto creditado a Anne Askew dos profusos comentários de John Bale e, desse modo, desvendar suas intenções e “recuperar sua voz”<sup>50</sup>. Nesses casos, não se contesta a autenticidade do que Bale apresentou como tendo sido escrito por Askew, o que pode trazer certa fragilidade aos fundamentos da pesquisa. A ausência dos manuscritos originais, que supostamente foram contrabandeados para fora da prisão, impossibilita a comparação analítica com as obras impressas para determinar se o texto atribuído a Askew não sofreu também a interferência de Bale – ou se ela, de fato, escreveu tal narrativa.

Ademais, Oliver Wort<sup>51</sup> chama a atenção para a vulnerabilidade a interferências apresentada por esse tipo de relato. Depois de escritos na prisão, teriam sido entregues, possivelmente, a amigos de Askew. John Bale, por sua vez, alega ter recebido uma cópia, e não os manuscritos originais. Não se sabe, portanto, por quantas mãos o texto passou até chegar à

---

<sup>47</sup> (COLES, 2002).

<sup>48</sup> (KEMP, 1999).

<sup>49</sup> É comum nesses textos a ideia de “recuperar a voz autêntica de Anne Askew” (WORT, 2007, p. 655). Beilin defende que a análise das Examinações com e sem os comentários de Bale evidenciam a diferença entre a forma como Askew representa a si mesma e o modo como sua história é ressignificada por Bale (BEILIN, 1987, p. 31). A ideia geral, como apontado por Freeman e Wall, é a de recuperar, para além das intervenções de Bale, a narrativa que se credita a Anne Askew (FREEMAN; WALL, 2001, p. 1192).

<sup>50</sup> Jennifer Richards aponta que a expressão “recuperar a voz” – muito presente na bibliografia estudada – é uma metáfora referente à agência feminina (RICHARDS, 2017, p. 8).

<sup>51</sup> (WORT, 2007).

impressão, mas é plausível alegar que esteve vulnerável a alterações ao longo processo. Para analisar as possíveis interferências de Bale presentes no texto de Askew, Oliver Wort faz uma interessante comparação entre as Examinações e outro trabalho do mesmo, realizado quando ainda era um frei carmelita: *Diue Anne Vitam*<sup>52</sup>, sobre a vida de Santa Ana, mãe da Virgem Maria. Nesse trabalho, Wort demonstra que Bale reproduziu evidências distorcidas e exerceu sua cota de distorções e, conseqüentemente, “estaria familiarizado com a arte de inventar fontes falsas sobre vidas femininas”<sup>53</sup>. Além disso, comparando as Examinações a outras obras de

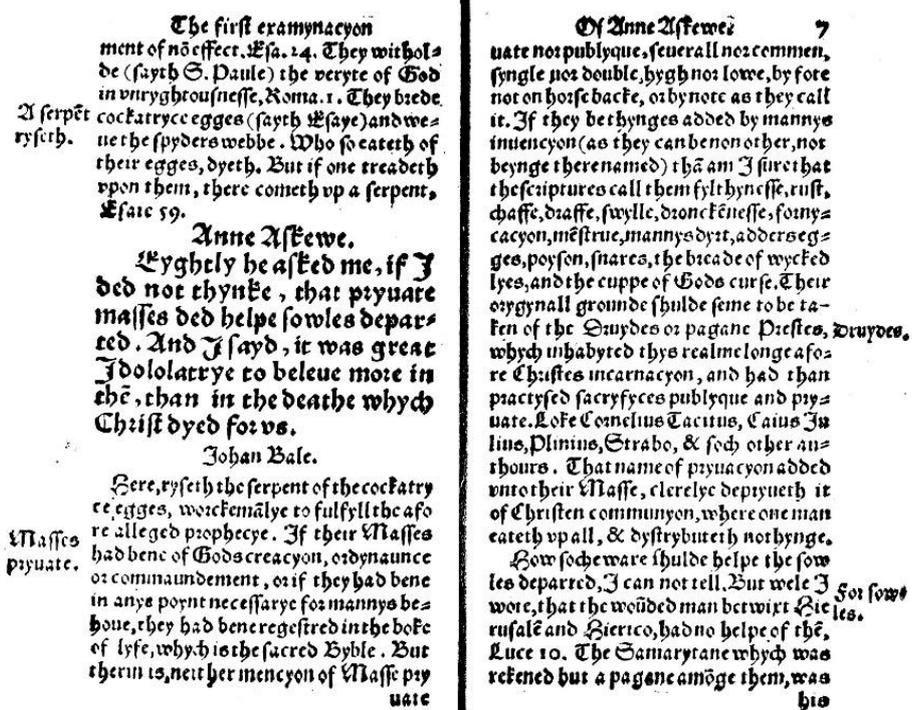


Imagem 1. Uma das páginas da primeira edição de *The First Examination* (1546). Na imagem, é possível ver a distinção tipográfica entre o relato de Anne Askew e os comentários de John Bale.

Bale, mostra como expressões tipicamente usadas por ele estão presentes em frases atribuídas a Anne Askew. Portanto, apesar do claro esforço em diferenciar o seu texto e o de Askew – inclusive pela distinção tipográfica entre ambos (como pode ser visto na Imagem 1) – é provável que as intervenções de Bale não tenham se limitado aos seus comentários. As evidências não são suficientes pra determinar se John Bale forjou informações, mas atestam que é plausível supor a impossibilidade da extração de um texto que reflita puramente a autoria de Askew.

<sup>52</sup> 1523-1524.

<sup>53</sup> Pode-se citar como exemplo o fato de Bale retratar São Cirilo – o qual teria apresentado a genealogia da Virgem Maria no Concílio de Éfeso, em 431 – como um carmelita. A ordem, entretanto, só foi fundada no século XII. A distorção da informação teria como objetivo a associação da ordem carmelita a Santa Ana e à Virgem Maria e, conseqüentemente, à linhagem de Jesus (WORT, 2007, p. 644-645).

Entre o otimismo dos que querem descolar o texto de Askew da intervenção de Bale e o ceticismo de Oliver Wort, apresenta-se a proposta de Thomas S. Freeman e Sarah Elizabeth Wall. Eles alertam para o fato de que a ideia de que a autoria no século XVI pode ser vista como ato individual, ou até mesmo solitário, é equivocada<sup>54</sup>. Nesse sentido, concordam com Stephen B. Dobranski<sup>55</sup>, o qual argumenta que a autoria nos primórdios da Época Moderna deve ser vista como ato colaborativo entre autor, editor e impressor. Freeman e Wall, portanto, defendem que a autoria das Examinações deve ser encarada como uma construção colaborativa entre Askew e Bale.

A presente pesquisa, ciente das complicações decorrentes das dúvidas levantadas acerca da autenticidade dos manuscritos a partir dos quais as Examinações se constituem, opta pelo engajamento com a obra centrado no protagonismo de John Bale. Uma aproximação inicial da fonte evidencia que ele não se limitou a replicar uma história que chegou às suas mãos. Por meio dos escritos anexados aos relatos atribuídos à Askew, ele a apresenta como parte de um contexto que extrapola a história que se passou ao longo dos interrogatórios. John Bale, narrativamente, constrói e apresenta Anne Askew como mártir da causa reformada e, no processo, expõe e defende seu posicionamento acerca de questões teológicas. A pesquisa, desse modo, procura compreender as estratégias narrativas, retóricas, visuais e teológicas empreendidas para a construção martirológica de Anne Askew como personagem modelo da causa reformadora. Entende-se que, mais do que a oportunidade de recuperação autoral de Anne Askew – já extensivamente explorado em trabalhos acadêmicos –, as Examinações, enquanto fonte histórica, possibilitam a abordagem da questão do martírio por um prisma ainda não devidamente explorado, a saber, o uso da retórica do martírio como recurso persuasivo para a defesa de posições doutrinárias nas primeiras décadas subsequentes ao Ato de Supremacia da Igreja Inglesa.

Sendo assim, o trabalho que se desenvolve tem como objetivo analisar a construção do martírio e sua importância na validação e difusão do posicionamento teológico-doutrinário do polêmico reformador John Bale. Para isso, partirá da análise de As Examinações de Anne Askew que serão comparadas com outras obras que circulavam no período. A pesquisa se desenvolverá em duas frentes. Primeiramente, serão analisadas as estratégias retóricas utilizadas para construir Askew enquanto mártir, buscando explorar a construção da autoridade de Bale enquanto artífice da narrativa. Em seguida, o foco da análise se voltará para as doutrinas

---

<sup>54</sup> (FREEMAN; WALL, 2001, p. 1168).

<sup>55</sup> (DOBRANSKI, 2008, p. 28).

reformadas expostas e defendidas por Bale, destacando-se o posicionamento em relação à Real Presença no Sacramento – ponto fulcral nas discussões teológico-doutrinárias do período. As duas frentes exploradas convergirão ao final do trabalho, de modo a argumentar em favor da compreensão da história de martírio enquanto artifício de persuasão em prol das posições doutrinárias que a acompanham. Espera-se, assim, contribuir para a compreensão da retórica reformada e das disputas em torno da definição teológico-doutrinária da Igreja Inglesa – recém emancipada da autoridade romana – no século XVI.

## CAPÍTULO 01: A construção do martírio de Anne Askew

Robert Crowley<sup>56</sup>, reformador inglês ligado a John Day e a outros impressores da época, publicou um livro, em 1548, no qual se propõe a refutar a retratação de Nicholas Shaxton, divulgada no ano anterior. Shaxton fora preso juntamente com Anne Askew e outros, mas, diferentemente dela, escapou à fogueira negando suas convicções em treze artigos que foram impressos posteriormente e que são alvo das críticas de Crowley. Este, produziu o livro que traz como título: *“The confutation of the. xiii. articles, wherunto Nicolas Shaxton, late byshop of Salilburye subscribed and caused to be set forth in print the yere of our Lorde. M.C.xlvi. whe[n] he recanted in Smithfielde at London at the burning of mestres Anne Askue, which is liuely set forth in the figure folowyng. In the nexte page shalt thou finde the contentes of thys little boke.”* [A refutação dos treze artigos, os quais Nicholas Shaxton, anteriormente Bispo de Salisbury, subscreveu e fez com que fossem impressos no ano de Nosso Senhor 1546, quando ele se retratou em Smithfield, em Londres, durante a execução na fogueira da senhorita Anne Askew, que é vividamente apresentada na figura que se segue. Nas próximas páginas se encontram os conteúdos desse pequeno livro].

A figura à qual Crowley se refere no título é uma xilogravura que retrata a execução de Anne Askew e outros três reformadores, no dia 16 de julho de 1546 (Imagem 2)<sup>57</sup>. Nela podemos ver toda a dramaticidade da cena que teve lugar em Smithfield. A imagem mostra um grande número de pessoas reunidas de modo a assistir o terrível espetáculo. Os espectadores – multidão curiosa – se aglomeram ao redor do local onde a cena principal se desenrola na representação imagética. Há inclusive pessoas assistindo de cima dos telhados e outras amontoadas nas janelas próximas, a fim de garantir a melhor vista possível da cena. Os cavalos agitados pela movimentação e as pessoas caídas nos cantos inferiores da imagem, provavelmente disputando por espaço, exprimem o clima de tensão adequado à ocasião.

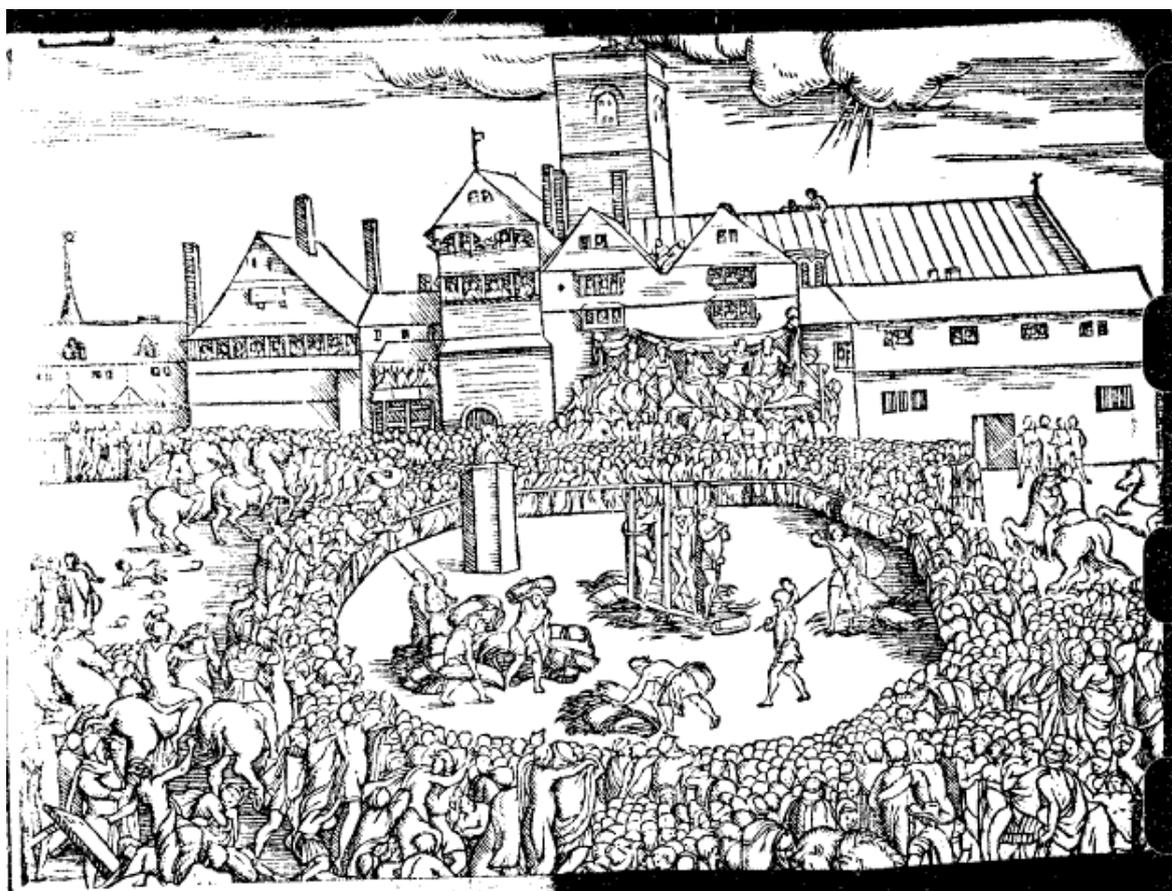
O leitor, ao deparar-se com a imagem, tem uma vista privilegiada da cena. Além da multidão ansiosa, é possível identificar ao fundo um palanque montado de modo a receber as autoridades que deveriam acompanhar a execução da pena. Ao centro, circulam soldados com

---

<sup>56</sup> Robert Crowley (c.1517-1588) era um forte defensor de que a Igreja Inglesa deveria assumir posições reformadas, que se distanciassem mais da Igreja Romana. Fazia parte do círculo que incluía os reformadores Hugh Latimer (c.1487-1555), Thomas Becon (c.1511-1567) e Thomas Lever (1521-1577).

<sup>57</sup> A mesma imagem foi inserida posteriormente em *The Acts and Monuments*, de John Foxe (CROWLEY, 1548).

lanças, a fim de garantirem a ordem da cerimônia. Próximo a eles, algumas pessoas se ocupam dos últimos preparativos, carregando feixes de palha. Há também um púlpito montado, de modo que o pregador da ocasião – Nicholas Shaxton – se erguesse para falar aos presentes, em especial dirigindo-se aos condenados. São estes, portanto, que completam o quadro. Ao centro do círculo principal encontram-se quatro pessoas despidas e atadas aos postes montados, de onde aguardam a execução da pena. Além disso, em consonância com o que foi relatado por John Bale, a imagem traz os trovões, que supostamente foram ouvidos na ocasião, e acompanharam o escurecimento das nuvens, situação que é interpretada como a reação divina diante da “tirana matança de inocentes”<sup>58</sup>.



*Imagem 2. A execução de Anne Askew e seus companheiros, imagem que faz parte do livro de Robert Crowley, de 1548.*

<sup>58</sup> “Credybylye am I infourmed by dyuerse duche merchauntes whych were there present, that in the tyme of their sufferynges, the skye abhorrynge so wycked an acte, sodenlye altered coloure, and the cloude from aboue gaue a thöder clappe, not all vnlyke to that is written, Psal. 76. The elementes both declared therein the hygh dyspleasure of God for so tyrāouse a murder of innocentes, and also expreslye sygnifyed hys myghtye hande present to the confort of them whych trusted in hym, besydes the most wonderfull mutacyon whych wyll within short space therupon folowe.” (ASKEW, 1547, p. 67r).

Diante de toda a agitação e tensão vividas no momento, qual terá sido o sentido dado por cada um dos presentes àquela execução? Sobretudo, para a presente pesquisa, interessa saber: quem era Anne Askew para aquelas pessoas?

As autoridades que testemunhavam a execução como representantes do governo inglês, para as quais se construiu um palanque, certamente não tinham dúvidas: Anne Askew e seus companheiros eram hereges e, portanto, criminosos que deveriam sofrer os rigores da lei.

A heresia pode ser definida como uma interpretação, doutrina ou sistema teológico rejeitado como falso pela Igreja. Esse conceito ganha sentido diante da necessidade de manutenção da coesão, que se deu por razões diferentes ao longo da trajetória do cristianismo. Nos primórdios da era cristã, por exemplo, o conceito de heresia serviu para diferenciar o cristianismo de outras religiões, em especial o judaísmo e o paganismo romano. Com a progressiva organização da religião, atribuir a ideias conflitantes o estigma de heresia acabou funcionando como forma de manutenção do poder institucional<sup>59</sup>.

O próprio texto bíblico neotestamentário encorajava a ideia de unidade da fé cristã. Na sua primeira epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo orientou os fiéis: “Suplico-vos, queridos irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que concordeis uns com os outros no que falam, a fim de que não haja entre vós divisões; antes, sejais totalmente unidos, sob uma mesma disposição mental e no mesmo parecer”<sup>60</sup>. O Evangelho de João atribui ao próprio Cristo o desejo de unidade ao apresentar sua oração, na qual pediu: “...para que todos sejam um, Pai, como Tu estás em mim e Eu em Ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”<sup>61</sup>.

A questão da heresia na Inglaterra do século XVI não era apenas ligada à expressão da fé. Henrique VIII dava grande importância à unidade religiosa no reino, mesmo antes de romper com a autoridade papal. Em 1521, foi proclamado *Fidei Defensor* em virtude do panfleto *Assertio septem sacramentorum adversus Martinum Lutherum* escrito contra Lutero<sup>62</sup>, que posicionava o rei inglês no lado católico das disputas religiosas europeias naquele momento e, portanto, como defensor da coesão da religião cristã, ameaçada pelos ideais reformadores. Com o Ato de Supremacia, de 1534, o rei assumiu a posição de chefe da Igreja Inglesa e, diante da

---

<sup>59</sup> (EVANS, 2002).

<sup>60</sup> I Coríntios 1.10.

<sup>61</sup> João 17.21-22.

<sup>62</sup> Os editores da Encyclopædia Britannica. Ver também (REX, 1993, p. 133).

ruptura com a Igreja Romana, precisava assegurar a autoridade sobre seus súditos em assuntos da religião com mais ímpeto. No entanto, suas escolhas foram frequentemente questionadas, seja quando se aproximou mais das ideias reformadas, seja quando assumiu posturas conservadoras. As prisões de Anne Askew aconteceram justamente no contexto em que o governo tinha necessidade de dar resposta aos constantes desafios feitos aos dogmas estabelecidos.

Tais dogmas foram definidos, em grande medida, por meio do Ato de Seis Artigos<sup>63</sup>, apelidado pelos reformadores como “o sangrento chicote de seis cordas”, pois sepultava as esperanças de que a Igreja Inglesa adotasse posturas reformadas. O Ato, na verdade, mostra que Henrique VIII optou veementemente pelo conservadorismo, ou seja, pela proximidade dogmática com a Igreja Romana. Os Seis Artigos, como se vê a seguir, reafirmaram os dogmas católicos, com exceção da submissão ao Papa:

**“Primeiro**, que no mais abençoado Sacramento do altar, pela força e eficácia da poderosa Palavra de Cristo, proferida pelo sacerdote, está presente de fato, sob a forma de pão e vinho, o corpo e o sangue naturais de nosso salvador Jesus Cristo, concebido da Virgem Maria, e que após a consagração não resta substância de pão ou vinho, nem qualquer outra substância além da substância de Cristo, Deus e homem.

**Segundo**, que a comunhão em ambos os tipos não é necessária *ad salutem* (para a salvação), pela lei de Deus, a todas as pessoas; e que nisso se deve crer e não duvidar: que na carne, sob a forma de pão, está o sangue; e que no sangue, sob a forma de vinho, está a carne; o mesmo se dá quando os elementos estão separados: é como se estivessem juntos.

**Terceiro**, que os sacerdotes após terem recebido o sacerdócio, e mesmo antes, não devem se casar, pela lei de Deus.

**Quarto**, os votos de castidade ou viuvez, de homem ou mulher, feitos a Deus com prudência, devem ser observados pela lei de Deus; e que os isenta de outras liberdades do povo cristão, das quais, sem isso, eles poderiam desfrutar.

**Quinto**, é necessário que as missas privadas sejam continuadas e admitidas nesta Igreja e Congregação Inglesa do Rei, por meio das quais o bom povo cristão, ordenando-se em conformidade, receba consolações e benefícios piedosos; e é agradável também à lei de Deus.

**Sexto**, que a confissão auricular é conveniente e necessariamente deve ser mantida e continuada, usada e frequentada na Igreja de Deus.<sup>64</sup>

A lei ainda determinava as penalidades impostas diante do descumprimento de cada um dos seis artigos, sendo a mais severa atribuída àqueles que contestassem o teor do primeiro artigo, ou seja, negassem a Real Presença no Sacramento: sendo julgados hereges, estariam sujeitos à pena de morte na fogueira, além de perderem, juntamente com seus herdeiros, os

---

<sup>63</sup> O nome oficial – Ato que abole a diversidade de opiniões (“*Acte Abolishing Diversity in Opynions*”) (PENDER, 2012, p. 52).

<sup>64</sup> (WILLIAMS, 1996, p. 814-817).

títulos, honras e propriedades que lhes pertenciam<sup>65</sup>. As penas dirigidas aos ofensores que porventura fossem enquadrados nos outros artigos variavam entre confisco de bens, perda de títulos ou aprisionamento. Até mesmo a tipificação do crime era diferente: não eram considerados hereges (*heretics*), mas criminosos (*felons*)<sup>66</sup>.

A pena de morte na fogueira não era uma novidade trazida pelo Ato dos Seis Artigos, mas um tipo de execução já conhecida e aplicada em períodos anteriores e reservada para aqueles que cometessem crimes relacionados à crença. Esse tipo de execução tinha forte caráter exemplar, portanto deveria ser realizada em praça pública. A morte lenta e agonizante presenciada pelo público deveria servir para impressionar e desencorajar outros que porventura pudessem incorrer no mesmo erro. Além disso, o fogo tinha um caráter simbólico, pois prefigurava o sofrimento eterno ao qual o herege seria submetido após a morte. Ademais, segundo Steven Mullaney, representava a “total aniquilação do corpo físico, seu apagamento da existência e memória”<sup>67</sup>.

Esse ímpeto pelo apagamento explica, por exemplo, a exumação do corpo de John Wyclif<sup>68</sup>, que declarado um heresiarca – fundador de uma nova heresia – teve seus restos mortais queimados e suas cinzas espalhadas<sup>69</sup>. Foram justamente as ideias de Wyclif e o incômodo causado pelos seus seguidores, os Lollardos, que motivaram o governo inglês a endurecer as leis relativas à heresia, pois ameaçavam a unidade religiosa no reino. Foi nesse contexto que se iniciou a perseguição oficial à heresia na Inglaterra, com o decreto *De Haeretico Comburendo*, de 1401, que previa a pena capital aos considerados hereges, os quais seriam

---

<sup>65</sup> “It is therefore ...enacted...that if any person or persons within this realm of England or any other the king’s dominions, after the twelfth day of July next coming, by word, writing, imprinting, ciphering, or in any other wise do publish, preach, teach, say, affirm, declare, dispute, argue, or hold any opinion that in the blessed sacrament of the altar under form of bread and wine, after the consecration thereof, there is not present really the natural body and blood of our Saviour Jesu Christ conceived of the Virgin Mary; ... by the authority abovesaid, shall be deemed and adjudged heretics, and that every such offence shall be adjudged manifest heresy, and that every such offender and offenders shall therefor have and suffer judgment, execution, pain, and pains of death by way of burning.” (WILLIAMS, 1996, p. 816).

<sup>66</sup> “Any person who, after 12 July 1539, shall preach, teach, or affirm contrary to the other five articles, and any priest who having vowed chastity shall marry, is declared to be a felon without benefit of clergy. The Patron may present to the living of a priest marrying, as though he had died. (...) Anyone publishing or holding opinions contrary to the said five articles shall for the first offence be punished by loss of goods and lands for life, and imprisonment: and for the second offence be adjudged a felon without benefit of clergy.” (WILLIAMS, 1996, p. 816).

<sup>67</sup> (ANDERSON, 2016, p. 28).

<sup>68</sup> John Wyclif (c. 1320-1384) é considerado um importante precursor do protestantismo, recebendo de John Bale a alcunha de ‘estrela da manhã da Reforma Inglesa’. Foi um filósofo, teólogo e professor na Universidade de Oxford.

<sup>69</sup> Embora a ordem de exumação tenha sido dada em 1415, foi executada apenas em 1428. (LAHEY, 2009, p. 29).

queimados em praça pública para servirem de exemplo aos outros<sup>70</sup>. Até então, a heresia na Inglaterra era tratada como um erro teológico e, sendo assim, não era punida de forma rigorosa.

Vê-se, portanto, que havia elementos legais suficientes para que Anne Askew fosse tipificada como herege e sofresse a pena de morte na fogueira. Ela feriu mais de um artigo do Ato de 1539, incluindo o primeiro e mais grave dentre todos, haja vista que contestava, como muitos de seus pares reformadores, a Real Presença de Cristo no Santíssimo Sacramento. A gravidade que a lei atribuía a essa contestação explica o motivo de boa parte de seus interrogatórios gravitar em torno das questões sacramentais, como será analisado mais adiante.

Entretanto, dentre os que se encontravam presentes em Smithfield para testemunhar os momentos derradeiros de Askew e seus companheiros, havia aqueles que poderiam julgá-la não como uma herege, mas como uma apóstata. A apostasia, segundo John Hus, é o afastamento do homem da religião de Deus<sup>71</sup>. Genericamente, pode ser definida como a retratação ou abandono das convicções religiosas anteriormente professadas. Em um primeiro momento, esse não parece ter sido o caso de Anne Askew, tendo em vista que ela acabou morrendo por recusar a via da retratação. No entanto, a leitura atenta das Examinações nos mostra que uma atitude tomada por ela durante seu primeiro aprisionamento pode ter sido interpretada por seus pares como uma retratação e, portanto, apostasia.

Após ter sido levada para interrogatório na ocasião de sua primeira detenção, Anne Askew foi mandada para *The Counter*, uma prisão anexa à Corte de Londres, onde passou doze dias sem poder receber visitas. Após esse período, seu primo Bryttaine veio interceder por ela junto às autoridades seculares (o prefeito), pedindo que fosse liberada por meio de fiança. O prefeito, alegando que era um caso que também atingia a esfera religiosa, o encaminhou para o chanceler e o Bispo de Londres – Edmund Bonner. Em meio às negociações para a libertação de Askew, Bonner redigiu um documento para que ela assinasse. Askew alega não recordar de todo o teor do documento, haja vista não ter recebido uma cópia dele, mas se arriscou a escrever o que conseguiu lembrar<sup>72</sup>. Por meio do que ela escreveu, é possível ver que o documento é

---

<sup>70</sup> “... and they shall receive the same persons and every of them, after such sentence promulgated, and them, before the people, in a high place [eminenti] cause to be burnt, that such punishment may strike fear to the minds of others, whereby no such wicked doctrine and heretical and erroneous opinions, nor their authors and favourers in the said realm and dominions, against the Catholic faith, Christian law, and determination of the Holy Church be sustained (which God forbid), or in any wise suffered.” (BETTENSON; MAUNDER, 2011, p. 201-202).

<sup>71</sup> (HUS, 1972, p. 35-36).

<sup>72</sup> “Be it knowne (sayth he) to all men, that I Anne Askewe, do confesse thys to be my faythe and beleue, notwithstandynge my reportes made afore to the contrarye. I beleue that they whych are howseled at the handes of a prest, whether hys conuersacyon be good or not, do receyue the bodye and bloude of Christ in substaunce reallye. Also I do beleue it after the consecracyō, whether it be receyued or reserued, to be no lesse than the verye

uma retratação, onde Askew supostamente nega o que havia dito antes e afirma crer na Transubstanciação. Ela afirmou que após redigir o documento, o Bispo perguntou se ela concordava com o que estava escrito. Askew respondeu, como havia feito antes em outros momentos do interrogatório, que acreditava no que estava de acordo com as Escrituras, e solicitou que isso fosse adicionado ao documento, porém o Bispo recusou-se a fazê-lo. Ao assinar o documento, ela acrescentou que cria em todas as coisas contidas na fé da Igreja Católica<sup>73</sup>, o que enfureceu o Bispo.

John Foxe, por sua vez, reproduziu o documento que se encontrava no arquivo oficial da diocese em seus *Acts and Monuments*<sup>74</sup>.

“A verdadeira cópia da confissão e crença de Anne Askew, outrora chamada Anne Kime, feita diante do bispo de Londres no dia 20 de março do ano de Nosso Senhor Deus, pelos cálculos da Igreja da Inglaterra, 1544 e subscrita por próprio punho na presença do chamado B. e outros cujos nomes estão registrados, expostos e publicados no presente documento, para que o mundo possa ver a credibilidade que deve ser dada à mesma mulher que em curto período de tempo abominavelmente mudou sua opinião e crença e, portanto, foi legitimamente denunciada e condenada em tribunal aberto.

Seja do conhecimento de todo o povo fiel, que no concernente ao Santo Sacramento do Altar, eu firme e indubitavelmente acredito que, após as palavras da consagração serem proferidas pelo sacerdote de acordo com os ritos comuns da Igreja da Inglaterra, está realmente presente o Corpo e o Sangue do Nosso Salvador Jesus Cristo, seja o ministro que o consagrou um homem bom ou mau; e também quando o Sacramento é recebido, seja o receptor um homem bom ou um homem mau, ele o recebe real e fisicamente. E além do mais, eu creio que o referido sacramento, sendo recebido do ministro, ou reservado para ser colocado na âmbula (píxide), ou sendo levado a qualquer pessoa que se encontre impossibilitada ou doente, ainda assim é o próprio corpo e sangue do nosso Salvador, assim, seja o ministro ou o receptor bom ou mau, seja o Sacramento recebido ou reservado, sempre está presente realmente o sagrado Corpo de Cristo.

E isso juntamente com todas as coisas concernentes ao Sacramento e outros sacramentos da Igreja, e todas as outras coisas relativas à fé cristã, que são ensinadas e declaradas no livro de Sua Majestade, o Rei, recentemente elaborado para a erudição do povo cristão, eu Anne Askew, outrora chamada Anne Kime, verdadeira e perfeitamente acredito e, portanto, aqui confesso e

---

bodye and bloude of Christ in substaunce. Fynallye I do beleue in thys and in all other sacramētes of holye churchē, in all poyntes accordynge to the olde catholyck faythe of the same. In witnessē wherof, I the seyd Anne haue subscribed my name. There was sumwhat more in it, whych because I had not the coppie, I cānot now remembre.” (ASKEW, 1546, p. 35v-36r).

<sup>73</sup> “Then my lorde sate downe, and toke me the wrytynge to sett therto my hande, and I writte after thys maner, I Anne Askewe do beleue all maner thynges contayned in the faythe of the Catholyck churchē.” (ASKEW, 1546, p. 38r).

Segundo BEILIN (1996), o termo “Católico” estava em disputa entre os católicos romanos e os reformados. Ao usar esse termo, portanto, Askew estava na verdade declarando sua dissidência da doutrina romana e reafirmando sua crença de que a Igreja Reformada era a verdadeira igreja universal (católica). (BEILIN *apud* ASKEW, 1996, p. xxxi, 62).

<sup>74</sup> (FOXÉ, 1563, p. 728 [672] - 729 [682]).

reconheço. E aqui eu prometo que de agora em diante eu não direi ou farei nada contra as premissas ou contra nenhuma dessas coisas. Testemunho que eu, chamada Anne, inscrevi meu nome no presente [documento], escrito em 20 de março do ano de Nosso Senhor Deus 1544.

Por mim, Anne Askew, outrora chamada Anne Kime.”<sup>75</sup>

Como se pode constatar, neste documento não se encontra o que Askew afirma ter adicionado de próprio punho. Foxe, portanto, alerta o leitor sobre o que ele chama de um duplo truque de falsas conveniências<sup>76</sup>. Por um lado, Askew é compelida a assinar uma declaração que não havia sido feita por ela e, por outro, o trecho que ela adicionou ao documento foi omitido nos registros oficiais, em contradição ao que foi relatado em *The First Examination*. Elaine Beilin afirma que a cópia desse documento aparentemente só foi registrada em Junho de 1546. O preâmbulo do documento, como se pode ver acima, chama a atenção para o fato de Askew ter se retratado e logo em seguida mudado novamente sua opinião, o que seria uma tentativa de justificar o rigor com o qual ela foi tratada em seus momentos finais<sup>77</sup>.

A retratação feita por Askew pode ter sido uma forte motivação para a produção das Examinações. Para todos os efeitos e para quem quer que tenha ouvido falar desse documento, ao assiná-lo Anne Askew havia negado suas convicções. O episódio da retratação é tão

---

<sup>75</sup> “The true copy of the confession and belief of Anne Askew otherwise called Anne Kime made before the bishop of London the. xx. day of March in the yere of our Lorde God after the computation of the church of Englād. 1544 and subscribed with her owne hand in the presēce of the said B. and other whose names here after are resited, setforth & published at this present, to the entent the world may see, what credence is now to be geuen vnto the same womā who in so short a time hath most dampnably altered and changed her opinion and belief and therefore rightfully in open court arrayned and condempned.

Be it knowen to all faithful people, that as touching the blessed sacrament of the altare, I do firmlye and vndoubtedly beleue, that after the words of consecratyon be spoken by the priest accordinge to the common vsuage of this church of England there is present really the body and bloud of our sauour Iesu Christ, whether the minister which doth cōsecrate, be a good mā or a bad man, and that also when so euer the saide Sacramente is receiued, whether the receiuer be a good man or a bad man he doth receiue it really and corporallye. And moreouer I do beleue, that whether the saide sacrament be then receiued of the minister, or els reserued to be put into the pixe, or to be brought to anye personne that is impotent that is sicke, yet there is the very body and bloud of our said sauour, so that whether the minyster or the receiuer be good or bad, yea, whether the sacramente be receiued or reserued, alwayes there is the blessed body of Christ really.

And this thing with al other thinges touching the sacrament and other sacramentes of the churche, and all thinges els touching the christen belefe, whyche are taught and declared in the kinges maiesties boke lately setforth, for the erudition of the christen people, I Anne Askew, otherwise called Anne Kyme, doo trulye and perfectly beleue, and so here presently confesse & knowledge. And here I do promise that henceforth I shal neuer say or do any thing against the premises, or against any of them. In witness wherof I the saide Anne haue subscribed my name vnto these presentes, wrytten the xx. day of March in the yeare of our Lord God. 1544.

By me Anne Askew, otherwise called Anne Kime.” (FOXÉ, 1563, p. 728-729 [672]-[682]).

<sup>76</sup> “Here maist thou note gentle reader in thys confessyon bothe in the bishop and his register a double sleight of false conueyaunce.(...)” (FOXÉ, 1563, p. 729 [682]).

<sup>77</sup> (BEILIN *apud* ASKEW, 1546, p. xxxi).

importante, que Askew buscou justificar-se diante de John Lascelles por meio de uma carta enviada a ele:

“Oh, amigo mui amado em Deus. Não me surpreendo com o que deve levá-lo a julgar a minha fé tão pequena a ponto de temer a morte, que é o fim de toda a miséria. No Senhor, desejo que você não credite a mim tanta maldade. Pois não duvido que Deus cumprirá sua obra em mim, como já iniciou.”<sup>78</sup>.

Ainda buscando oferecer justificativa à uma possível retratação, o texto atribuído a Anne Askew traz o seguinte trecho:

“Eu li o processo relatado por aqueles que não sabem a verdade como sendo a minha retratação. Mas tão certo como Deus vive, eu nunca tive a menor intenção de me retratar. Não obstante, eu confesso que em meus primeiros problemas eu fui examinada pelo Bispo de Londres acerca do Sacramento. Entretanto, eles não ouviram nada da minha boca além disso: que eu acredito conforme a Palavra de Deus me impele a acreditar. Eles não obtiveram de mim mais do que isso.”<sup>79</sup>.

Ao assinar uma falsa retratação, Anne Askew lançou mão de uma estratégia usada por outros reformadores contemporâneos a ela, que era a de evitar se incriminar. Edward Crome, a quem Askew era ligada, ficou conhecido por suas diversas retratações. Entretanto, para que essa estratégia funcionasse como um engodo, não poderia ser realizada de qualquer maneira. Quem lançasse mão dela deveria fazê-lo de forma dúbia e era comum que a ocasião da retratação fosse também uma forma sutil de reiterar suas próprias crenças. Era, portanto, importante conseguir mostrar à comunidade de fé a falsidade da retratação. O reformador que não obtivesse sucesso em mostrar isso a seus pares, encontrava-se diante de uma situação, no mínimo, constrangedora<sup>80</sup>. Robert Wisdom, por exemplo, não conseguiu esquivar-se de maneira satisfatória, sendo obrigado a assinar uma retratação redigida por Stephen Gardiner, Bispo de Winchester – que por sua vez tornou público o documento – e ao ver-se livre, publicou “A Revogação daquela vergonhosa bula que Winchester elaborou e Wisdom leu”, refutando o que outrora havia subscrito.

---

<sup>78</sup> “Oh frynde most derelye beloued in God. I maruele not a lyttle, what shuld moue yow, to iudge in me so slēdre a faythe, as to feare death. whych is the ende of all myserye. In the lorde I desyre yow, not to beleue of me soch wyckednesse. For I doubt it not, but God wyll perfourme hys worke in me, lyke as he hath begonne.” (ASKEW, 1547, p. 49v).

<sup>79</sup> “I haue redde the processe, whych is reported of them that knowe not the truthe, to be my recātacyon. But as sure as the lorde lyueth. I neuer mēt thyng lesse, than to recāt. Notwithstandynge thys I confesse, that in my first troubles. I was examyned of the Byshopp of London aboute the sacrament. Yet had they no graunte of my mouth but thys. That I beleued therin as the worde of God ded bynde me to beleue. More had they neuer of me.” (ASKEW, 1547, p. 51v).

<sup>80</sup> Em relação às estratégias de retratação para autopreservação, ver (HICKERSON, 2006).

Se podemos acreditar no testemunho oferecido pelas Examinações, foi tentando dar esse caráter duvidoso à retratação que Anne Askew fez uma adição de próprio punho ao documento redigido pelo Bispo de Londres. O documento permaneceu guardado até que Anne Askew foi presa novamente. Foi enquanto esperava sua execução e sofria torturas que Askew tomou conhecimento da divulgação de sua retratação que, segundo Foxe, omitiu a declaração que Askew fez questão de acrescentar – e que poderia mostrar a seus pares a intenção de autopreservação e não apostasia. A retratação, do modo como foi divulgada, colocava em xeque a coragem de Askew e a força de sua fé e a escrita dos relatos de seus interrogatórios pode ter sido uma forma justificar-se diante de sua comunidade religiosa, assim como a carta enviada a John Lascelles. As primeiras palavras atribuídas à Anne Askew em *The First Examination – “to satisfie your expectation (...)”*<sup>81</sup> – corroboram com essa hipótese.

Foi a partir da contestação dessas duas possibilidades narrativas – de que Askew era uma herege ou uma apóstata –, que John Bale apresentou a sua versão dos fatos: Askew, na verdade, era uma mártir da causa cristã. Como se viu anteriormente, era perfeitamente plausível, segundo as leis vigentes, tipificá-la como herege, bem como o rótulo da apostasia poderia lhe ser atribuído por meio das evidências disponíveis. Entretanto, como demonstrado por fontes posteriores (apresentadas na introdução desse trabalho), pode-se constatar que a narrativa de Bale atingiu o objetivo de apresentar Anne Askew como modelo a ser seguido. Para compreender o sucesso dessa versão, é preciso analisar a fonte minuciosamente, buscando identificar as principais estratégias utilizadas por Bale para a construção do martírio de Anne Askew.

Ao abrir as Examinações na primeira página, o leitor se depara com as palavras de John Bale, que prepara o terreno para o testemunho da personagem principal. É interessante observar como ele escolhe iniciar seu prefácio: evocando uma profecia de Beda<sup>82</sup>, presente em *De Temporum Ratione*, que afirma que haverá dois sinais da aproximação do Dia do Julgamento:

“Ou seja (disse Beda no cap. 69, em *De Temporum Ratione*), a fé e o fervoroso zelo dos profetas e Apóstolos deverá ser plantada em seus corações (dos descrentes), os quais deverão naqueles dias viver e estar em familiaridade com os homens. E então se desencadeará (disse ele como um verdadeiro profeta) uma horrível perseguição, que irá primeiramente tirar do mundo aqueles poderosos Elias por meio do triunfante martírio e para o terror dos que compartilham da mesma fé, dentre os quais, alguns também deverão se tornar, naquela ocasião, os mais gloriosos mártires em Cristo, e vários perversos apóstatas abandonarão essa vivificante doutrina. O referido testemunho de Beda

---

<sup>81</sup> (ASKEW, 1546, p. 1v).

<sup>82</sup> Beda (c. 673-735).

no início do mesmo capítulo diz que teremos dois sinais de que o dia do julgamento final está às portas. O retorno do remanescente de Israel ao Senhor Deus e a horrível perseguição do Anticristo.”<sup>83</sup>

Bale não se deteve em muitas explicações com relação ao primeiro sinal. O que realmente interessa para sua argumentação é a ideia de que a perseguição perpetrada pelo Anticristo é um sinal do fim dos tempos que se aproximava, dando a entender que o contexto vivido pelos reformadores em meados do século XVI era justamente o sinal do cumprimento dessa profecia.

Ao escolher a profecia de Beda como elemento inaugural de seu prefácio, Bale estava evidenciando um aspecto que perpassa toda a obra: a inserção do momento histórico vivenciado por Anne Askew e os reformadores em geral no plano maior da história do cristianismo. A legitimidade da Igreja Inglesa como uma instituição independente da matriz romana ainda estava em construção e o destaque dado a personagens próprios inseridos no plano maior da história cristã cumpre importante papel, pois não era interessante que a Igreja Inglesa fosse interpretada como uma instituição recente, nascida da assinatura de um monarca dissidente. Nesse sentido, iniciar a obra evocando o Venerável Beda, que séculos antes havia realizado uma compilação da história da Igreja Inglesa é um gesto que por si só atribui raízes muito mais antigas à Igreja que dava seus primeiros passos como instituição independente.

A tentativa de alinhar o momento vivido na Inglaterra de meados do século XVI com a tradição milenar da Igreja Cristã pode ser observada logo na xilogravura que compõe a folha de rosto das Examinações (Imagem 3)<sup>84</sup>. A imagem de uma mulher que seria a representação iconográfica de Anne Askew não traz uma caracterização que remete às vestimentas e penteados de sua própria época, mas à construção imagética de mártires da Igreja primitiva, a quem Anne Askew é associada no texto de John Bale. Observa-se, na imagem, que Anne Askew não é caracterizada como uma mulher nobre da Inglaterra quinhentista – o que, de fato, era – mas com vestes que remetem à simplicidade e que não usurpam o destaque da cena, que deve

---

<sup>83</sup> “That is (sayth Bedas ca. 68. de temporum ratione) the faythe and feruent zele of the prophetes and Apostles shall they plant in their hartes, whych shall in those dayes lyue and be amonge men conuersaunt. & than wyll breake fourth (sayth he as a verye true prophete) soche horryble persecucion, as wyll first of all take from the worlde, those myghtye heliases by tryumphaunt martyrdom, to the terryfyenge of other in the same fayth of whom some shall becom through that occasyon, most gloryouse martyrs vnto Christ also, & some verye wycked Apostataes for sakyng hys lyuelye doctryne. For by the seyde Bedas testymonye in the begynnyng of the same chaptre, two most certayne sygnes shall we thā haue that the lattre iudgement daye is at hande. The returne of Israels remnaunt vnto their lorde God, and the horryble persecucion of Antichrist.” (ASKEW, 1546, p. 2-2v).

<sup>84</sup> Tanto *The First Examination*, quanto *The Latter Examination* trazem, em suas respectivas primeiras edições, a mesma xilogravura na folha de rosto.

ser dado de modo mais enfático aos demais elementos da composição. A xilogravura, aliás, não tem a função de retratar com exatidão a pessoa de Anne Askew, mas de remeter à tradição à

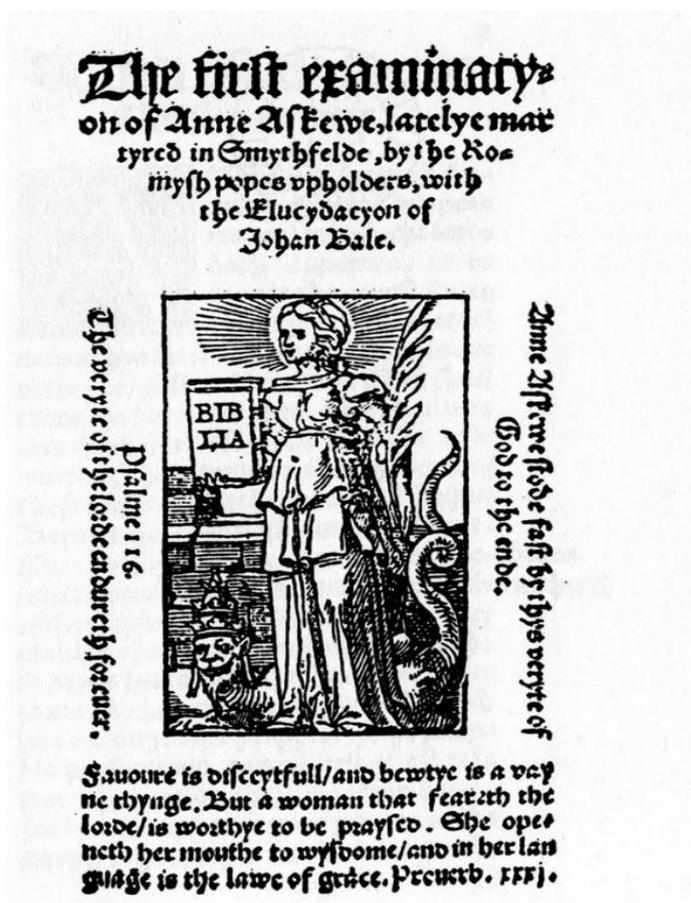


Imagem 3. Folha de Rosto de *The First Examination of Anne Askew*, presente em (ASKEW, 1546).

qual ela é associada ao longo do livro.

O primeiro elemento imagético importante é o halo ou auréola, elemento assimilado das representações de imperadores do período Helenístico e incorporado à iconografia cristã para caracterizar figuras divinas<sup>85</sup>. A inserção do halo confere aos personagens que a ostentam a ideia de santidade e aprovação divina. O halo radiante que aparece na imagem tornou-se comum em representações a partir do século XVI. Até então, o halo circular com as bordas definidas era mais usual<sup>86</sup>. Outro elemento que se faz presente na xilogravura é a presença de um livro nas mãos da personagem feminina representada, que no caso específico é nomeadamente uma Bíblia. A presença do livro fala da sabedoria e compreensão não apenas espiritual, mas também intelectual por parte de quem o ostenta, bem como da legitimidade do discurso ancorado no

<sup>85</sup> (MURRAY; MURRAY, 1996, p. 225).

<sup>86</sup> (THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2018).

texto bíblico. A palma do martírio, ostentada na mão esquerda, inicialmente foi utilizada como símbolo pagão da vitória e foi assimilado pelo cristianismo como símbolo da vitória da fé sobre o sofrimento do martírio<sup>87</sup>. O último componente relevante é a presença do inimigo, que para John Bale, como se pode observar ao longo do texto das Examinações, era a Igreja Romana, representada por uma besta que ostenta a coroa papal. O inimigo citado é representado aos pés de sua respectiva adversária, retratando sua morte não como derrota, mas como a vitória sobre seu antagonista.

A presença de elementos comuns da iconografia cristã na xilogravura estampada na folha de rosto das Examinações introduz ao leitor uma temática que atravessa toda a obra: Anne Askew é apresentada como herdeira da história do cristianismo, e sua imagem é construída não como de uma mártir de um grupo dissidente, mas como participante da longa tradição de mulheres cristãs que, diante da escolha entre negarem a fé ou morrerem, não hesitaram em entregar suas vidas em prol da causa do Evangelho. As Examinações cumprem um papel que vai além de simplesmente informar sobre uma história pontual ocorrida no fim do reinado de Henrique VIII. A folha de rosto cria a expectativa<sup>88</sup> de que a narrativa apresentada nas páginas que se seguem defende que Anne Askew reúne as características necessárias para ser, não objeto de reprovação ou condenação, mas de veneração por parte dos verdadeiros cristãos<sup>89</sup>.

A construção do martírio de Anne Askew não se assenta somente na associação a elementos tradicionais da iconografia cristã. Ao elaborar seu texto, John Bale traz à narrativa algumas informações sobre a vida de Anne Askew que vão engendrando a personagem-modelo que ele buscou apresentar. Uma característica importante mencionada é o nascimento nobre ou de origem abastada. John Bale destacou que Anne Askew era “nascida de um ramo muito antigo e nobre, filha de Sir William Askew, um digno cavaleiro”<sup>90</sup>. O nascimento nobre é reforçado, ainda que acompanhado da afirmação de que Deus não faz acepção de pessoas. Talvez, a informação sobre a origem de Askew não seja interpretada como a mais relevante, mas certamente a menção não é feita sem propósito. O início da vida desfrutado em situação de segurança e conforto amplifica o heroísmo das escolhas que a levaram à morte. É um recurso

---

<sup>87</sup> (MURRAY; MURRAY, 1996, p. 365).

<sup>88</sup> “Entre os séculos XV e XVIII, a folha de rosto é o dispositivo gráfico por meio do qual editores e impressores identificam e apresentam o produto manufaturado, bem como orientam as primeiras expectativas dos leitores quanto à natureza da obra disponível em papel.” (ARAÚJO, 2020, p. 3).

<sup>89</sup> (PENDER, 2012b, p. 34).

<sup>90</sup> “Anne Askewe (...) was borne of a verye auneynt and noble stocke, Sir Wyllyam Askewe a worthye knyght beyng her father, But no worthynesse in the flesh, neyther yet anye worldlye noblenesse anayleth to god warde, afore whome is no acceptacyon of persone, Actorum 10.” (ASKEW, 1546, p. 6v).

que funciona como contraste entre o que poderia desfrutar caso abandonasse suas ideias religiosas e a escolha pelo enfrentamento da punição, do sofrimento imediato visando uma recompensa após a morte. A informação de que vivia uma vida abastada e era de nascimento nobre reforça a ideia de que tinha muito a perder e, ainda assim, escolheu o caminho do martírio.

Outra informação relevante apresentada sobre a vida de Anne Askew diz respeito ao casamento inconveniente ao qual foi submetida, temática habilmente acessada por Bale para abordar um assunto potencialmente espinhoso na biografia da heroína que ele estava a construir. Na verdade, a Primeira Examinação não traz sequer uma menção ao casamento de Anne Askew e, na Segunda Examinação, Bale se dispõe a tratar desse assunto em um comentário, já que nas falas atribuídas a Anne Askew ela se limita a afirmar que, sendo interrogada acerca de mestre Kyme, se recusou a falar do assunto<sup>91</sup>. Um leitor que acessasse as Examinações sem os comentários de Bale talvez encontrasse dificuldades em saber quem era o tal mestre Kyme. Entretanto, é plausível supor que o fato de Anne Askew ser casada tenha chegado ao público já que sua morte causou certa comoção na Inglaterra naquele momento. Além disso, havia mais de uma possibilidade de construção narrativa sobre sua história. Era, portanto, prudente que Bale oferecesse uma versão dos fatos sobre a qual tivesse algum controle. Caso contrário, Anne Askew poderia, simplesmente, ser interpretada como uma mulher que abandonou o lar e que não oferecia um bom exemplo cristão. Buscando prevenir essa possibilidade, Bale afirma que:

“Concernente ao mestre Kyme, essa parece ter sido a questão. O pai dela, sir William Askew, cavaleiro, e o pai dele, o velho mestre Kyme tinham familiaridade e eram vizinhos no condado de Lincolnshire, onde o dito Sir William, fez uma aliança com o outro por lucro, dando sua filha mais velha em casamento ao filho e herdeiro [de Kyme] (esse costume ímpio, na Inglaterra, é muito usado entre homens nobres). E como ela morreu antes da hora do casamento, para salvar o dinheiro, o pai obrigou Anne a tomar o lugar da irmã. De modo que, no final, ela foi obrigada a, contra sua vontade ou livre consentimento, se casar com ele. Não obstante, tendo o casamento acontecido, ela se humilhou como uma esposa cristã e teve por ele (como fui informado) dois filhos. No decorrer do tempo, muitas vezes lendo a Bíblia sagrada, ela claramente trocou todas as antigas superstições papistas por uma perfeita crença em Jesus Cristo. Por isso, ela ofendeu tanto os padres (como pode ser visto anteriormente) que ele [Kyme], por sugestão deles, a expulsou violentamente de sua casa. Por isso, ela se sentiu livre desse tipo impróprio de casamento forçado, pela doutrina de São Paulo em 1 Coríntios 7: Se uma mulher fiel tiver um marido incrédulo, que não permanecerá com ela, poderá deixá-lo. (...) Nesta ocasião, (eu digo), ela buscou na lei divorciar-se dele, declaradamente, e acima de tudo, porque ele a expulsou de casa de maneira tão cruel apesar da verdade

---

<sup>91</sup> “I before the counsell, was asked of mastre kyme. I answered, that my lorde chācellour knewe all redye my mynde in that matter, They with that answeere were not cōtented, but sayd, it was the kynges pleasure, that I shuld open the matter to them. I answered thē playnelye, that I wolde not so do.” (ASKEW, 1547a, 14v).

de Cristo. Ela não podia considerar digno de seu casamento alguém que odiava tão terrivelmente a Deus, o principal autor do casamento.”<sup>92</sup>

Segundo Bale, não há o que censurar na postura de Anne Askew. Ela teria sido obediente ao pai e ao marido até onde sua consciência cristã permitia. O fracasso do casamento inconveniente acabou sendo o propulsor para que Askew se mudasse para Londres e se envolvesse na história pela qual ficou conhecida.

Além das temáticas acima mencionadas, merecem destaque também os próprios interrogatórios, ou Examinações às quais Anne Askew foi submetida. Segundo o relato, Askew teria sido interrogada exaustivamente por autoridades seculares e religiosas que buscaram fazer com que ela detalhasse suas ideias em relação à prática religiosa. Bale não poupou palavras para caracterizar aqueles que acusaram e interrogaram Anne Askew:

“Tão perverso e blasfemo quanto essa testemunha foi aquele que conduziu o interrogatório, e tão bestialmente ignorantes da saudável doutrina, ainda assim nenhum deles é considerado mal do mundo, mas um deles tem permissão para acusar essa verdadeira membra de Cristo e o outro para condená-la. Portanto, a resposta dela retirada do capítulo 7 de Mateus foi a mais adequada para eles. Pois eles não são melhores que os porcos que condenam o precioso tesouro do Evangelho pela lama das tradições dos homens. (...) Todos os meios astutos possíveis buscou esse negociador contencioso, ou então o diabo nele, para levar esse pobre cordeiro inocente ao matadouro do Anticristo.”<sup>93</sup>

---

<sup>92</sup> “Cōcernynge mastre Kyme, thys shuld seme to be the matter. Her father Sir Wyllyam Askewe knyght and hys father olde mastre Kyme, were sumtyme of famylyaryte and neybers within the countye of Lyncolne shyre. Wherupon the seyd Sir Wyllyam, covenanted wyth hym for lucre, to have hys eldest doughter marryed with hys sonne and heyre (as an ungodlye maner it is in Englande moch used amonge noble men) And as it was her chaunce to dye afore the tyme of marryage, to save the money he constrayned thys to supplye her rowme. So that in the ende she was cōpelled agaynst her wyll or fre consent to marrye with hym. Notwithstandynge the marryage ones past, she demeaned her selfe lyke a Christen wyfe, aud had by hym (as I am infourmed) ij. chyldrē. In processe of tyme by oft readyng of the sacred Bible, she fell clerelye from all olde superstycyons of papystrye, to a perfyght beleve in Ihesus Christ. Wherby she so offēded the prestes (as is to be seane afore) that he at their suggestion, vyolentlye drove her oute of hys howse. Wherupō she thought her selfe free frō that uncomelye kynde of coacted marryage, by thys doctryne of S. Paule 1 Cor. 7. If a faytfull womā have an unbelevynge husbāde, whych wyll not tarrye with her she maye leave hym. For a brother or syster is not in subieccyō to soch, specyallye where as the marryage afore is unlawfull. Upō thys occasyō (I heare saye) she soght of the law a dyvorcemēt frō hym, namelye and above all, bycause he so cruellye drove her out of hys howse in despyght of Christes veryte. She coulde not thynke hym worthy of her marryage whych so spyghtfullye hated God the chefe autor of marryage.” (ASKEW, 1547a, p. 14v-15v).

<sup>93</sup> “As perverse and blasphemouse was thys qwestmonger as she, & as beastlye ignoraūt in the doctryne of helthe, yet is neyther of them iudged yll of the worlde, but the one permitted to accuse thys true membre of Christ, and the other to cōdempne her. Wherfor her answeere out of the vij. chaptre of Matthew, was most fytt for them. For they are no better than swyne, that so contempne the precyouse treasure of the Gospell, for the myre of mennys tradycyons. (...) All craftye wayes possyble, fought thys quarellynge qwestmonger, or els the devyll in hym, to brynge thys poore innocent lambe to the slaughter place of Antichrist.” (ASKEW, 1546, p. 3r e 5v).

A postura assumida por Askew é ressaltada a fim de reforçar o antagonismo entre ela e seus interlocutores, que é narrado de modo a representar um embate entre uma mulher de fé e autoridades que lançavam mão de seu poder de forma abusiva:

“Ela não está aqui desanimada com o desespero pelo injusto tratamento, de luto, amaldiçoando e sofrendo, como costumam fazer. Mas, permanecendo firme no Senhor, mais gentilmente ela obedeceu aos poderes, abençoou aqueles que a afligiam e perseguiam e desejou a eles a luz do necessário conhecimento de Deus (Lucas 6). Ela considerava que seus poderes eram constituídos por Deus (Romanos 13). E embora abusassem dessa autoridade, ela humildemente se submeteu a eles, como fizeram Cristo e seus Apóstolos, sofrendo não como alguém que tenha feito o mal, mas como uma verdadeira serva de Deus (1 Pedro 4).”<sup>94</sup>

Partindo das citações acima, é possível observar que Anne Askew é representada como uma mulher sábia, firme e resiliente. Tais atributos são reforçados a partir do contraste com seus interrogadores, que por sua vez, são sempre apresentados como abusivos e ignorantes. O embate entre a vítima a ser martirizada e as autoridades da época é importante na construção do martírio de Anne Askew. que foi examinada pelo prefeito, pelo Conselho Privado, pelo Bispo de Londres, dentre outras autoridades políticas e religiosas. Diante dos interrogatórios, ela é apresentada como alguém que soube defender seus posicionamentos e não cedeu às tentativas daqueles que representavam o poder estabelecido.

Outra situação interessante trazida pelo relato de John Bale é o destaque dado à uma manifestação da natureza que teria acontecido no momento da execução de Anne Askew e seus companheiros de martírio:

“O céu, abominando um ato tão horrível, repentinamente mudou de cor, e as nuvens produziram um trovão, não muito diferente do que está escrito<sup>95</sup> (Salmo 76). Os elementos declararam o grande desagrado de Deus por tão tirana morte de inocentes, e também expressamente significaram sua poderosa mão presente para confortar aqueles que confiaram Nele...”<sup>96</sup>.

---

<sup>94</sup> “She is not here dejected with the desperate, for unryghtouse handelynge, mournynge, cursynge, and sorowynge, as they do commonlye. But standynge up strongelye in the lorde, most gentyllye she obeyeth the powers, she blesseth her vexers & persuers & wyseth them the lyght of Gods necessarye knowlege, Luce 6. She consydereth the powers to be ordayned of God, Romanorum 13. And though their autoryte be sore abused, yet with Christ and hys Apostles, she humblye submytteth herself to them, thynkyng to suffer undre them as no yll doer but as Christes true servaunt, 1. Pet. 4.” (ASKEW, 1547a, p. 36).

<sup>95</sup> A referência bíblica moderna está em Salmos 77.18: Ao reboar do teu trovão na tempestade, os raios iluminando o mundo; estremeceu a terra e abalou-se (KJV).

<sup>96</sup> “the skye abhorrynge so wycked an acte, sodenlye altered coloure, and the cloudes from above gave a thōder clappe, not all unlyke to that is written, Psal. 76. The elementes both declared therin the hygh dyspleasure of God for so tyrānouse a murther of innocentes, and also expreslye sygnyfyed hys myghtye hande present to the confort of them whych trusted in hym...” (ASKEW, 1547a, p. 67r).

Tal manifestação da natureza é interpretada como intervenção divina, como sinal da desaprovação de Deus ao ato que estava sendo perpetrado. É preciso ressaltar que esse era um mundo em que a cosmovisão pressupunha uma unidade orgânica do Universo, em que tudo estava interligado e nada era indiferente. Os fenômenos da natureza, portanto, não eram, para Bale e seus contemporâneos, meros acontecimentos naturais, mas “representavam mensagens com conteúdo moral, expressavam um estado de humor da divindade”<sup>97</sup>. Ao incluir no relato a mudança produzida na natureza, Bale fez mais uma tentativa de conferir legitimidade à narrativa, explicitando a cosmovisão de um Universo que refletia a vontade de Deus, interpretando uma manifestação meteorológica como aprovação divina à pessoa de Anne Askew, juntamente com a reprovação aos que lhe imputaram o sofrimento, como John Bale mesmo declarou no trecho acima destacado.

Tão importante quanto os elementos narrativos acima destacados, a tópica da Igreja perseguida também é central na construção de Anne Askew como mártir reformada. A profecia de Beda, que inaugura o prefácio da Primeira Examinação – já mencionada anteriormente – faz referência à “uma horrível perseguição do Anticristo”<sup>98</sup> e John Bale interpreta as agitações religiosas vividas na Europa de seu tempo, em especial na Inglaterra, como o cumprimento dessa profecia, atribuindo à Igreja Romana o papel do Anticristo e aos cristãos reformados a posição de perseguidos.

Para entender melhor como John Bale desenvolveu esse argumento, é válido mencionar outro de seus livros e, talvez, um dos mais importantes em sua vasta obra: *A Image of Both Churches*, cuja primeira impressão se deu em 1545<sup>99</sup>. Escrita enquanto o seu autor estava exilado no continente – no mesmo período em que as Examinações foram produzidas – a obra exegetica foi a primeira a trazer um comentário completo sobre o livro de Apocalipse em língua inglesa<sup>100</sup>. Gretchen Minton, em sua edição crítica da obra, mostra que Bale utilizou o livro de Apocalipse como “chave para explicar as histórias paralelas das duas Igrejas, a verdadeira e a falsa, desde os tempos de Cristo abrangendo reis, Papas, teólogos e filósofos”<sup>101</sup>.

Seguindo os passos de Santo Agostinho em Cidade de Deus, Bale explorou a ideia de dualidade e dividiu a humanidade em dois grupos: aqueles que são de Deus e os que pertenciam a Satanás. Obviamente, o contexto em que ele vivia e que tanto o afetava não escapou à essa

---

<sup>97</sup> (RODRIGUES, 1999).

<sup>98</sup> (ASKEW, 1546, p. 2v).

<sup>99</sup> (BALE; MINTON, 2013, p. 22).

<sup>100</sup> (BALE; MINTON, 2013, p. 1).

<sup>101</sup> (BALE; MINTON, 2013, p. 2).

classificação. Ele associou a “orgulhosa Igreja pintada”<sup>102</sup>, a falsa Igreja, à sede romana, ao passo que identificou a “pobre Igreja perseguida” aos cristãos reformados. Tal divisão é central na elaboração argumentativa das Examinações<sup>103</sup>, uma vez que para o polêmico reformador era importante demonstrar que a perseguição vivida na Inglaterra de Henrique VIII não era um caso pontual, mas se inseria em um contexto milenar e muito mais complexo.

Isso não significa dizer que Bale tenha mitigado a culpa direta daqueles considerados algozes de Anne Askew. Sobre um padre enviado para interrogá-la foi feito o seguinte comentário:

“Este Judas foi enviado antes para dar um beijo amigável, mais profundamente para prender a inocente na armadilha. Mas, a sabedoria de Deus a fez perceber o que ele era. Um falso profeta logo é conhecido por seus frutos entre aqueles que são piedosos.”<sup>104</sup>

Na segunda Examinação, Bale repreende diretamente importantes figuras políticas da época:

“Que outros inimigos tentaram Anne Askew senão o bispo de Londres, o mestre Rich e o doutor Shaxton, além do grande Caifás de Winchester com sua maldosa (devo dizer) rábula espiritual, ou quem mais conseguiu sua morte? Você pensa em relação ao mestre Rich que, porventura, embora ele seja um inimigo, ele não é um inimigo espiritual, porque ele não foi ungido com a graxa do Papa. Mas, nisso você está muito enganado. Pois é o espírito (de blasfêmia, avareza e malícia) e não o óleo que os torna espirituais. E enquanto eles são ungidos na mão com óleo, no coração ele está ungido com o espírito de Mamón, traindo como Judas, ao malicioso chamado do bispo, as pobres almas inocentes por dinheiro, ou pelo menos por um favor ambicioso.”<sup>105</sup>

---

<sup>102</sup> A expressão “*the proud painted church*”, que parece um tanto estranha para leitores de hoje, é utilizada para se referir a uma Igreja cuja superfície é ornamentada, pintada, agradável aos olhos, com o objetivo de esconder o que realmente há em seu interior. Talvez seja uma imagem inspirada no texto bíblico de Mateus 23.27 KJVA: “Ai de vós, doutores da Lei e fariseus, hipócritas! Porque sois parecidos aos túmulos caiados: com bela aparência por fora, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e toda espécie de imundície!”.

<sup>103</sup> Gretchen Minton, inclusive, argumenta que As Examinações foram escritas para dar suporte à história apocalíptica desenvolvida por Bale em *A Image of Both Churches*. (BALE; MINTON, 2013, p. 17).

<sup>104</sup> “Thys Iudas was sent afore to geue a fryndelye kysse, the more depelye to trappe the innocēt in snare. But Gods wysdome made her to perceyue what he was. A false prophete is sone knowne by hys frutes, amonge them that are godlye wyse.” (ASKEW, 1546, p. 12r).

<sup>105</sup> “What other enemyes tempteth here Anne Askewe, thā the Byshopp of London, mastre Ryche, and doctor Shaxton, besydes the great Cayphas of Wynchestre with hys spyghtfull (I shuld saye) spirytually rable, or who els procureth her deathe? Ye wyll thynke parauenture, concernynge mastre Ryche, that though he be an enemye, yet is he no spirytually enemye, bycause he is not anoynted with the popes grese. But than are ye moch deceyued. For it is the sprete (of blasphemye, auaryce, and malyce) and not the oyle, that maketh them spirytually. And where as they are anoynted in the hande with oyle, he is in the hart anoynted with the sprete of Mammon, betraynge with Iudas at the Byshoppes malycyouse callynge on, the poor innocent sowles for moneye, or at the least for ambycyouse fauer.” (ASKEW, 1547a, p. 39).

Esses são apenas alguns exemplos do estilo incisivo de John Bale ao atacar os opositores de Anne Askew e, portanto, da fé reformada, não se esquivando de citar nomes e atribuir ofensas até mesmo aos mais poderosos. Entretanto, há uma exceção. Apesar de indivíduos muito próximos ao rei estarem diretamente envolvidos nos interrogatórios e mesmo na tortura e condenação de Anne Askew, tanto nos trechos atribuídos à personagem principal da obra, quanto nos extensos comentários que os acompanham há uma clara tentativa de evitar a responsabilização de Henrique VIII pelos acontecimentos denunciados no livro. Anne Askew teria escrito:

“Eu entendo que o conselho não está pouco desgostoso com o fato de que tenha sido informado no exterior que fui torturada na Torre. Eles dizem agora que o fizeram apenas por medo de mim. Percebo que eles estão envergonhados de seus atos impróprios, sem mencionar amedrontados de que sua majestade, o rei, seja informado, pois eles não queriam que ninguém reportasse isso. Bem, que Deus perdoe sua crueldade.”<sup>106</sup>

Em um comentário feito mais adiante, acerca da carta que Anne Askew teria escrito ao rei como uma confissão de sua fé, Bale escreve:

“Essa mulher piedosa, se esforçou para limpar sua inocência, não diante de um membro inferior do reino, mas diante de seu cabeça, a própria pessoa do rei, quem ela acredita ser o alto ministro de Deus, o pai da terra e protetor do povo, (Provérbios 6) para que ele julgasse fielmente e corretamente sua causa. Mas quem pode pensar que alguma vez isso chegou diante dele? Não eu, de minha parte.”<sup>107</sup>

Em ambos os trechos, está presente a ideia de que Henrique VIII ignorava os acontecimentos que envolviam Askew, em especial, os referentes à sua tortura, ainda que tenham sido executados por membros de seu próprio conselho, pessoas muito próximas a ele. O rei, além de ser o governante político, era o chefe da Igreja da Inglaterra e, portanto, para a causa reformada, era importante que ele não se achasse envolvido em um episódio tão espinhoso, haja vista que sua participação direta nesses desdobramentos, ainda que apenas concedendo sua anuência, o posicionaria ao lado dos conservadores. Assumir essa associação seria um duro golpe nas esperanças reformistas. John Bale considera a ruptura com a Igreja

---

<sup>106</sup> “I vnderstande, the counsell is not a lyttle dyspleased, that it shulde be reported abroade, that I was racked in the towre They saye now, that they ded there, was but to fear me. Wherby I perceyue, they are ashamed of their vncomelye doynge, and feare moch least the kynges mageste shulde haue in fourmacyon therof.” (ASKEW, 1547a, p. 51v).

<sup>107</sup> “Thys godlye womau, hyr innocencye to clere, laboureth not here to an inferyour membre of the realme, but to the head therof, the kynges owne persone. Whome she beleueth to be the hygh mynyster of God, the father of the lande, and vpholder of the people, Sapi. 6. that he myght faythfullye and ryghtlye iudge her cause. But who can thynke that euer it came before hym? Not I, for my part.” (ASKEW, 1547a, p. 38r).

Romana como sendo “o mais nobre e piedoso empreendimento do rei”, o qual os conservadores “buscavam reverter por todas as práticas possíveis”<sup>108</sup>. Admitir que o rei endossava as condutas “papistas” e, conseqüentemente se posicionava ao lado deles, era admitir a derrota do projeto reformador para a Igreja Inglesa e, portanto, na visão de Bale, da verdadeira Igreja de Cristo, representada pelos ideais reformados.

Mesmo se ocupando de responsabilizar veementemente tantas pessoas, para Bale, o inimigo, em última instância, era o Anticristo – frequentemente mencionado ao longo de toda a obra. A construção desse antagonista, que desempenha um papel tão importante no imaginário cristão, se deu na Idade Medieval, em grande medida com base no texto bíblico presente na segunda epístola aos Tessalonicenses, em que o apóstolo Paulo afirma:

“Caros Irmãos, quanto ao retorno do nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com Ele, vos suplicamos que não permitais que vosso modo de crer seja influenciado, nem fiquéis amedrontados por causa de profecia, palavra ou carta atribuídos indevidamente à nossa autoria, como se o Dia do Senhor já tivesse chegado. Não vos deixes enganar de forma alguma, por ninguém. Porquanto, antes daquele Dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição. Aquele que se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, a ponto de se assentar no santuário de Deus, apresentando-se como Deus. Não vos lembrais de que eu costumava compartilhar convosco acerca desses acontecimentos? No entanto, vós sabeis o que o está detendo nesse momento, para que ele seja manifestado no seu devido tempo. Na realidade, o mistério da iniquidade já está em ação, restando tão somente que seja afastado aquele que agora o detém. Então, será plenamente revelado o perverso, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e destruirá pela gloriosa manifestação da sua vinda. Ora, o aparecimento desse anticristo é de acordo com a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas ilusórias, e com todas as artimanhas e engano provenientes da injustiça para os que estão perecendo, porquanto rejeitaram o amor à verdade que os poderia salvar. É por este motivo que Deus lhes envia uma espécie de poder sedutor, a fim de que creiam na mentira, e sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas decidiram usufruir dos prazeres da injustiça.”<sup>109</sup>

Como é de se esperar, o texto de caráter profético e a ligação feita com outros trechos bíblicos rodeados de mistério deixam margem para interpretações diversas, como é o caso do texto de Apocalipse 13, que fala de uma Besta de sete cabeças que iniciaria o apocalipse, cujos sinais seriam a “blasfêmia, a usurpação da adoração devida a Deus e o fomento à ilegalidade”<sup>110</sup>. As elaborações medievais entenderam que o Filho da Perdição e a Besta de Sete Cabeças se tratavam da mesma figura, que teria também sido mencionada algumas vezes nas

---

<sup>108</sup> “whych seke by all practyses possyble to turne ouer the kynges most noble and godlye enterpryse” (ASKEW, 1546, p. 5v).

<sup>109</sup> (2 Tessalonicenses 2.1-12 KJVA).

<sup>110</sup> (WHITFORD, 2008, p. 32).

epístolas joaninas, de forma mais genérica, como o Anticristo – aquele que nega a Cristo<sup>111</sup>. A partir dessa junção, constrói-se a imagem de um antagonista utilizada em diversos momentos e interpretada de maneiras diferentes de acordo com demandas específicas.

Para a presente pesquisa, interessa a interpretação que começou a ser construída a partir do século XI, de que o Anticristo seria o Papa romano. Em grande medida, essa ideia ganhou força devido à supressão de ideias divergentes da matriz romana, como aconteceu com os cátaros e valdenses, no século XII, por exemplo. Um dos sinais que acompanhariam o Anticristo é justamente a perseguição aos fiéis. O texto de Apocalipse diz que à Besta “foi-lhe concedido também poder para guerrear contra os santos e vencê-los. E recebeu autoridade sobre toda tribo, povo, língua e nação”. O Papa, detentor da autoridade maior da Igreja Romana, ao ordenar os ataques aos dissidentes, acabou fornecendo justificativas para que sua imagem fosse associada ao Anticristo. Além disso, a opulência do papado também era considerada um sinal que corroborava com essa associação. A ideia de que o Papa seria o Anticristo já estava bastante consolidada entre os reformadores na época de John Wyclif e Jan Hus<sup>112</sup>.

John Bale também era adepto à essa interpretação. Mas, explica que “ao nomear o Papa nós não nos referimos à sua pessoa, mas ao grau de orgulho ou abominação do papado. O grande Anticristo da Europa é o rei das faces, o príncipe da hipocrisia, o homem do pecado, pai dos erros e mestre das mentiras: o Papa romano”<sup>113</sup>. Como dito por Bale, o papel do Anticristo não era associado à pessoa que ocupava a cadeira de Pedro, mas ao papado de um modo geral. E esse é o inimigo maior denunciado nas Examinações, desde a xilogravura que estampa a folha de rosto, em que uma besta ostentando a coroa papal aparece à espreita aos pés da figura feminina, até as diversas menções feitas no corpo do texto. Os algozes de Anne Askew não são isentados de sua culpa, mas, em última instância, seriam instrumentos do Anticristo:

“Marque aqui um exemplo mais maravilhoso e veja o quão loucamente em sua fúria os homens esquecem a si mesmos e perdem a sua sagacidade nos dias de hoje. Um alto conselheiro do rei, um juiz sobre a vida e a morte, sim, um Lorde Chanceler de um mais nobre reino, se tornou o mais vil escravo do Anticristo, o mais cruel atormentador. Sem discrição, honestidade ou hombridade, ele removeu seu manto e tomou sobre si o mais vil ofício de um carrasco e manuseou o *rack* de forma vilanesca. Oh, Wriothesley e Rich, dois falsos cristãos e blasfemos apóstatas de Deus. Qual capelão do Papa encantou vocês,

---

<sup>111</sup> (1 João 2.18, 2.22 e 4.3; 2 João 1.7 KJVA).

<sup>112</sup> (WHITFORD, 2008, p. 31-34).

<sup>113</sup> (BALE; MINTON, 2013, p. 117).

ou qual demônio do inferno os enfeitiçou para executar tão prodigiosa tirania contra uma pobre mulher condenada?”<sup>114</sup>

Nas Examinações, todos aqueles que participaram dos interrogatórios, da tortura ou da execução de Anne Askew, são considerados agentes do Anticristo. Os títulos das duas Examinações já demonstram essa correspondência. O livro publicado em 1546 foi intitulado como “A primeira examinação de Anne Askew, posteriormente martirizada em Smithfield, pelos apoiadores do Papa romano, com a elucidação de Iohan Bale”<sup>115</sup>. Já a segunda parte, publicada no ano seguinte, foi nomeada como “A última examinação de Anne Askew, martirizada em Smithfield, pela perversa sinagoga do Anticristo, com a elucidação de Iohan Bale”<sup>116</sup>. É possível perceber a substituição do termo “apoiadores do Papa romano” por uma opção mais contundente e adequada ao tom mais incisivo que Bale assumiu no texto da segunda Examinação, o que não deixa dúvidas de que ao longo da obra os conservadores são retratados como agentes do Anticristo.

Ao longo de toda a obra, abundam referências a esse antagonista e seus apoiadores, que aparecem como “o sangrento remanescente do Anticristo”<sup>117</sup>, como “os apoiadores do grande Anticristo, que buscam por todas as práticas possíveis reverter o mais nobre e piedoso empreendimento do rei”<sup>118</sup> – o Ato de Supremacia –, ou ainda “macacos do Anticristo”<sup>119</sup> e “furiosos defensores do Anticristo”<sup>120</sup>. Portanto, Wriothesley, Rich, Bonner, Shaxton e todos os envolvidos no martírio de Anne Askew seriam instrumentos da “horrrível fúria do Anticristo”.

“Assim, tens (diligente leitor) o fim dessas duas Examinações e respostas da mártir mais cristã, Anne Askew, com outros acréscimos. Observe neles a horrrível e louca fúria do Anticristo e do diabo, como eles operam nessa era por

---

<sup>114</sup> “Marke here an example most wōderfull, and se how madlye in their ragynge furyes, men forget themselues and lose their ryght wittes now a dayes A kynges hygh counsellor, a Iudge ouer lyfe and deathe, yea, a lorde Chauncellour of a most noble realme, is now become a most vyle slaue for Antichrist, and a most cruell tormentoure. Without all dyscreesson, honestye, or manhode, he casteth of hys gowne, and taketh here vpō hym the most vyle offyce of an hāgemā and pulleth at the racke most vyllanouslye. O Wrisleye and Riche ij. false christianes & blasphemouse apostataes frō God. What chaplayne of the pope hath inchaūted yow, or what deuyll of helle bewyted yow· to execute vpō a poore cōdēpned womā, so prodygyouse a kynde of tyrānye?” (ASKEW, 1547a, p. 45v-46r).

<sup>115</sup> “The first examinacyon of Anne Askewe, latelye martyred in Smythfelde, by the Romysch popes vpholders, with the Elucydacyon of Iohan Bale.”

<sup>116</sup> “The lattre examinacyon of Anne Askewe, latelye martyred in Smythfelde, by the wycked Synagoge of Antichrist, with the Elucydacyon of Iohan Bale.”

<sup>117</sup> “the bloudye remnant of Antichrist” (ASKEW, 1546, p. 3v).

<sup>118</sup> “the great Antichristes vpholders, whych seke by all practyses possyble to turne ouer the kynges most noble and godlye enterpryse” (ASKEW, 1546, p. 5v).

<sup>119</sup> “apes of Antichrist” (ASKEW, 1546, p. 44r).

<sup>120</sup> “Antichristes furyouse aduocates” (ASKEW, 1547a, p. 3r).

meio de seus membros tiranos, para trazer a vingança final rapidamente sobre eles.”<sup>121</sup>

Com o trecho acima destacado, John Bale inicia a conclusão da Segunda Examinação em consonância com o que defendeu ainda no início da Primeira. Para ele, o martírio dos reformadores na Inglaterra – inclusive de Anne Askew – nada mais era do que o cumprimento da profecia anunciada por Beda, o qual afirmava que, precedendo o Dia do Julgamento, haveria uma terrível perseguição e ela seria obra do Anticristo, interpretado como sendo o Papa romano, o verdadeiro inimigo a ser enfrentado. Os acontecimentos vivenciados no embate entre conservadores e reformadores na Inglaterra em meados do século XVI, portanto, de acordo com os extensos comentários de John Bale, seriam um sinal escatológico de que o Fim dos Tempos se aproximava.

A inserção na história ampla do cristianismo é central na argumentação de Bale, tanto na construção de Askew enquanto mártir, como para dar sentido ao papel desempenhado por ele próprio como testemunha dessa história. O protagonismo assumido por ele mediante seus extensos comentários no livro que veicula a história de Anne Askew e o sucesso alcançado pelas Examinações tornam necessário que se pergunte: por que um contemporâneo daria credibilidade à narrativa criada por John Bale?

As Examinações de Anne Askew fazem parte de um extenso e variado conjunto de obras compostas pelo fervoroso reformador. Desde quando era um frei carmelita, ele se dedicou a escrever histórias de figuras ligadas à sua ordem, estudos bíblicos, refutações, peças de teatro, sempre a serviço da causa cristã, seja em prol do *establishment* romano, seja em favor de uma igreja reformada<sup>122</sup>. Bale, portanto, quando comentou as Examinações, já tinha uma vasta experiência, tendo produzido obras em diversos gêneros. Um ano antes de produzir as Examinações, ele escrevera a primeira martirologia de caráter reformado da Inglaterra - *A breffe chronycle concernynge the examinacyon and death of the blessed martyr of Christ syr Iohan Oldecastell the lorde Cobham, collected togyther by Iohan Bale ...*<sup>123</sup> - o que indica que Bale já antevia o potencial propagandístico do gênero para a causa reformada.

---

<sup>121</sup> “Thus hast thou (diligent reader) the ende of these ij. examynacyons and answers of the most Christen martyr Anne Askewe, with other addycions besydes. Marke in them the horryble madde furye of Antichrist and the deuyll, how they worke in thys age by their tyrannouse members, to brynge the last vengeaunce swyftlye vpon them.” (ASKEW, 1547a, p. 64v).

<sup>122</sup> Em um de seus projetos mais ambiciosos, no qual se propõe a catalogar todos os autores ingleses, Bale faz a distinção, em sua obra, dos livros que escreveu enquanto ainda estava na “Babilônia papista” (“ex diuersarium terrarum bibliothecis, dum adhuc in Papistarum Babylone uerfarer, collegiac scripsi, Latine”), daqueles que escreveu após sua conversão à causa reformada. (BALE, 1557, p. 702).

<sup>123</sup> (BALE, 1544).

A propósito, o caráter propagandístico permeava o conjunto de sua obra. Por alguns anos, Bale serviu à coroa inglesa por intermédio de Thomas Cromwell, de quem recebia patrocínio para que escrevesse peças teatrais e viajasse com uma trupe pelo território inglês de modo a propagar as ideias reformadas e torná-las mais palatáveis ao povo após o Ato de Supremacia<sup>124</sup>. Essa experiência certamente exerceu influência considerável em seus trabalhos posteriores.

Entretanto, não bastava que Bale tivesse ímpeto propagandístico. Para que sua obra tivesse credibilidade, era preciso observar alguns detalhes, haja vista que no século XVI os discursos eram operados a partir de um regime retórico que obedecia a preceitos definidos. A credibilidade de uma obra no período não se assentava sobre noções de criatividade, inovação ou gênio, mas em critérios autoridade. Esse respaldo, foi buscado nas referências à Igreja Primitiva, mais especialmente, ao período de perseguição sofrido nos primórdios do cristianismo. Foi traçando paralelos entre os dois períodos que Bale buscou dar sentido à narrativa que estava construindo, comparando as histórias e projetando em Anne Askew – a quem ele não conhecia – características de outra mártir cristã, Santa Blandina (162-177), martirizada durante o reinado do imperador Marcos Aurélio (121-180)<sup>125</sup>. Vítima de uma perseguição direcionada aos cristãos na Gália, após sofrer intensas torturas, Blandina “foi pendurada num madeiro e ficou exposta às feras, que se lançavam sobre ela”<sup>126</sup>. Entretanto, não foi atacada pelos animais. Em outra ocasião, foi novamente submetida à intensas torturas: açoites, queimaduras até que, por fim foi jogada a um touro e morreu, após ser atirada ao alto por ele diversas vezes.

“Em conjunto, tenho esses dois exemplos juntos, porque encontro correspondência em muitos pontos. Blandina era jovem e terna, Anne Askew também era. Mas aquilo que era naturalmente frágil em ambas, Cristo fortaleceu por Sua graça. Blandina tinha três companheiros sinceros em Cristo, Maturus, Sanctes e Attalus, tão fervorosamente fiéis quanto ela. Anne Askew também tinha três bons companheiros: um cavalheiro chamado John Lascelles, seu instrutor, um sacerdote e um alfaiate chamado John Adlam, homens constantes na verdade de Cristo até o fim. [...] Blandina esteve pronta, com a mais vigorosa coragem, para oferecer sua vida pela liberdade de sua fé. Não menos animada e diligente esteve Anne Askew em todos os seus aprisionamentos e tormentos. Grande foi o amor que Blandina teve por Cristo. O amor de Anne Askew não foi menor. Blandina nunca se abateu diante do tormento. Nem Anne Askew em espírito, quando foi terrivelmente torturada no rack por Wriothesley, o chanceler e Rich, até que os ligamentos de seus braços e seus olhos pereceram. Blandina ridicularizou a crueldade dos tiranos. Anne Askew fez o mesmo com

---

<sup>124</sup> (WORT, 2015, p. 16-17).

<sup>125</sup> A história de Blandina pode ser lida em (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 99-103).

<sup>126</sup> (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 102).

a loucura dos bispos e seus porta-vozes. [...] Muitos foram convertidos pelo sofrimento de Blandina. Um número muito maior pela execução de Anne Askew na fogueira. Embora Blandina fosse jovem, foi chamada de mãe dos mártires. Muitos homens supuseram que Anne Askew, por sua constância cristã, não fosse menos que isso. Blandina orou por seus perseguidores. Anne Askew o fez com mais fervor.”<sup>127</sup>

Na construção da mártir reformada, Bale buscou seu principal referencial na História Eclesiástica de Eusébio de Cesareia – obra de suma importância dentro da tradição cristã –, apresentando Anne Askew como espelhamento de Blandina: uma mulher virtuosa, exemplo de feminilidade, que enfrentou perseguição em razão de sua fé, suportando castigos físicos terríveis sem deixar-se desencorajar. Alguém que mesmo diante da morte iminente, não se deixou abater e cuja força de conduta gerou ânimo aos que passavam por sofrimentos semelhantes. Do mesmo modo que Eusébio comparou Blandina a uma “nobre mãe que infundiu ânimo aos seus filhos”<sup>128</sup>, John Bale concebeu Anne Askew como matriarca dos mártires da reforma da Igreja da Inglaterra<sup>129</sup>. Askew, desse modo, é apresentada como participante e continuadora da história do cristianismo, comparável a uma mártir dos primórdios da Igreja, cujos sofrimentos são narrados em uma das obras mais importantes da tradição cristã.

Ao mesmo tempo em que traçou um paralelo entre as duas mártires, inserindo Anne Askew no desenrolar da história cristã, John Bale não considerou seu próprio papel como sendo de menor relevância, ainda que tenha fugido da Inglaterra para não sofrer um fim semelhante ao dos mártires que ele tanto exaltava. Segundo ele, “nas mais terríveis perseguições da Igreja Primitiva foram escritos os exames e respostas, tormentos e mortes dos constantes mártires, e enviados para o exterior por todo o mundo, como testemunhou Eusébio de Cesareia em sua

---

<sup>127</sup> “Coupled I haue these ij. examples togyther, bycau se I fynde them in so manye poyntes agree. Blandina was yonge and tender, So was Anne Askewe also. But that whych was frayle of nature in thē both, Christ made most stronge by hys grace. Blandina had iij. ernest companyons in Christ, Maturus, Sanctes, and Attalus, so feruentlye faythfull as her selfe. So had Anne Askewe iij. fyre fellawes, a gentyman called Iohan Lassels her instructour, a preste, and a tayler called Iohan Adlam, men in Christes veryte vnto the ende most cōstaunt. [...] Prompt was Blandina, and of most Iustye corage, in renderynge her lyfe for the lyberte of her faythe. No lesse lyuelye and quyck was Anne Askewe in all her enprysonynges and tormētes. Great was the loue, Blandina had to Christ. No lesse was the loue of Anne Askewe. Blandina neuer faynted in torment. No more ded Anne Askewe in sprete, whan she was so terribly racked of Wrysleye the chaunceller and Ryche, that the strynges of her armes and eyes were perysshed. Blandina deryded the cruete of the tyrauntes. So ded Anne Askewe the madnesse of the Byshoppes and their speche men. [...] Manye were conuerted by the sufferance of Blandina. A farre greater nombre by the burnyng of Anne Askewe. Though Blandina were yonge, yet was she called the mother of martyrs. Manye men haue supposed Anne Askewe, for her Christen constancye to be no lesse. Blandina prayed for her persecuters. So ded Anne Askewe most feruentlye.” (ASKEW, 1546, p. 7v-9r).

<sup>128</sup> (EUSÉBIO DE CESAREIA, 2002, p. 103).

<sup>129</sup> “Though Blandina we reyonge, yet was she called the mother of martyrs. Manye men haue supposed Anne Askewe, for her Christen constancye to be no lesse.” (ASKEW, 1546, p. 9r).

História Eclesiástica.”<sup>130</sup> E esse era o papel que lhe cumpria desempenhar diante de tão terríveis acontecimentos.

“Na Igreja Primitiva, enquanto as horríveis perseguições aumentavam, muitos escritores diligentes coletavam as piedosas respostas e sofrimentos triunfantes dos mártires, como exemplos necessários de constância cristã a ser seguido por outros. Dentre esses estava Lucas, que escreveu os Atos dos apóstolos. E depois dele Lino, Marcelo, Hegésipo, Melito [de Sardes], Abdias [bispo da Babilônia], Josephus de Antioquia, Clemente de Alexandria. Antero, Phileas, Eusébio, Nicéforo e muitos outros [...] Eles deviam registrar fielmente os martírios, para mantê-los em lembrança constante [...]”<sup>131</sup>

Ao coletar, comentar e divulgar as Examinações, Bale considerava estar desempenhando um papel semelhante ao daqueles cronistas responsáveis por trazer à memória o sacrifício dos primeiros mártires cristãos, tomando para si a missão de não deixar que o martírio de Anne Askew fosse esquecido. Apoiado na autoridade dos cronistas mencionados, o diligente reformador buscou dar sentido ao seu próprio papel como comentador e divulgador das Examinações. Esse ofício não seria de pouca relevância para o desenrolar da história cristã, pois as histórias de martírio tinham o potencial de inspirar e persuadir seus contemporâneos a aderirem ao projeto reformado e, conseqüentemente, – na visão de Bale – se posicionarem ao lado da “verdadeira Igreja”.

Com o intuito de construir sua narrativa apoiado na autoridade de reconhecidos cronistas e escritores da história cristã, com especial atenção dada a Eusébio de Cesareia, Bale se esforçou em estabelecer vínculos com a tradição martirológica e hagiográfica. Entretanto, e de forma quase contraditória, Bale procura distanciar Anne Askew de mártires e santos consagrados pela Igreja Romana.

“Eu penso que se essa mártir for corretamente comparada com aqueles mártires canonizados, que tiveram, e ainda têm, incensos e cantos, missas e sinos na Igreja Inglesa do Papa, causa com causa e razão com razão (como deve ser) ela deve ser uma grande desonra para eles. Um exemplo de grande sofrimento essa santa mártir pode ser para todos eles, para que o Senhor, da mesma maneira,

---

<sup>130</sup> “In most terrible persecucyons of the prymatyue church, were the examynacyons & answers, tormentes and deathes of the constaunt martyrs written, and sent a broade all the whole worlde ouer, as testyfyeth Eusebius Cesariensis in hys ecclesyastyck hystorye.” (ASKEW, 1546, p. 6r).

<sup>131</sup> “In the prymatyue church, as the horryble persecucyōs increased, manye dylygēt wryters collected the godlye answers and tryumphaut sufferynges of the martyrs, as necessarye examples of Christen constancye to be folowed of other. Of thys nōbre was Lucas, whych wrote the Apostles actes So were after hym Linus, Marcellus, Egesippus, Meliton, Abdias Babylonius, Iosephus Antiochenus, Clemens Alexandrinus, Antherus, Phileas, Eusebius, Nicephorus, & a great sort more [...] that they shuld faythfullye regestere ther martyrdomes, to holde thē in contynuall remembraunce [...]” (ASKEW, 1547a, p. 2r).

seja apresentado, nessa fúria horrível do Anticristo, à glória de sua igreja perseguida.”<sup>132</sup>

Para compreender as razões dessa aparente contradição, em primeiro lugar, é preciso lembrar que, para John Bale, o grande inimigo a ser enfrentado era o Papa romano. Portanto, ao comparar os mártires reformados, em especial Anne Askew, com outros mártires canonizados pela Igreja Romana, ele julga ser necessário fazer algumas distinções entre os antigos e os novos mártires, entre os mártires do Papa e os de Cristo. O fervoroso reformador deixa claro que considera verdadeiros apenas aqueles mártires e santos que não se encontravam sob a autoridade papal, incluindo os referenciais britânicos do período anterior à missão de Agostinho<sup>133</sup> que, sob as ordens do Papa Gregório I<sup>134</sup>, lançou as bases para o estabelecimento da Igreja Inglesa sob a autoridade romana<sup>135</sup>.

Tratando do caso britânico e discorrendo sobre o papel do poder religioso estabelecido em relação à classificação de quem seria mártir e quem era considerado herege, John Bale faz uma interessante distinção entre “os mártires que eles [os papistas] fazem dos mártires que eles canonizam”<sup>136</sup>. De um lado, estariam pessoas condenadas pelas autoridades religiosas por pregarem o verdadeiro Evangelho. Do outro, sujeitos perseguidos por autoridades seculares, por desobediência ou traição.<sup>137</sup> Os primeiros eram amaldiçoados como hereges, os segundos venerados pela Igreja.

A circunstância da morte dos mártires canonizados pela Igreja papista também foi alvo das observações e críticas do loquaz comentador. Bale listou exemplos de como se deu a morte

---

<sup>132</sup> “I thynke yf thys martyr were ryght lye conferred, with those canonysed martyrs, whych haue had, and yet hath styll, sensynges and syngynges, massynges & ryngyngesi the popes Englysh churche, cause with cause and reason with reason, (as haplye here after they shall) she shuld be a great blemysch vnto them. An example of stronge sufferaunce myght thys holye martyr be, vnto all them that the lorde shall after lyke maner put forewarde in thys horryble furye of Antichrist, to the glorye of hys persecuted churche.” (ASKEW, 1546, p.10).

<sup>133</sup> Agostinho de Cantuária (? – 604), monge beneditino e primeiro arcebispo da Cantuária.

<sup>134</sup> Gregório I foi papa entre 590 e 604.

<sup>135</sup> “Now in conferryng these martyrs, the olde with the newe and the popes with Christes. I seclude first of all the Brytayne churche, or the prymatyue churche of thys realme, whych neuer had autoryte of the Romysh pope. Her martyrs in dede were agreable to that Christ spake afore in the Gospell concernynge hys martyrs,” (ASKEW, 1547a, p. 3r).

<sup>136</sup> “A great dyfference is there of the martyrs whom they make, from the martyrs whom they canonyse.” (ASKEW, 1547a, p. 4v).

<sup>137</sup> “ij. kyndes of martyrs hath bene, one of monasterye buylders and chaunterye founders, whom the temporall prynces & secular magistrates haue dyuersiye done to deathe, sumtyme for dysobedyence, & sumtyme for manyfest treason... The other sort were preachers of the Gospell, or poore teachers therof ī corners, whā the persecucyō was soche, that it myght not be taught abroad. And these poore sowles, or true seruauntes of God, were put to deathe by the holye spirytuall fathers Byshoppes, prestes, monkes, chanons, & fryers, for heresy & Iollerye, they saye.” (ASKEW, 1547a, p. 3v-4r).

de pessoas veneradas pela Igreja romana. Mortes em batalha<sup>138</sup>, em cavalgadas e bebedeiras<sup>139</sup>, mortes por amor<sup>140</sup>, por loucura<sup>141</sup> ou por dinheiro<sup>142</sup> são mencionadas como indignas se comparadas à morte de Anne Askew e seus três companheiros. Esses não teriam sofrido mortes banais, mas dado a vida em defesa de suas convicções<sup>143</sup>. Para Bale, esse seria o atributo maior para se consagrar um mártir.

No final da Idade Média, existiam várias formas diferentes de definir o que fazia de alguém um verdadeiro mártir. Poderia ser o ascetismo, a virgindade ou castidade e até mesmo o enfrentamento de uma morte imerecida<sup>144</sup>. Bale, entretanto, pensa no martírio de forma diferente e associa o martírio à morte em defesa da fé. Como pioneiro no uso do gênero martirológico em favor da causa reformada,<sup>145</sup> ele deu início a uma mudança de paradigma nas definições do martírio, que se consolidaria com a obra John Foxe, do lado reformado, e de Nicholas Harpsfield<sup>146</sup>, do lado conservador.

Bale articulou uma cuidadosa construção narrativa na qual, aproveitando-se de todo conhecimento construído enquanto frei carmelita, se apropriou de elementos imagéticos e textuais já consagrados da tradição cristã, recursos familiares aos leitores e sobre os quais pôde construir a sua própria credibilidade. Construiu sua narrativa a partir da interpretação da profecia de Beda que previa uma grande perseguição do Anticristo, conseguindo ao mesmo tempo defender que os acontecimentos vividos por ele e seus contemporâneos eram o cumprimento dessa profecia e que os conservadores eram inimigos a serviço do grande Anticristo – o Papa romano.

Desde os primórdios do cristianismo, as histórias de martírio carregam em si um forte caráter exemplar, servindo como modelo de conduta e motivação em tempos adversos. John

---

<sup>138</sup> “Saynt Edwyne beyng wele armed, was slayne in battayle at Hatfelde in the North”. (ASKEW, 1547a, p. 6r).

<sup>139</sup> “S. Edwarde rydyng a Huntynge in the forest of Warham in the weast, was kylled vpon hys horse in drynkyng a cuppe of wyne.” (ASKEW, 1547a, p. 6r).

<sup>140</sup> “S. Elytanke of Southwales, was in lyke case stabbed in with a dagger, bycause a yonge mayden loued hym.” (ASKEW, 1547a, p. 6r).

<sup>141</sup> “Saynct Cadock of Cowbridge a Byshopp, was pearced through with a speare, as he stode at hys Masse at one of the clocke at after none, bycause he wolde be of the order of martyrs.” (ASKEW, 1547a, p. 6r).

<sup>142</sup> “Elphege archebyshopp of Caunterburye was stoned to deathe of the Danes, bycause he wolde not paye them thre .M. Marke.” (ASKEW, 1547a, p. 6v).

<sup>143</sup> “The martyrdom of Anne Askewe and her Bretherne, was neyther in battelyng nor huntynge, rydyng nor drynkyng, but in that ryght course whych Christ prescrybed vnto hys dyscyples vndre the cruell Byshoppes, for hys onlye glorye. (...) The cause of Anne Askewe and her companyons, was neyther madnesse nor moneye, but the onlye sekyng of their lorde God a ryght.” (ASKEW, 1547a, p. 6r-6v).

<sup>144</sup> (FREEMAN; MAYER, 2007, p. 30).

<sup>145</sup> O trabalho de Bale sobre sir John Oldcastle e as Examinações de Anne Askew são consideradas as primeiras martirologias do protestantismo inglês (HICKERSON, 2007, p. 775).

<sup>146</sup> Nicholas Harpsfield (1519–1575) foi um historiador e clérigo inglês, favorável à doutrina da Igreja Romana.

Bale teve o mérito de captar essa essência. Ao dar sua contribuição em forma de extensos comentários, transformou as Examinações, um relato supostamente escrito por Anne Askew – o qual, aparentemente, se destinava a um círculo íntimo de pessoas com as quais ela partilhava a fé – em uma narrativa que a transformou em personagem modelo para a causa reformada na Inglaterra. Com seu gosto pela polêmica e percepção aguçada, John Bale acabou lançando as bases para um gênero que se tornaria extremamente importante na criação de uma identidade reformada na Inglaterra, inspirando projetos posteriores, como *The Acts and Monuments*, de John Foxe.

## CAPÍTULO 02: A defesa teológico-doutrinária nas Examinações

No período em que as Examinações de Anne Askew foram produzidas, os livros de John Bale estavam proibidos na Inglaterra por força da proclamação de 08 de Julho de 1546, que ordenou a coleta e a queima de livros heréticos escritos por Frith, Tyndale, Wyclif, Bale, Barnes, Coverdale e outros<sup>147</sup>. Esse, entretanto, não foi o primeiro movimento legal feito durante o reinado de Henrique VIII no sentido de coibir a circulação de obras indesejadas. A primeira das proclamações concernentes às publicações consideradas heréticas foi realizada em 06 de maio de 1530, listando especificamente quinze obras de reformadores como William Roy, Henri Bullinger e William Tyndale cuja importação, venda e posse se tornaram proibidas a partir de então. Em 22 de junho do mesmo ano, foram adicionadas as obras de Simon Fish, John Frith e – novamente – de William Tyndale, incluindo suas traduções do texto bíblico<sup>148</sup>.

Tyndale é um dos mais importantes nomes da história da Reforma Religiosa na Inglaterra. Suas traduções do texto bíblico foram suas maiores contribuições à causa reformada – ainda que não tenham sido concluídas antes de sua morte – bem como a impressão desses textos publicados em volumes de menor formato e com custo mais reduzido. Até então, a Bíblia a que se tinha acesso na Inglaterra no início do século XVI era, basicamente, uma tradução latina feita mil anos antes e que pouquíssimas pessoas podiam entender. Adepto da causa reformada, Tyndale assumiu como missão de vida tornar as Escrituras Sagradas acessíveis a todos. Antes de fugir da Inglaterra, teria dito a um homem letrado: “se Deus poupar minha vida, dentro de muitos anos farei com que um menino que dirige o arado saiba mais da Escritura do que tu”<sup>149</sup>.

O fato de William Tyndale ter se dedicado ao projeto de viabilizar aos ingleses uma tradução acessível do texto bíblico, guarda relação com um dos ensinamentos mais difundidos

---

<sup>147</sup> (BEILIN apud ASKEW, 1996, p. 8).

John Frith (1503-1533): sacerdote reformador, escritor e mártir. William Tyndale (ca.1494-1536): reformador que traduziu a Bíblia para o inglês, foi queimado por heresia em Vilvorde, na Bélgica. John Wyclif: ver nota 68. Robert Barnes: Robert Barnes (1495-1540): autor e pregador reformado, foi queimado por heresia em Smithfield. Miles Coverdale: ver nota 38.

<sup>148</sup> “Proclamation for collection and burning of books by Tyndale, Coverdale, Wycliffe, Bale, Barnes, and others. 08 July 1546.” Livros confiscados foram queimados em St Paul's cross em 26 de setembro do mesmo ano. Ver [http://www.copyrighthistory.org/cam/commentary/uk\\_1538/uk\\_1538\\_com\\_972007121733.html](http://www.copyrighthistory.org/cam/commentary/uk_1538/uk_1538_com_972007121733.html).

William Roy (d. 1531): frei reformador de Greenwich, que serviu como assistente de Tyndale no preparo da impressão de seu Novo Testamento em língua inglesa. Henri Bullinger (1504 – 1575): reformador suíço. Simon Fish (d. 1531): reformador e propagandista inglês que auxiliou Tyndale com a difusão de seu Novo Testamento.

<sup>149</sup> (DANIELL, 1994, p. 1).

entre os reformadores e que costumava ser sintetizado no mote “*Sola Scriptura*”, que pode ser definido em linhas gerais como a insistência reformada na primazia das Escrituras como contraponto à ênfase católico-romana na tradição<sup>150</sup>. Os movimentos de Reforma, em toda sua multiplicidade de interpretações, lançaram mão dessa ideia, defendendo as Escrituras como fonte única para a doutrina cristã.

Em um mundo onde a Igreja Romana – e, no caso da Inglaterra depois do Ato de Supremacia, o rei enquanto chefe da Igreja – era a grande detentora da autoridade em assuntos religiosos, não era uma tarefa fácil propor ideias que pudessem contrapor os dogmas já estabelecidos. As propostas de reforma precisavam ter força suficiente para desafiar a ortodoxia de uma instituição milenar plenamente estabelecida, o que não era uma tarefa facilmente exequível. No capítulo anterior ficou evidente como a construção bem-sucedida do martírio de Anne Askew passou, necessariamente, pela identificação com a história mais remota da Igreja e foi, inclusive, associada a passagens bíblicas que sugerem que os acontecimentos vivenciados pelos reformadores faziam parte de um plano maior e eram um sinal do fim dos tempos. É seguro dizer que Bale não obteria sucesso em sua empreitada se não se ancorasse em fontes eficazes de autoridade. Como frei carmelita e prolífico escritor e polemista, ele sabia muito bem disso.

Dentro de uma esfera cristã, a única fonte de autoridade capaz de contrapor com eficácia a ortodoxia e a tradição romana seria justamente a própria Escritura Sagrada. E os reformadores se deram conta disso. Entretanto, não bastava apenas defender que as Escrituras fossem o fundamento da prática de fé cristã. Se o acesso ao texto continuasse a ser restrito a apenas alguns, a grande massa da Cristandade permaneceria sendo orientada por aqueles que detinham o monopólio das interpretações e as reformas almejadas não teriam possibilidade de se realizar. Sobre isso, Tyndale escreveu:

“[...] Finalmente, nisto todos eles concordam de acordo: em afastá-los do conhecimento da escritura, que não tenham o texto na sua língua materna, e em manter o mundo nas trevas, a fim de que eles possam sentar-se nas consciências do povo, por meio de vãs superstições e falsa doutrina, para satisfazer seus desejos imundos, sua ambição orgulhosa e cobiça insaciável, e para exaltar sua própria honra acima do rei e imperador, sim, e acima do próprio Deus. Mil livros tiveram que ser usados contra seus abomináveis atos e doutrina, para que a escritura viesse à luz. Pois, enquanto eles a mantiverem sob seu controle, eles irão obscurecer o caminho certo com a névoa de seus sofismas, e então emaranhar aqueles que repreenderão ou desprezarão suas abominações, com argumentos de filosofia, e com similitudes mundanas e aparentes razões de

---

<sup>150</sup> (BURGER; HUIJGEN; PEELS, 2018, p. 11).

natural sabedoria, e torcer a escritura para seu próprio propósito, contrário ao processo, ordem e significado do texto; e assim iludi-los ao contar sobre ele com alegorias, e surpreendê-los, expondo-o em muitos sentidos perante os leigos incultos (quando tem apenas um sentido simples e literal, cuja luz as corujas não podem suportar) que, embora sintam em seu coração, e tenham a certeza de que tudo isso que dizem é falso, não poderiam desvendar seus sutis enigmas. Isso me motivou a traduzir o novo Testamento. Porque eu havia percebido por experiência que era impossível estabelecer aos leigos qualquer verdade, a menos que a escritura fosse claramente colocada diante de seus olhos em sua língua materna, para que pudessem ver o processo, a ordem e o significado do texto; pois do contrário, qualquer que seja a verdade que lhes é ensinada, esses inimigos de toda a verdade a apagam novamente, em parte com a fumaça de seu poço sem fundo, do qual você leu no Apocalipse, cap. IX. (isto é, com aparentes razões de sofismas e tradições de sua própria criação, fundadas sem base nas escrituras) e em parte fazendo malabarismo com o texto, expondo-o de tal forma que seja impossível compreendê-lo, se você ver o processo, ordem e significado disso.”<sup>151</sup>

A argumentação do tradutor da Bíblia inglesa demonstra claramente a ideia de que a tradição romana não seria combatida simplesmente com a construção de uma nova tradição exegética reformada – ao menos no discurso. Em um eventual embate de interpretações, a vantagem estaria ao lado da instituição mais consolidada, que teria o poder de apagar ou distorcer os ensinamentos verdadeiros – que para Tyndale seriam as interpretações dos reformadores. Seria, então, necessário garantir a todo cristão o acesso direto ao texto bíblico de modo a eliminar a mediação interpretativa, ou ao menos a interferência indesejada do catolicismo romano.

---

<sup>151</sup> “Finally, in this they be all agreed, to drive you from the knowledge of the scripture, and that ye shall not have the text thereof in the mother-tongue, and to keep the world still in darkness, to the intent they might sit in the consciences of the people, through vain superstition and false doctrine, to satisfy their filthy lusts, their proud ambition, and unsatiable covetousness, and to exalt their own honour above king and emperor, yea, and above God himself.

A thousand books had they lever to be put forth against their abominable doings and doctrine, than that the scripture should come to light. For as long as they may keep that down, they will so darken the right way with the mist of their sophistry, and so tangle them that either rebuke or despise their abominations, with arguments of philosophy, and with worldly similitudes and apparent reasons of natural wisdom, and with wresting the scripture unto their own purpose, clean contrary unto the process, order, and meaning of the text; and so delude them in descanting upon it with allegories, and amaze them, expounding it in many senses before the unlearned lay-people, (when it hath but one simple, literal sense, whose light the owls cannot abide) that, though thou feel in thine heart, and art sure, how that all is false that they say, yet couldst thou not solve their subtle riddles.

Which thing only moved me to translate the new Testament. Because I had perceived by experience how that it was impossible to establish the lay-people in any truth, except the scripture were plain laid before their eyes in their mother-tongue, that they might see the process, order and meaning of the text: for else, whatsoever truth is taught them, these enemies of all truth quench it again, partly with the smoke of their bottomless pit, whereof thou readest in Apocalypse, chap. IX. (that is, with apparent reasons of sophistry, and traditions of their own making, founded without ground of scripture,) and partly in juggling with the text, expounding it in such a sense as it impossible to gather of the text, if thou see the process, order, and meaning thereof.” (TYNDALE *apud* WILLIAMS, 1996).

Seria plausível pensar que a Inglaterra, ao romper com a Igreja Romana, aderisse à ideia da suficiência das Escrituras, tão cara aos grandes nomes da Reforma. Entretanto, não foi o que aconteceu. O próprio Tyndale foi perseguido, aprisionado e condenado por heresia. Por fim, foi submetido à fogueira, em 1536, após ter sido degradado do sacerdócio.<sup>152</sup> Sua tradução do texto bíblico tornou-se, mesmo antes de sua morte, alvo de perseguição na Inglaterra. Se o rei Henrique VIII havia aderido ao movimento de Reforma, ao menos em relação à ruptura com a Igreja Romana, o que teria motivado a perseguição à Bíblia de Tyndale, sendo que a ideia de garantir o acesso ao texto bíblico era tão cara aos reformadores em geral? As Examinações de Anne Askew ajudam a responder a essa pergunta.

Voltemos brevemente à xilogravura estampada na folha de rosto das Examinações. Na análise feita no capítulo anterior, foi destacado que a figura feminina retratada carrega em sua mão direita o exemplar de um livro identificado nominalmente como a Bíblia. Na organização imagética, o livro, portado pela mulher com altivez, encontra-se paralelamente acima da cabeça da besta que ostenta a coroa papal, o que pode ser interpretado como sugestão de uma relação hierárquica entre os dois objetos e aquilo que eles representam. Nesse sentido, a distribuição da imagem sugere que a Bíblia – as Escrituras Sagradas – tem primazia sobre a coroa papal, que pode representar, além da pessoa do Papa, a própria tradição da Igreja Romana.

Entretanto, as menções à Bíblia não se restringem à folha de rosto. A complexa relação entre os reformadores e as Escrituras foi explorada nos diálogos reproduzidos nas Examinações. Anne Askew teria relatado:

“Em terceiro lugar, ele me perguntou se eu disse que preferia ler cinco linhas da Bíblia a ouvir cinco missas no templo. Confessei que não disse menos. Não para a desaprovação da Epístola ou do Evangelho. Mas porque um me edificou bastante e o outro não me edificou em nada. Como São Paulo testemunha no capítulo 14 de sua primeira Epístola aos Coríntios, quando diz: Se a trombeta emitir um som incerto, quem se preparará para a batalha?”<sup>153</sup>

É possível perceber pela suposta fala de Askew como a relação direta com o texto bíblico é posta em precedência em relação aos demais aspectos da prática religiosa cristã. Pelo trecho da epístola paulina reproduzido acima e utilizado como argumento da resposta, talvez

---

<sup>152</sup> (DANIELL, 1994, p. 374).

<sup>153</sup> “Thirdly he asked me, wherfor I sayd, that I had rather to reade fyue lynes in the Bible, than to heare fyue masses in the temple. I confessed, that I sayd no lesse. Not for the dyspraye of eyther the Epistle or Gospell. But bycause the one ded greatlye edyfye me, & the other nothings at all. As saynt Paule doth witness in the xiiij chaptre of hys first Epistle to the Corinthes, where as he doth saye. If the trumpe geueth an vncertayne sounde, who wyll prepare hymselfe to the battayle?” (ASKEW, 1546, p. 3r-v).

não fique tão claro o que Askew teria tentado afirmar. Entretanto, se seguimos um pouco adiante no trecho destacado, as coisas ficam mais claras.

“E mais, se a trombeta não emitir um som claro e correto, quem se preparará para a batalha? Da mesma maneira vós, se com a língua não pronunciardes sons que se podem entender, como se compreenderá o que dizeis? Pois estareis como que jogando palavras ao vento. Realmente, há diversos idiomas no mundo; contudo, nenhum deles é sem sentido. Portanto, se eu não compreender o significado do que alguém está comunicando, serei estrangeiro para quem fala e tal pessoa, estranha para mim. Assim igualmente vós. Visto que estais desejosos por exercer os dons espirituais, procurai amadurecer naqueles que produzem edificação para todo o Corpo de Cristo.”<sup>154</sup>

No texto acima, enviado aos Coríntios, Paulo tratava acerca dos dons espirituais. Diretamente, ele não faz menção à leitura das Escrituras. Entretanto, um exame atento do trecho pode ajudar a compreender o motivo pelo qual Anne Askew, dentre tantas referências bíblicas, teria julgado essa como a mais pertinente em sua resposta. A chave do trecho em questão está na eficácia da comunicação. Ao escolher esse texto como justificativa para seu argumento, ela estaria demonstrando que a compreensão trazida pela leitura das Escrituras em sua língua materna tinha mais valor do que a participação em um rito que ainda era ministrado em latim e, portanto, inacessível para a maioria das pessoas. A missa, portanto, não comunicava nada, nem ao intelecto, nem ao espírito e, portanto, não poderia produzir a edificação para o Corpo de Cristo sobre a qual Paulo falava.

O que Anne Askew teria feito de forma específica e aplicada à situação particular que vivia, Bale amplificou de modo muito mais abrangente, dando um passo adiante ao comentar:

“Um mandamento Cristo nos deu: examinar as sagradas Escrituras (João 5.39), pois somente nelas está a vida eterna. Bem-aventurado é aquele (diz Cristo a João) que lê e ouve as palavras desta profecia (Apocalipse 1.3) Mas acerca da missa papista latina, não há uma palavra em toda a Bíblia e, portanto, não pertence à fé.”<sup>155</sup>

Mais adiante ainda insiste:

---

<sup>154</sup> 1 Coríntios 14.8-12 (KJVA).

<sup>155</sup> “A commaundement hath Christ geuen vs, to serche the holye scriptures, Io han. 5. for in them onlye is the lyfe eternall. Blessed is he (sayth Christ vnto Iohan) whych readeth and heareth the wor des of thys prophecye, Apo. 1. But of the latyne popysh masse, is not one worde in all the Byble, and therfor it perteyneth not to faythe.” (ASKEW, 1546, p. 3v).

“Se suas missas fossem da criação, ordenança ou mandamento de Deus, ou se elas fossem de alguma forma necessárias para o benefício dos homens, elas teriam sido registradas no livro de vida, que é a Bíblia sagrada.”<sup>156</sup>

O exame às Escrituras Sagradas, em sua argumentação, não era uma questão de preferência ou consciência, mas de obediência a um mandamento diretamente dado por Cristo e reproduzido no texto canônico. A necessidade de conhecer as Escrituras, portanto, seria validada na própria Bíblia, que deveria ser o parâmetro para definir o pertencimento ou não de determinados ensinamentos e práticas à fé cristã. Mais que uma questão de escolha individual, a leitura do texto Bíblico era, então, uma necessidade urgente de cada cristão.

Ao longo de ambos os volumes das Examinações, abundam menções às Escrituras. Segundo John N. King<sup>157</sup>, no texto atribuído à Anne Askew há citação de quase 50 textos bíblicos, ao passo que nos comentários de John Bale, com seu estilo prolixo e hiperbólico, encontram-se pouco mais de 400 referências diretas ou alusões ao texto sagrado. Tais menções não são usadas de forma despropositada, mas oferecem suporte aos argumentos elaborados contra os interrogadores de Anne Askew, contra a ortodoxia da Igreja romana, contra os conservadores papistas e por fim, contra aqueles a quem John Bale dirigia suas mais efusivas críticas. O uso de tantas referências bíblicas em livros que, juntos, somam por volta de 260 páginas demonstra como era importante que os reformadores estivessem munidos do conhecimento das Escrituras, pois assim se utilizavam da autoridade que emanava delas, elaboravam e fortaleciam seus argumentos diante do confronto religioso ao qual estavam submetidos.

Entretanto, o uso do texto bíblico feito pelos reformadores era uma grande fonte de incômodo para o poder estabelecido. Quando a Igreja ditava os ritos e condicionava a salvação dos fiéis a certas práticas estava, em última instância, exercendo grande poder sobre a Cristandade. Quando a legitimidade das práticas era contestada à luz das Escrituras, automaticamente a autoridade da própria Igreja era questionada. Maarten Wisse defende que, sobretudo nos momentos iniciais da Reforma, *Sola Scriptura* foi usado como uma espécie de *slogan*, um “instrumento para criticar as estruturas de poder”, devolvendo as Escrituras ao povo comum<sup>158</sup>. A ideia de devolver a Bíblia ao povo comum pode ser uma romantização do

---

<sup>156</sup> If their Masses had bene of Gods creacyon, ordynaunce or commaundement, or if they had bene in anye poynt necessarye for mannys behoue, they had bene registred in the boke of lyfe, whych is the sacred Byble. (ASKEW, 1546, p. 6v).

<sup>157</sup> (KING, 2020, p. 50).

<sup>158</sup> (BURGER; HUIJGEN; PEELS, 2018, p. 22).

movimento, mas o fato é que o uso dado à concepção da suficiência das Escrituras funcionava – muito bem – como um desafio ao *establishment* romano.

No final da Segunda Examinação, após os relatos dos últimos interrogatórios aos quais Anne Askew foi submetida, John Bale reproduziu o que seria uma confissão de fé feita por ela enquanto estava em Newgate aguardando a execução de sua pena por heresia. Anne Askew teria declarado:

“Além disso, eu acredito no meu interior, como meu eterno e único redentor Jesus Cristo quer que eu acredite. Finalmente, acredito que todas essas Escrituras são verdadeiras. As quais Ele confirmou com seu sangue mais precioso.

[...]

Sim, e como disse S. Paulo, essas Escrituras, que Cristo deixou aqui conosco, são suficientes para nosso aprendizado e salvação. Assim, creio eu, não precisamos de verdades não escritas para governar Sua igreja. Portanto, olhe o que ele colocou diante de mim com sua própria boca, em seu sagrado Evangelho, que eu, com a graça de Deus, escondi em meu coração. E minha total confiança é (como disse Davi) que será uma lâmpada para meus passos, Salmo 118.”<sup>159</sup>

No texto acima fica claro que, mais do que uma questão íntima de religiosidade, a ideia de suficiência das Escrituras era um desafio, uma forma de rejeitar dogmas e práticas firmemente estabelecidos pela Igreja Católica. Os reformadores que defendiam uma relação mais direta com o texto sagrado entendiam que o que não estava escrito na Bíblia, não poderia ser imposto à Cristandade, por maiores que fossem as elaborações teológicas ou a solidez da tradição. Desse modo, se as Escrituras continham tudo o que um cristão necessitava para exercer fielmente sua fé, era preciso que todos pudessem acessá-la, de modo a não precisarem da intermediação de terceiros.

Nos exemplos acima oferecidos, é possível perceber que boa parte da argumentação presente nas Examinações se ancora na ideia da garantia de acesso e da suficiência das Escrituras. Ao mesmo tempo em que constrói o martírio de Anne Askew, John Bale difunde ao longo da obra essa ideia tão importante para os reformadores, seja ao reproduzir as supostas

---

<sup>159</sup> “More ouer I beleue as moch therin, as my eternall & onlye redemer Iesus Christ wolde I shuld beleue. Fynallye I beleue all those scriptures to be true. whom he hath confirmed with hys most precyouse bloude.

[...]

Yea, and as S. Paule sayth, those scriptures are suffycyent for our lernynge and saluacyō, that Christ hath lefte here with vs. So that I beleue, we nede no vnwritten verytees to rule hys churche with. Therefore loke what he hath layed vnto me with hys owne mouthe, in hys holye Gospell, that haue I with Gods grace, closed vp in my harte. And my full trust is (as Dauid saych) that it shall be a lanterne to my fote stepes, Psalme 118.” (ASKEW, 1547a, p. 57r-58r).

respostas da personagem central da obra, seja por meio de seus prolixos comentários. Mais do que uma elaboração teológica acerca do assunto, as Examinações oferecem o exemplo de como os reformadores poderiam utilizar o texto bíblico como escudo diante das acusações que a eles eram imputadas, e também como bússola dogmática e justificativa das práticas que diferiam da ortodoxia católica.

Se por um lado a ideia do acesso livre e direto às Escrituras tinha o potencial de impulsionar a causa reformada, por outro possibilitava situações no mínimo embaraçosas para aqueles que defendiam a manutenção dogmática romana na Inglaterra. As Examinações relatam uma situação constrangedora à qual uma das autoridades religiosas teria sido exposta:

“Então o Bispo disse que eu deveria ser queimada. Eu respondi que eu examinei todas as Escrituras e, ainda assim, não pude encontrar [uma passagem] onde Cristo ou seus Apóstolos tenham condenado alguém à morte. Ora, ora – eu disse – Deus vai rir com desprezo de suas ameaças (Salmos 2.4). Então, me mandaram ficar de lado.”<sup>160</sup>

O conhecimento das Escrituras por parte daqueles que normalmente não teriam acesso ensejou desafios como o que foi relatado acima. Tal situação era incômoda e, como se viu no início do capítulo, gerou reações daqueles que viram seu poder ameaçado. Portanto, é compreensível que a ideia da suprema autoridade das Escrituras Sagradas e a popularização do acesso a elas tenha sido alvo de preocupação por parte dos religiosos conservadores e das autoridades políticas inglesas. A ideia de que cada cristão deveria ter acesso direto ao texto bíblico e, portanto, elaborar suas interpretações de acordo com a própria consciência, além de causar constrangimentos aos que antes detinham o domínio exegético, era incompatível com a uniformidade religiosa almejada por Henrique VIII – como se pode ver na introdução do presente trabalho.

Os movimentos de Reforma não substituíram a ortodoxia romana por outro sistema consensual de crença e isso se deve, em boa parte, à defesa de uma relação pessoal de cada cristão com as Escrituras. Essa ideia, apesar de necessária à ruptura com a autoridade papal, trouxe algumas complicações para a Igreja Inglesa que buscava se estabelecer como entidade independente da matriz romana e definir seus dogmas e práticas. Sem uma mediação consistente, as múltiplas leituras deram origem às mais diversas interpretações e combinações

---

<sup>160</sup> “Then the Byshopp sayd, I shuld be brēte. I answered, that I had serched all the scriptures yet coulde I neuer fynde there that eyther Christ or hys Apostles put anye creature to deathe. Well, well, sayd I, God wyl laughe your threttenynges to scorne, Psal. 2. Then was I cōmaunded to stande a syde.” (ASKEW, 1546, p. 10r-10v).

dogmáticas dentre os que defendiam uma Reforma não apenas meramente institucional, mas que abarcasse os aspectos da prática da fé. Isso constituía um empecilho à uniformidade religiosa almejada pelo rei e, conseqüentemente, afetava o controle que ele desejava exercer sobre a Igreja da Inglaterra.

Até então, eram as autoridades eclesiásticas, e não os indivíduos, que determinavam os limites da verdade religiosa. Talvez a principal mudança trazida pela difusão da concepção da suficiência das Escrituras e de uma relação mais direta com o texto bíblico tenha sido a perda, ao menos parcial, desse controle. As sucessivas mudanças de direção apresentadas pelo governo de Henrique VIII, bem como as modificações na política religiosa que acompanharam cada um de seus sucessores colaboraram para dificultar o estabelecimento de uma ortodoxia religiosa na Inglaterra. Analisando os efeitos dessa situação no século XVI, Oliver Wort fala em uma era de “Cristandade camaleônica”, marcada por “fluidez e não firmeza” nos assuntos de religião<sup>161</sup>.

A instabilidade exegética e dogmática não ameaçava apenas a supremacia real em assuntos religiosos, mas ensejava uma inconveniente fratura na comunidade reformada. Por ter nascido ancorada à noção de uma relação direta com o texto bíblico, surgiram as mais diversas interpretações e combinações acerca de temas-chave, como o Batismo e a Eucaristia. Uns acreditavam que as crianças deveriam ser batizadas, outros defendiam que isso só deveria acontecer na idade adulta. Uns defendiam que Cristo estava realmente presente na Eucaristia, enquanto outros que Sua presença era apenas simbólica. Esses são apenas alguns exemplos da situação de heterodoxia vivida na Inglaterra do século XVI. Havia ainda muitos pontos de discordância e polêmica entre os próprios reformadores. Como parte mais frágil nas disputas pelo direcionamento da Igreja Inglesa, as divisões só enfraqueciam a causa, deixando-os mais vulneráveis a perseguições e menos propensos a garantir a adesão às suas pautas comuns.

Os reformadores, portanto, se viram diante de uma situação complexa. Se por um lado as Escrituras eram a fonte necessária de autoridade para contrapor os dogmas conservadores, por outro, o texto bíblico permitia as mais variadas interpretações e formulações teológicas, gerando divisões e dificultando o controle por parte dos líderes dos movimentos de reforma. A maneira que encontravam de tentar conferir algum controle à situação era por meio de obras de exegese bíblica, traduções das Escrituras e pela difusão de episódios específicos da história da Igreja – especialmente a primitiva –, dentre outras estratégias. Assim, grandes nomes da

---

<sup>161</sup> (WORT, 2015, p. 100).

Reforma, seja na Inglaterra, seja no continente, deixaram diversas obras que podem ser entendidas como tentativas de fixar interpretações “corretas” às Escrituras Sagradas. No século XVII, o filósofo Baruch Spinoza expôs essa contradição:

“Por todos os lados, ouvimos homens dizendo que a Bíblia é a Palavra de Deus, ensinando à humanidade a verdadeira bem-aventurança, ou o caminho para a salvação. Mas os fatos divergem bastante de suas palavras, pois as pessoas em geral parecem não fazer nenhuma tentativa de viver de acordo com os ensinamentos da Bíblia. Vemos que quase todos os homens exibem suas próprias ideias como a Palavra de Deus, sendo seu objetivo principal obrigar os outros a pensar como eles, usando a religião como pretexto. Vemos, eu digo, que a principal preocupação dos teólogos como um todo tem sido extorquir da Sagrada Escritura suas próprias ideias arbitrariamente inventadas, pelas quais eles reivindicam autoridade divina.”<sup>162</sup>

A difusão da ideia de superioridade absoluta da Bíblia era necessária às reivindicações reformadas, mas trazia o problema intrínseco da heterodoxia e da divisão. John Bale foi um dos que perceberam esse perigo e agiu, tanto para tentar impedir que a Igreja Inglesa mantivesse as práticas romanas como os conservadores desejavam, quanto para tentar frear a profusão doutrinária entre os reformadores. Dedicou-se à escrita com entusiasmo e, em seu estilo prolixo, escreveu peças, obras de exegese bíblica e glosas, por meio das quais expunha e difundia sua própria interpretação das Escrituras e dos eventos que o cercavam, ao passo que atacava ideias e pessoas contrárias à causa que defendia.

As Examinações de Anne Askew não fogem a esse objetivo. Deixando de lado por um instante a complexidade da questão da autoria nas Examinações, nos textos tipograficamente distintos e nominalmente atribuídos a Anne Askew ou John Bale, é possível ver também uma distinção de objetivos. Os relatos atribuídos à Anne Askew lidam com a suficiência das Escrituras de uma forma mais pessoal. Nos exemplos dados acima, é possível observar que em muitos momentos o texto bíblico é citado como resposta sem preocupação em explicitar a interpretação dada por ela. Para além de diferenças meramente de estilo, esse procedimento pode ser melhor compreendido a partir das expectativas relativas ao papel esperado da mulher no contexto cristão no século XVI. Anne Askew teria relatado:

---

<sup>162</sup> “On every side we hear men saying that the Bible is the Word of God, teaching mankind true blessedness, or the path to salvation. But the facts are quite at variance with their words, for people in general seem to make no attempt whatsoever to live according to the Bible’s teachings. We see that nearly all men parade their own ideas as God’s Word, their chief aim being to compel others to think as they do, while using religion as a pretext. We see, I say, that the chief concern of theologians on the whole has been to extort from Holy Scripture their own arbitrarily invented ideas, for which they claim divine authority.” (SPINOZA, 2002, p. 456).

“Então, o chanceler do Bispo me repreendeu e disse que eu era muito culpada por proferir as Escrituras. Pois São Paulo – ele disse – proibiu as mulheres de falarem da palavra de Deus. Eu respondi a ele que eu conhecia o que Paulo quis dizer tão bem quanto ele, isto é, em 1 Coríntios 14, que uma mulher não deve falar na congregação no sentido de ensinar. E então eu perguntei a ele quantas mulheres ele viu irem ao púlpito e pregarem. Ele disse não ter visto nenhuma. Então eu falei que ele não deveria encontrar nenhuma falha em pobres mulheres, exceto se elas tivessem ofendido a lei.”<sup>163</sup>

No trecho acima reproduzido, é possível perceber um uso habilidoso das Escrituras, sem necessidade de grandes elaborações. O conhecimento do texto bíblico permitiu que a mesma passagem da epístola paulina que foi utilizada como acusação, servisse como defesa, para desconcerto do seu interlocutor. E esse não foi o único momento em que ela lançou mão da recomendação do apóstolo Paulo para defender-se das acusações sofridas. Mais adiante, quando desafiada por John Standish a oferecer sua interpretação acerca de um trecho bíblico que poderia comprometê-la, ela lançou mão do mesmo texto utilizado para repreendê-la anteriormente, respondendo que “era contrário aos ensinamentos de São Paulo que eu, sendo uma mulher, interprete as Escrituras, especialmente onde estão tantos homens eruditos”<sup>164</sup>. Anne Askew, ao longo de todas as Examinações, não hesitou em utilizar argumentos baseados em sua leitura pessoal das Escrituras. Entretanto, de acordo com a conveniência, ora ela se colocava em pé de igualdade diante de seus interlocutores – como no momento em que afirmou ao chanceler do Bispo conhecer tão bem quanto ele o sentido das palavras do apóstolo Paulo – ora se ancorava na representação do papel esperado dela enquanto mulher. Bale, por outro lado, não economizou tinta em seus comentários, citando e oferecendo seus esclarecimentos, pois seu objetivo era persuadir e tentar garantir alguma estabilidade doutrinária.

Por meio da exegese pessoal, John Bale e os outros reformadores buscaram redefinir questões centrais no Cristianismo. Dentre elas, uma das que mais causavam polêmica era o dogma da Real Presença no Santíssimo Sacramento. Segundo a tradição católica, a Eucaristia é o rito sagrado por meio do qual o pão e o vinho se tornam o Corpo e o Sangue de Cristo e são repartidos entre os fiéis. É especialmente importante por ser um ritual que, de acordo com o texto bíblico, o próprio Cristo ensinou e ordenou que seus discípulos fizessem em memória

---

<sup>163</sup> “Then the Byshoppes chaunceller rebuked me, & sayd, that I was moche to blame for vtteryng the scriptures. For S. Paule (he sayd) forbode women to speake or to talke of the worde of God. I answered hym, that I knewe Paules meanyng so well as he, whych is, j. Corinthiorum xiiij. that a woman ought not to speake in the congregacyon by the waye of teachyng. And then I asked hym, how manye women he had seane, go into the pulpett and preache, He sayde, he neuer sawe non. Then I sayd, he ought to fynde no faute in poore women, except they had offended the lawe.” (ASKEW, 1546, p. 10r-10v).

<sup>164</sup> “I answered, that it was agaynst saynt Paules lernyng, that I beyng a woman, shuld interprete the scriptures, specyallye where so manye wyse lerned men were.” (ASKEW, 1546, p. 31v).

dele<sup>165</sup>. Segundo Jennifer Garrison, a Eucaristia simbolizava tanto a conexão da comunidade humana com o divino, quanto a necessidade individual do cristão de se submeter à igreja institucional, haja vista que eram os sacerdotes que proferiam as palavras necessárias para que o milagre da Transubstanciação acontecesse. Desse modo, a relação entre o indivíduo e o corpo de Cristo requeria a mediação da Igreja. A Missa como um todo teria sido desenvolvida de modo a dar às pessoas comuns a sensação de impotência diante de estruturas tão poderosas, sejam elas mundanas ou divinas.<sup>166</sup>

Naturalmente, uma prática tão central no cristianismo, foi alvo de intensas disputas e discussões teológicas<sup>167</sup>. A controvérsia a respeito da Ceia do Senhor foi um dos desenvolvimentos mais significantes do século XVI e não apenas opôs conservadores e reformadores, mas gerou debates e divisões dentro do movimento de Reforma. É, portanto, uma das questões definidoras da Cristandade nos primórdios da Época Moderna<sup>168</sup>. A centralidade do debate relativo à Eucaristia pode ser confirmada pela mobilização de grandes personagens da Reforma em torno da disputa.

No Quarto Concílio de Latrão, em 1215, foram definidas questões-chave para o cristianismo, dentre elas, o entendimento de que na Eucaristia, após as palavras do ritual serem proferidas pelo sacerdote, acontece o milagre da Transubstanciação. Esse conceito é explicado a partir da distinção aristotélica entre substância e acidente. Substância pode ser definida como o princípio ou o fundamento da realidade e do conhecimento; é a causa por excelência, o suporte de propriedades essenciais, o sujeito de inerência dos predicados. Em suma: a essência individual<sup>169</sup>. O acidente, por sua vez, seria o predicado da substância, “o que está em outra coisa, ou seja, em um sujeito ou substrato sem o qual ele, no curso ordinário da natureza, pode subsistir”<sup>170</sup>. O milagre da Transubstanciação faria com que a substância, a essência, do pão e do vinho se transformassem no Corpo e Sangue de Cristo, ainda que o acidente, os predicados permanecessem os mesmos. Dessa forma, Cristo se faria presente verdadeiramente, substancialmente, na Eucaristia, ainda que sob a aparência de pão e vinho<sup>171</sup>. Portanto, de

---

<sup>165</sup> (MALSON-HUDDLE, 2010, p. 9).

<sup>166</sup> (GARRISON, 2017, p. 3-5).

<sup>167</sup> Edward Muir afirmou: “embora seja um exagero explicar toda a Reforma como uma disputa em torno da teologia, nenhuma outra discordância foi tão importante para as transformações no sistema ritualístico cristão como os debates sobre a Eucaristia”. (EDWARD MUIR *apud* GOLDSTEIN, 2013, p. 98).

<sup>168</sup> (BURNETT, 2011, p. 4).

<sup>169</sup> (CHAUÍ, 2002, p. 389-391).

<sup>170</sup> (ABBAGNANO, 2007, p. 14).

<sup>171</sup> (BAGCHI; STEINMETZ, 2004, p. 125).

acordo com essa formulação, um poder superior sobrepuja a tendência natural dos predicados acidentais do pão e do vinho inerirem à substância<sup>172</sup>.

Martinho Lutero<sup>173</sup>, por sua vez, rejeitava a doutrina da Transubstanciação e defendia a ideia da união sacramental. Para ele, no momento em que o sacerdote proferia as palavras “este é o meu Corpo... este é o meu Sangue...”, Cristo se fazia presente verdadeiramente e em substância nos elementos. Entretanto, a substância do pão e a do vinho permaneciam e eram sacramentalmente unidas à Cristo, que estaria presente “em, com e sob as formas de pão e vinho”, conforme a elaboração posteriormente feita no Livro de Concórdia de 1580.<sup>174</sup>

O reformador suíço Ulrich Zwinglio<sup>175</sup> se opôs veementemente a Lutero, tendo inclusive a oportunidade de fazê-lo pessoalmente em 1529, no Colóquio de Marburgo. Ele não aceitava a ideia de que Cristo se fazia presente fisicamente na Eucaristia, pois, segundo seu entendimento das Escrituras, a natureza divina e onipresente de Cristo não poderia se materializar nos elementos da Ceia, ao passo que em sua natureza humana, Cristo havia ascendido aos céus e estava à direita de Deus-Pai. Para Zwinglio, a Ceia do Senhor deveria ser encarada como algo simbólico, um momento para trazer à memória e demonstrar gratidão pelo sacrifício da cruz.<sup>176</sup> João Calvino<sup>177</sup>, por sua vez, também negava a Real Presença corpórea de Cristo na Eucaristia, mas defendia que, por meio da fé, o Corpo e o Sangue de Cristo se faziam presentes espiritualmente na Ceia do Senhor.<sup>178</sup>

Os exemplos supracitados mostram como grandes nomes da Reforma elaboraram suas conjecturas acerca da Eucaristia. Entretanto, eles não representam a totalidade de entendimentos acerca do tema em questão, no século XVI. O debate acerca da Ceia do Senhor era composto por múltiplas vozes, dentre as quais também estava a de John Bale, que fez uso da história de martírio de Anne Askew para veicular seu posicionamento teológico e amplificar o potencial persuasivo daquilo que defendia.

Se Jennifer Garrison está correta ao defender a importância da Missa na manutenção do poder da Igreja Romana, o empenho de parte dos reformadores em refutar a Real Presença é justificável. As passagens bíblicas usadas como base para o Santíssimo Sacramento oferecem

---

<sup>172</sup> (LAGERLUND, 2011, p. 1807-1808).

<sup>173</sup> Martinho Lutero (1483-1546): monge agostiniano e professor de teologia que, após a publicação de suas 95 teses se tornou uma das figuras centrais da Reforma Protestante.

<sup>174</sup> Livro que contém os escritos confessionais da Igreja Luterana, com o objetivo de esclarecer e estruturar a fé.

<sup>175</sup> Ulrich Zwinglio (1484-1531): principal líder da Reforma Protestante na Suíça.

<sup>176</sup> (BURNETT, 2011, p. 92-94) e (BAGCHI; STEINMETZ, 2004, p. 89-91).

<sup>177</sup> João Calvino (1509-1564): teólogo reformador francês, radicado em Genebra.

<sup>178</sup> (BAGCHI; STEINMETZ, 2004, p. 125-128).

espaço para esse intenso debate que se desenvolveu – desde antes do século XVI. A última ceia é narrada nos Evangelhos de maneira sutilmente diferente. No livro de Mateus está escrito:

“Enquanto comiam, Jesus pegou um pão, deu graças, quebrou-o, e o deu aos seus discípulos, recomendando: “Tomai, comei; isto é o meu Corpo”. Em seguida tomou um cálice, deu graças e o entregou aos seus discípulos, proclamando: “Bebei dele todos vós. Pois isto é o meu Sangue da aliança, derramado em benefício de muitos, para remissão de pecados”.”<sup>179</sup>

Em Lucas, por sua vez:

“E, tomando um pão, havendo dado graças, o partiu e o serviu aos discípulos, recomendando: “Isto é o meu corpo oferecido em favor de vós; fazei isto em memória de mim”. Da mesma maneira, depois de cear, pegou o cálice, explicando: “Este cálice significa a nova aliança no meu sangue, derramado em vosso benefício.”<sup>180</sup>

O debate acerca da Real Presença gira em torno de qual teria sido o significado das palavras de Jesus aos seus discípulos no momento em que partilharam a Última Ceia. A partir dos textos bíblicos acima reproduzidos, desenvolveu-se um vocabulário específico para discutir as mais tênues diferenças conotativas entre as frases. A afirmação incisiva do Evangelho de Mateus – “tomai, comei; isto é o meu Corpo” – favorece uma interpretação mais literal, de que a hóstia é, de fato, o Corpo de Cristo, ao passo que a expressão “fazei isto em memória de mim”, do Evangelho de Lucas, abre espaço para uma interpretação menos taxativa, em que a Presença de Cristo se dá de um modo simbólico, não físico. David B. Goldstein cita como exemplo o caso de Richard Wyche, um clérigo inglês acusado de heresia por afirmar acreditar que a hóstia “era o real Corpo de Cristo em *forma* de pão”, e não “na *espécie* de pão”<sup>181</sup>. Embora a diferença lexical pareça pouco significativa, todo o debate teológico em torno da Real Presença se assentou nesse tipo de detalhe.

Como bom polemista, John Bale não se esquivou dessa controvérsia tão central no momento histórico em que vivia. É importante lembrar que, legalmente, Anne Askew foi condenada à fogueira como herege, com base no Ato dos Seis Artigos<sup>182</sup>, por negar a Real Presença no Sacramento. Boa parte dos interrogatórios aos quais foi submetida, portanto, giraram em torno desse tema, o que deu a Bale a oportunidade de tecer longos comentários e apresentar suas elucidações. Pela importância do tema para os debates da época em torno da religião, não causa espanto a quantidade de menções e o volume textual produzido a esse

---

<sup>179</sup> Mateus 26.26-28 KJVA.

<sup>180</sup> Lucas 22.19-20 KJVA.

<sup>181</sup> (GOLDSTEIN, 2013, p. 98).

<sup>182</sup> Conforme apresentado na introdução do presente trabalho.

respeito nas Examinações, tanto nos relatos atribuídos a Anne Askew, quanto nos prolixos comentários que os sucedem. Logo no início dos interrogatórios, Anne Askew teria relatado:

“Primeiro, Christofer Dare me examinou em Sadlers Hall. Sendo um dos interrogadores, perguntou se eu não acreditava que o Sacramento depositado sobre o altar fosse o Corpo real de Cristo. Então, eu perguntei a ele: por qual motivo São Estêvão foi apedrejado até a morte e ele disse que não saberia dizer. Então eu respondi que tampouco eu responderia sua pergunta vã.”<sup>183</sup>

As respostas evasivas, sem grandes explicações, são características do relato atribuído a Askew acerca dos interrogatórios aos quais foi submetida na ocasião de sua primeira detenção, haja vista que, nesse primeiro momento, ela buscava esquivar-se de uma possível pena de morte por heresia. John Bale, por sua vez, aproveitou a possibilidade aberta e declarou abertamente a sua interpretação:

“A crença perfeita de Estêvão (Atos 7.48), de Paulo (Atos 17.24) e de Salomão (I Reis 8.27 e II Crônicas 6.18) foi de que Deus não habita em templos feitos com as mãos. A fé dessa mulher piedosa estava em acordo com isso, pois ela não podia acreditar que Ele habita em uma caixa. Deus disse (Isaías 66.1): “o céu é o meu lugar”, não a caixa. Davi disse (Salmo 113.11): “nosso Deus, está no céu”, não na píxide. Cristo nos ensinou a dizer, quando oramos (Mateus 6.5-15 e Lucas 11.1-1): “Pai Nosso, que estás nos céus”, e não Pai Nosso, que está na caixa. Agora discerne e julga.”<sup>184</sup>

Em consonância com o que realizou ao longo de toda a obra, John Bale recorreu ao texto bíblico para justificar seu posicionamento. No trecho acima, que abre a discussão acerca do Santíssimo Sacramento, ele não escolheu usar as passagens clássicas acerca da Última Ceia para desenvolver seu argumento. Seu objetivo não era entrar em um debate semântico refinado – pouco compreensível à maioria das pessoas comuns – mas persuadir os leitores. Por isso, optou por uma elucidação mais direta e incisiva. Se no primeiro momento, Askew não explicitou o que pensava acerca dessas questões, Bale, por sua vez, não poderia ter sido mais claro a respeito de suas convicções: se a hóstia fosse realmente o Corpo de Cristo, Ele estaria

---

<sup>183</sup> “first Christofer dare examyned me at Sadlers hall, beyng one of the quest, and asked yf. I ded not beleue that the sacrament hangynge ouer the aultre was the verye bodye of Christ realye. Then I demaunded thys qestyon of hym, wherfore S. Steuen was stoned to deathe: And he sayd, he coulde not tell. Then I answered, that nomore wolde I assoyle hys vayne qestyon.” (ASKEW, 1546, p. 1v-2r).

<sup>184</sup> “The perfyght beleue of Steuen, Actorum vij. of Paule Act. 17. and of Salomon, 3. Regum 8. et 2. Paral. 6. was, that God dwelleth not in temples made with handes. Agreeable vnto thys was the faythe of thys godlye woman, whych neyther coulde beleue that he dwelleth in the boxe. God sayth, Esaie vj. Heauen is my seate, not the boxe. Dauid sayth, Psalm. 113 oure God is in heauen, not in the pixt Christ taught vs to saye, whā we praye Matth. 6. Luce 11, our father which art in heauen, and not our father which art in the boxe. Now discerne and iudge.” (ASKEW, 1546, p. 2r-2v).

contido em uma caixa, e o texto bíblico citado dá a entender que Deus habita os céus e não pode ser contido em estruturas construídas por mãos humanas.

Ainda sobre a Eucaristia, a narrativa apresentada nas Examinações afirma que Anne Askew foi questionada acerca do caráter do ministro da Ceia e suas implicações no recebimento do Corpo de Cristo:

“Então você me induz (diz ele) a levar em conta em sua acusação, o seu próprio relatório, que é este: Você disse que, aquele que recebe o sacramento pelas mãos de um padre mau ou de um pecador, recebe o diabo e não Deus. A isso eu respondi que nunca disse tais palavras. Mas, como eu disse antes, tanto para o interrogador quanto para o senhor prefeito, eu digo agora novamente. Que a maldade do padre não deve me ferir, mas no espírito e na fé eu recebi nada menos que o Corpo e o Sangue de Cristo. Então disse o bispo para mim: que palavra é essa? Em espírito. Não vou aceitar essa vantagem. Então respondi: Meu senhor, sem fé e espírito, não posso recebê-lo dignamente.”<sup>185</sup>

Dando continuidade a uma estratégia de autopreservação, Anne Askew teria tentado, novamente, evitar a condenação por heresia. A inserção do termo “em espírito” confere à sua afirmação a dubiedade necessária para que ela evitasse negar suas convicções, ou expô-las abertamente, esquivando-se, assim, de ser taxada como apóstata ou herege. A expressão “em espírito” dá a entender que ela recebe o Corpo de Cristo de maneira simbólica, não como matéria transubstanciada. Na fala do interrogador, fica implícita a ideia de que a resposta esperada é de que o caráter do ministro não interfere no mistério da Eucaristia. Diante disso, Bale tece suas costumeiras críticas, apontando para o que enxerga como sérias contradições:

“Malícia, orgulho, prostituição, sodomia, com outros vícios mais diabólicos, ele defende que não devem ferir a ministração de um sacerdote. Mesmo assim, ele julga como herege e merecedora de morte quem acredita que a Carne e o Sangue de Cristo são recebidos pela fé e pelo espírito.”<sup>186</sup>

As perguntas dirigidas à Anne Askew ora são simples e diretas, ora são capciosas e exigem mais cuidado em uma possível resposta:

“Além disso, meu senhor, o prefeito, me acusou de uma coisa que nunca foi dita por mim, mas por eles. E foi isso: se um rato comer a hóstia, ele recebeu Deus

---

<sup>185</sup> “Then ye dryue me (sayth he) to laye to your charge, your owne report, whych is thys. Ye ded saye, he that doth receyue the sacrament by the handes of an yll prest or a synner, he receyueth the deuyll, & not God. To that I answered, that I neuer spake soche wordes. But as I sayd afore both to the qwest and to my Lorde Mayre, so saye I now agayne, that the wyckednesse of the prest shuld not hurte me, but in sprete and faythe I receyued no lesse, the bodye and bloude of Christ. Then sayd the byshopp vnto me, what a saynge is thys? In sprete. I wyll not take yow at that aduauntage. Then I an swered, My lorde without faythe and sprete, I can not receyue hym worthelye.(ASKEW, 1546, p 24v).

<sup>186</sup> “Malice, pryde, whoredome, sodometrye, with other most deuylysh vyces, reckoneth he not to hurte the mynstracyon of a prest yet iudgeth it he an heresy, no lesse worthy than deathe, to beleue that Christes fleshe and bloude is receyued in faythe and sprete.” (ASKEW, 1546, p. 25r).

ou não? Essa pergunta eu nunca fiz, mas eles a dirigiram a mim. A ela não ofereci nenhuma resposta, mas sorri.”<sup>187</sup>

Esse questionamento foi alvo de muitas reflexões e elaborações teológicas ao longo do período medieval, estando presente, inclusive, na *Summa Teológica* de Tomás de Aquino. Entretanto, qualquer resposta à situação hipotética proposta era potencialmente perigosa. Se ela respondesse que o rato não receberia Deus, automaticamente estaria negando a Real Presença e se acusando como herege. Ao mesmo tempo, afirmar que uma criatura como um rato poderia receber o Corpo de Cristo, soa quase como blasfêmia. Se podemos aceitar a veracidade do relato, Askew teve a leitura correta da situação e agiu bem ao optar por não oferecer resposta. Em coerência com sua estratégia de autopreservação ao longo da Primeira Examinação, o silêncio fez sentido.

Por sua vez, John Bale, tendo mais tempo para elaborar sua argumentação e estando seguro em seu exílio no continente, não fugiu à complexificação do debate. Ele citou a resposta dada pelo Bispo de Winchester a essa questão, de que um rato não poderia devorar Deus; o Bispo, ao mesmo tempo, afirmava que a hóstia comida pelo rato seria o Corpo de Cristo. Para Bale, esse argumento, no fim das contas, trata a hóstia consagrada como algo distinto do Corpo Real de Cristo, pois “embora o Sacramento seja digerido na boca do rato, o Corpo de Cristo não é consumido”<sup>188</sup>. Sobre essa questão, o polêmico reformador ainda acrescenta:

“[...] Aquilo que é material no pão é consumido na digestão, mas o que é espiritual permanece incorrupto. [...] A substância da mais piedosa refeição não está na boca, nem ainda na boca do estômago, embora isso seja necessário, mas apenas no espírito ou no alimento da alma. Nenhum homem sábio pensará que Cristo habitará em um rato, nem ainda que um rato pode habitar em Cristo, embora seja a doutrina desses valentes paladinos, eles não encontrarão nenhuma Escritura para corroborar isso. Se esses homens não fossem inimigos da fé e amigos da idolatria, jamais ensinariam algo tão imundo.”<sup>189</sup>

---

<sup>187</sup> “Besydes thys my lorde mayre layed one thyng vnto my charge, which was neuer spokē of me, but of them. And that was, whether a mouse eatynge the hoste, receyued God or no? Thys questyoned I neuer aske, but in dede they asked it of me, wherunto I made them no answe, but smyled.” (ASKEW, 1546, p. 8r-8v).

<sup>188</sup> “That though the sacrament be digested in the mouses mawe, yet ys not Christes bodye there cōsumed” (ASKEW, 1546, p. 9r).

<sup>189</sup> “[...]That whych is materyall in thys breade (sayth he) is consumed by dygestyon, but that whych is spirytuall remayneth vncorrupted. [...]The substaunce of that most godlye refeccyon lyeth not in the mouth catynge nor yet in the bellye seadyng, though they be necessarye, but in the onlye spirytuall or sowle eatynge. No wyse man wyll thynke, that Christ wyll dwell in a mouse, nor yet that a mouse can dwell in Christ, though it be the doctryne of these doughtye dowsepers, for they shall fynde no scriptures for it. If these men were not enemyes to faythe and fryndes to Idolatrye, they wolde neuer teache soche fylthye lernynge. (ASKEW, 1546, p. 9v-10r).

Há aqui uma distinção entre o alimento carnal, representado pela Transubstanciação, e o alimento espiritual, defendido por parte dos reformadores, incluindo Anne Askew e John Bale.

Se a Primeira Examinação apresenta uma Anne Askew que se esquivou das perguntas feitas, a Segunda Examinação mostra uma mudança de postura significativa. Logo no primeiro trecho atribuído à pena de Askew, há uma forte declaração acerca do que ela pensava a respeito da Eucaristia:

“Eu percebo (querido amigo no Senhor) que ainda não estás completamente persuadido na verdade a respeito da Ceia do Senhor, porque Cristo disse aos seus apóstolos: “Pegue, coma, este é o meu Corpo que é dado por vós”. Ao dar o pão como um sinal externo ou símbolo a ser recebido na boca, ele os exortou a receber, em uma perfeita convicção, seu Corpo que deveria morrer pelas pessoas; ou a pensar na morte dele, o único bem-estar e salvação de suas almas. O pão e o vinho foram-nos deixados, para uma comunhão sacramental, ou para uma participação recíproca nos inestimáveis benefícios da sua preciosa morte e derramamento de sangue. E devemos, no final, sermos juntamente gratos pela mais necessária graça de nossa redenção. Pois no encerramento disso, ele disse assim: “faça isso em memória de mim”. Sim, sempre que comer [o pão] ou beber [o vinho] (Lucas 22.17-20 e 1 Coríntios 11.23-26). De outra forma, esqueceremos aquilo que devemos ter diariamente na memória, e também seremos totalmente ingratos.”<sup>190</sup>

Por meio dessa declaração, é possível perceber que a Real Presença – de acordo com a formulação dogmática defendida pela Igreja Romana – é descartada, dando lugar à uma relação mais simbólica com a Ceia do Senhor. Nessa concepção, o pão não é de fato o Corpo de Cristo, mas um sinal ou símbolo que funciona como estímulo para trazer à lembrança o sacrifício feito em favor da remissão dos pecados. O gesto simbólico, além de memorial, produzia comunhão entre os fiéis que se beneficiavam da morte de Cristo e participavam juntos do ritual da Ceia. John Bale chancela a declaração atribuída a Askew, afirmando que ela está de acordo com as Escrituras Sagradas. Para ele, o ato de comer e beber representa, espiritualmente, um ato de crer, uma profissão de fé. O ritual da Eucaristia, portanto, teria seu valor não pela ingestão do pão e vinho transubstanciados em Corpo e Sangue de Cristo, mas pela crença “de que Cristo

---

<sup>190</sup> I do perceyue (dere frynde in the lorde) that thu art not yet persuaded throughlye in the truthe concernynge the lordes supper, bycause Christ sayd vnto hys Apostles. Take, eate Thys is my bodye whych is geuen for yow. In geuyng forth the breade as an outwarde sygne or token to be receyued at the mouche, he mynded them in a perfyght beleue to receyue that bodye of hys whych shuld dye for the people, or to thynke the deathe therof, the onlye healthe and saluacyon of their sowles. The breade and the wyne were left vs, for a sacramentall comunyon, or a mutuall pertycypacyon of the inestymable benefygthes of hys most precyouse deathe and bloud shedynge. And that we shuld in the ende therof, be thankfull togyther for that most necessarye grace of our redempcyon. For in the closynge vp therof, he sayd thus. Thys do ye, in remēbraunce of me. Yea, so oft as ye shall eate it or drynke it, Luce 22. and 1. Corinth. 11. Els shuld we haue bene forgetfull of that we ought to haue in daylye remembraunce, & also bene altogether unthankfull for it. (ASKEW, 1547a, p.11r-12r).

morreu por nós para nos limpar de todo pecado, para nos unir em um único corpo místico e nos dar a vida eterna”<sup>191</sup>. Participar da Ceia do Senhor, mesmo tendo o entendimento de que Cristo não estava presente corporalmente no sacramento, não invalidava o ato, que se tornava frutífero por se tratar de uma confirmação da fé no sacrifício de Cristo em favor da redenção da humanidade. O valor da Eucaristia, para Bale, também estaria na comunhão com outros fiéis e no desenvolvimento do amor fraternal entre eles<sup>192</sup>.

Mesmo sem apresentar um consenso entre seus pensadores, de modo geral, pode-se afirmar que as ideias da Reforma deram grande valor aos aspectos simbólicos da vida espiritual, privilegiando a representação<sup>193</sup> e a Eucaristia também foi repensada a partir desse paradigma. O relato atribuído a Anne Askew informa:

“Então, o mestre Pagett veio até mim com muitas palavras gloriosas, e desejou que eu falasse a ele o que estava em minha mente. [...] Ele me perguntou como eu poderia ignorar as próprias palavras de Cristo que diziam: “Tomai, comei. Esse é o meu Corpo que será entregue por vós.” Eu respondi que o sentido do que Cristo quis dizer era o mesmo das seguintes passagens das Escrituras: “Eu sou a porta” (João 10); “Eu sou a videira” (João 15); “Veja o Cordeiro de Deus” (João 1); “Cristo é a pedra angular” (1 Coríntios 10) e muitas outras mais. Você não pode (disse eu) entender Cristo como a coisa material pela qual ele é significado, pois nesse caso você fará dele uma porta, um vinho, um cordeiro e uma pedra, o que é contrário ao sentido dado pelo Espírito Santo. Todas essas coisas significam Cristo, assim como o pão significa o Seu Corpo. E embora ele tenha dito: “Tome, coma isto em memória de mim”, ele não pediu que pendurassem aquele pão em uma caixa e o tornassem um Deus, ou se curvassem diante dele.”<sup>194</sup>

A partir do exemplo de outras passagens bíblicas, as Examinações advogam por uma interpretação figurativa do pão enquanto Corpo de Cristo. Os Evangelhos relatam que Jesus

---

<sup>191</sup> “that Christ dyed for vs to clense vs from synne, to ioyne vs into one mystycall bodye, and to geue vs the lyfe euerlastynge.” (ASKEW, 1547a, p. 22v).

<sup>192</sup> “Here wyll an obstynate papyst paraenture saye, that we attrbyute nothyng to the corporall communyon. Yeas, we reuerentlye, graunt, that ryghtlye mynystred after Christes instytucyon it both confirmeth our faythe in the necessarye consyderacyons of hys deathe, and also sturreth vp that brotherlye Christē loue which we ought to haue towards our neyber, besydes that thys faythfull woman hath spoken here of it a force. And these are the only frutes which he requireth of vs in that supper or sacramentall metynge.” (ASKEW, 1547a, p. 23).

<sup>193</sup> (GOLDSTEIN, 2013, p. 100).

<sup>194</sup> “Then came mastre Pagett to me with manye gloryouse wordes, and desyred me to speake my mynde to hym. I myght (he sayd) denye it agayne, if nede were. I sayd, that I wolde not denye the truthe. He asked me, how I coulde auoyde the verye wordes of Christ. Take, care. Thys is my bodye, which shall be broken for yow. I answered, that Christes meanynge was there, as in these other places of the scripture. I am the dore, Ioan· 10. I am the vyne, Ioan. 15. Beholde the lambe of God, Ioan. 1. The rocke stone was Christ. 1 Cor. 10. and soch other lyke. Ye maye not here (sayd I) take Christ for the materyall thyng that he is sygnifyed by. For than ye wyll make hym a verye dore, a vyne, a lambe, and a stone, cleane cōtrarye to the holye Ghostes meanynge. All these in dede do sygnifye Christ, lyke as the breade doth hys bodye in that place. And though he ded saye there. Take, eate thys in remēbraunce of me. Yet ded he not byd them hange vp that breade in a boxe, and make it a God, or bowe to it.” (ASKEW, 1547a, p. 21v-22r).

disse ser muitas coisas fazendo uso de uma conotação simbólica. O que se defende é que a mesma conotação se aplica ao relato da Última Ceia, em que Cristo reparte o pão e diz ser este o Seu corpo.

Em seus comentários, Bale defende ainda que é necessário que aqueles que recebem o pão e o vinho sejam instruídos de acordo com as passagens bíblicas referentes à Última Ceia – presentes nos Evangelhos e epístola paulina aos Coríntios. Esses textos, para o fervoroso reformador, eram suficientes para ensinar a doutrina, tornando desnecessários os ensinamentos dos “costumes de homens pecadores”<sup>195</sup>.

Paradoxalmente, ele oferece a seus leitores longos comentários sobre o tema para que seu posicionamento acerca de alguns tópicos importantes, em especial a Eucaristia, fique bastante claro nas Examinações. Expondo sua visão acerca do assunto de forma prolixa e apoiada em diversos textos bíblicos, ele esperou conter por meio da persuasão, ao menos um pouco, a profusão de ideias e propostas doutrinárias para a Igreja Inglesa. Enquanto expunha claramente seu posicionamento, Bale tentou passar por cima das diferenças entre ideias, de modo a mitigar a sensação de divisão entre os reformadores. No que se referia à eficácia da Eucaristia em livrar uma alma da danação, Bale destacou que a opinião de Lutero estava em consonância com a sua e com a exposta por Anne Askew e que essa ideia se trata de uma grande idolatria<sup>196</sup>. Entretanto, omitiu as diferenças de pensamento no que diz respeito à presença de Cristo no Sacramento em uma tentativa de passar por cima das divergências entre as ideias reformadas, pois entendia que as divisões enfraqueciam o movimento.

É interessante que, ao mesmo tempo em que defende que a Bíblia, e não a tradição, seja o parâmetro doutrinário para o entendimento do ritual da Ceia do Senhor, Bale oferece sua interpretação aos leitores. Ao incluir seus extensos comentários nos relatos de Anne Askew, enquanto adicionava outras informações e defendia posicionamentos acerca de questões polêmicas, John Bale realizava a apropriação teológica de uma história de martírio, buscando persuadir e influenciar a opinião de seus leitores em relação a questões complexas que eram alvo de disputa no contexto em que vivia.

As Examinações, paradoxalmente, são uma peça de defesa da suficiência das Escrituras e, ao mesmo tempo, um instrumento propagador da interpretação bíblica de John Bale, que teve o mérito de perceber o potencial persuasivo do gênero martirológico e utilizá-lo em sua tentativa

---

<sup>195</sup> (ASKEW, 1547a, p. 22v).

<sup>196</sup> (ASKEW, 1546, p. 30r-30v).

de contribuir para que houvesse alguma estabilidade doutrinária no movimento de Reforma na Inglaterra de meados do século XVI.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1547, circulava pela Inglaterra um pequeno livro intitulado *A bryefe and plaine declaracion of certayne sente[n]ces in this litle boke folowing to satisfie the consciences of them that haue iudged me therby to be a fauourer of the Anabaptistes*<sup>197</sup>, escrito por um certo J.B. que encorajava os homens e mulheres ingleses a declararem a natureza de suas crenças acerca de pontos fulcrais de disputa no contexto cristão do século XVI. O autor ofereceu, por meio de sua própria confissão de fé, um modelo dividido em cinco tópicos para direcionar seus leitores a realizarem, também, suas declarações. Ele discorreu acerca do Sacramento do Batismo, da Ceia do Senhor, do reino cristão, das armas com as quais cada cristão deve lutar e do Matrimônio. Por trás desse projeto estava a preocupação com a multiplicidade de crenças no contexto da fé reformada e com o perigo de divisão representado pela heterodoxia<sup>198</sup>.

Os editores do STC (*Short Title Catalog*) sugerem que J.B. seria ou o reformador inglês John Bradford<sup>199</sup> ou John Bale. O historiador especialista na Reforma Inglesa Thomas Betteridge, por sua vez, afirma com confiança que Bale é o autor misterioso. A preocupação de J.B. em explicitar seu pensamento acerca das controversas religiosas é coerente com a atitude de John Bale no conjunto de suas obras, em especial, para a presente pesquisa, nas Examinações de Anne Askew. Ele reconhecia que a fluidez e a indeterminação religiosa decorrentes da multiplicidade de entendimentos acerca da fé traziam perigos, especialmente para a tão almejada adoção de doutrinas reformadas na Igreja Inglesa. As diferentes concepções acerca de temas centrais da fé cristã dividiam os reformadores e enfraqueciam o movimento, abrindo espaço para que os conservadores ditassem os rumos da Igreja recém-emancipada da autoridade romana.

Mas, não se pode esquecer que os tempos vividos eram de busca por uniformidade religiosa por parte dos reis e rainhas Tudor e que as ideias que contradiziam o que era estabelecido por eles – enquanto chefes da Igreja – como regra religiosa eram intensamente combatidas e puníveis com a morte, caso fossem consideradas heréticas. Diante de tal risco e conforme o que foi discutido no primeiro capítulo, era comum que aqueles acusados de heresia lançassem mão da estratégia de uma falsa retratação para escapar da pena de morte. Havia ainda

---

<sup>197</sup> (J.B., 1547).

<sup>198</sup> (WORT, 2015, p. 110).

<sup>199</sup> John Bradford (1510-1555): reformador acusado de supostos crimes contra a rainha Maria I. Foi queimado como herege em 1555.

aqueles que consideravam aceitável uma obediência dissimulada às práticas religiosas prescritas e aceitas como ortodoxia. Essa estratégia era denominada Nicodemismo<sup>200</sup>, termo que deriva do que é narrado no evangelho de João, quando o fariseu Nicodemos, simpático aos ensinamentos de Jesus, visitou-o secretamente durante a noite<sup>201</sup>.

Diante do recrudescimento da perseguição e da ameaça de que o projeto reformado fosse solapado pela influência conservadora, o Nicodemismo tornou-se uma estratégia cada vez menos aceita. *A bryefe and plaine declaracion* é um exemplo disso, pois encoraja os fiéis a serem assertivos com relação às suas crenças e assumirem uma postura mais contundente, de modo a fortalecer o movimento reformador. As Examinações de Anne Askew oferecem um exemplo de mudança de uma postura de autopreservação, narrada no primeiro volume da obra, para uma conduta combativa por parte da personagem principal, que não mais se esquivou de professar os termos de sua fé na ocasião de sua segunda detenção.

As Examinações mostram que John Bale, mesmo estando exilado no continente, tinha uma boa percepção das disputas religiosas que se desenrolavam na Inglaterra e de como o projeto reformador estava ameaçado, seja pelo fato de o rei Henrique VIII estar cada vez mais inclinado a estabelecer a uniformidade religiosa em proximidade doutrinária com a tradição romana, seja por causa da crescente perseguição aos que desafiavam as doutrinas e dogmas estabelecidos. Nas disputas teológico-doutrinárias que visavam determinar os rumos que a Igreja Inglesa deveria seguir, a arma de Bale era a palavra escrita. Foi por meio de suas publicações que ele conseguiu inserir-se nos debates religiosos da Inglaterra, buscando identificar e atender as demandas da causa reformada, ainda que estivesse fisicamente distante.

O conjunto da obra de John Bale deixa evidente que ele teve a percepção de que a conversão à religião reformada não tinha divisas muito claras, haja vista que não configurava a troca de uma ortodoxia definida por outra. A realidade era que, no século XVI, a conversão se dava mais em oposição às práticas da Igreja Romana consideradas destoantes do que era apresentado nas Escrituras, do que pela adoção de uma prática de fé bem definida. Essa situação deu origem à uma multiplicidade de interpretações e formulações teológicas que acabavam por enfraquecer o movimento e posicionar os reformadores em situação de vulnerabilidade. Percebendo as dificuldades trazidas por essa situação, nos seus escritos, que abrangem os mais

---

<sup>200</sup> (FREEMAN; MAYER, 2007, p. 15-16).

<sup>201</sup> A história encontra-se em João 3.1-10 KJVA.

variados gêneros literários – indo de peças de teatro à comentários exegéticos – Bale tentou criar uma alternativa coerente ao que já existia, ao “passado papista desordenado e corrupto”.<sup>202</sup>

O dedicado reformador encontrou na mídia impressa uma importante aliada para tentar alcançar seus objetivos. Por meio dos livros, suas ideias acerca da religião e sua tentativa de oferecer um caminho viável à causa reformada foram inseridas nos debates que se desenrolavam em meados do século XVI na Inglaterra. Além do mais, John Bale teve o mérito de identificar o potencial de um gênero até então não utilizado pelos reformadores ingleses: a martirologia<sup>203</sup>, que viria a ter uma grande importância para a Igreja da Inglaterra, especialmente após a publicação do Livro dos Mártires, de John Foxe, em 1563.

A publicação de *As Examinações de Anne Askew* juntamente com os extensos comentários que se intercalam à narrativa principal, possibilitou a realização de vários objetivos importantes para o projeto de John Bale. O primeiro deles e talvez o mais óbvio é a criação de uma personagem modelo para a causa reformada. Vários reformadores já haviam sido perseguidos e tiveram que fugir ou enfrentar as consequências de desafiar a autoridade do rei enquanto chefe da Igreja. Entretanto, era necessária uma elaboração mais apurada para a criação de uma personagem modelo que pudesse suplantar os santos católicos na imaginação das pessoas comuns<sup>204</sup>. Antes de mais nada, era preciso garantir que Askew não fosse vista como uma herege, nem tampouco como apóstata. Para isso, Bale fez uso de uma extensa argumentação, apoiando-se em uma junção entre os acontecimentos relatados, a história da Igreja e o paralelo traçado entre a mártir que ele estava construindo e personagens importantes do passado cristão.

Por meio da história de Anne Askew, John Bale ainda conseguiu elaborar argumentos que se apoiaram no texto bíblico e em obras proféticas, como *De Temporum Rationem*, de Beda, para inserir a perseguição sofrida pelos reformadores em um contexto maior da história cristã. Abundam, em seus comentários, paralelos entre a perseguição sofrida pelos reformadores do século XVI e os cristãos da Igreja primitiva, que enfrentaram perigo, tortura e morte em prol de sua fé. Com isso, ele dá ao movimento reformado a noção de continuidade e realização profética, em lugar da ideia de ruptura e dissidência.

---

<sup>202</sup> Conforme defende Thomas Betteridge (WORT, 2015, p. 122).

<sup>203</sup> O trabalho de Bale sobre sir John Oldcastle e as Examinações de Anne Askew são consideradas as primeiras martirologias do protestantismo inglês (HICKERSON, 2007, p. 775). Oliver Wort afirma que John Bale foi o responsável por estabelecer uma indústria martirológica reformada na Inglaterra. (WORT, 2015, p. 9).

<sup>204</sup> (WORT, 2015, p. 128).

Seguindo o estilo contundente do comentador, não poderiam faltar nas Examinações os ataques direcionados à Igreja Católica e aos que queriam conservar a Igreja Inglesa nos moldes romanos. Na construção narrativa de Bale, esses desempenham o papel de apoiadores do Anticristo, ou seja, do Papa, que conduz uma falsa Igreja em oposição ao que seria a Igreja Verdadeira, representada pela causa reformada. Toda essa narrativa tem como objetivo o estabelecimento de Anne Askew enquanto mártir cristã, como foi explorado nas análises do Capítulo 1.

Mas, a história de martírio, além de estabelecer uma personagem modelo para a causa reformada, tinha o potencial de despertar no leitor sentimentos favoráveis às ideias que eram veiculadas juntamente com os relatos dos sofrimentos de Anne Askew. É claro que não é possível controlar a forma como o leitor recebe e interpreta o texto, mas o gênero martirológico carrega em si um grande potencial persuasivo, que foi habilmente explorado por John Bale, na tentativa de remediar a demanda por estabilidade doutrinária identificada por ele.

Entremeadas à construção martirológica de Anne Askew estão as ideias de John Bale acerca de dois temas centrais para a Reforma religiosa: a suficiência das Escrituras e seu entendimento acerca da Eucaristia, especialmente no que tange a Real Presença de Cristo no Sacramento. O desenvolvimento da ideia de suficiência das Escrituras foi central para a garantia da autoridade necessária para confrontar a tradição romana. Entretanto, a insistência na interpretação pessoal das Escrituras gerou uma situação de heterodoxia generalizada, com múltiplas interpretações acerca de temas centrais da fé cristã, que acabaram por produzir divisões irreconciliáveis no interior do movimento de Reforma. Tais divisões não interessavam nem ao rei enquanto chefe da Igreja Inglesa, nem aos reformadores. Ao rei por ser um empecilho ao seu projeto de estabelecimento da unidade religiosa no reino. Aos reformadores, por gerar discórdias que acabaram por fazer com que o movimento perdesse força.

Na narrativa das Examinações, John Bale encontrou a oportunidade frutífera de apresentar, ao longo de extensos comentários, suas elaborações acerca de um dos temas mais sensíveis e mais amplamente debatidos no contexto das disputas religiosas do século XVI: a Eucaristia. Diferentemente da Real Presença defendida no Ato dos Seis Artigos, que demarcava o posicionamento oficial da Igreja Inglesa acerca dos Sacramentos, John Bale defendeu nas Examinações que a Ceia do Senhor era uma cerimônia simbólica, que tinha como objetivo a rememoração do sacrifício de Cristo na cruz e a comunhão entre os fiéis.

As Examinações de Anne Askew são a experiência inicial em um gênero que viria a ocupar um papel central na espiritualidade da Igreja Inglesa, por meio de *The Acts and Monuments*, de John Foxe. A obra, publicada pela primeira vez em 1563 e popularmente conhecida como o Livro dos Mártires, é uma importante e elaborada compilação de relatos de perseguição religiosa feitos a partir do ponto de vista dos reformadores. Apenas a Bíblia e o Livro de Oração Comum exerceram mais influência que a obra principal de Foxe na formação da Igreja Inglesa como entidade separada da matriz romana<sup>205</sup>. O amplo uso posterior do gênero indica que John Bale anteviu corretamente o potencial persuasivo das histórias de martírio.

As Examinações de Anne Askew lançam luz em importantes discussões presentes ao longo do século XVI e que foram centrais nos embates religiosos entre católicos e reformadores e também entre as diversas vertentes existentes no contexto da Reforma. O presente trabalho ocupou-se em demonstrar os recursos acessados por John Bale para construir Anne Askew enquanto mártir e, portanto, personagem modelo da causa reformada, ora operando pela diferença com a tradição romana, ora apostando na continuidade com a história da Igreja. Ao construir detalhadamente a narrativa de martírio, Bale ambicionava um objetivo mais amplo: persuadir os leitores acerca de seu entendimento sobre questões teológico-doutrinárias centrais nos debates da época, na tentativa de mitigar as divisões entre os reformadores, para garantir alguma estabilidade doutrinária.

Em outras palavras, As Examinações de Anne Askew nos mostram a instrumentalização de uma narrativa de martírio para veicular ideias e elaborações teológicas, na busca por estabilidade doutrinária dentro do movimento de Reforma religiosa na Inglaterra em meados do século XVI e como a propulsão dessas ideias foi garantida por meio da mídia impressa, de modo que chegassem a um grande público para serem aceitas ou debatidas.

---

<sup>205</sup> (KING, 2009, p. xi).

## Fontes

ANONYMOUS. **Here begynneth the lyfe of the gloryous vyrgyn and marter saynt Barbara.** London, England: Julyn Notary, 1518. p. [8] p.

ASKEW, A. **The first examinacyon of Anne Askewe lately martyred in Smythfelde, by the Romysh popes vpholders, with the elucydacyon of Iohan Bale.** [s.l.] [Imprinted at Marburg in the lande of Hessen [i.e. Wesel : Printed by D. van der Straten], in Nouembre, anno 1546], 1546.

ASKEW, A. **The lattre examinacyon of Anne Askewe latelye martyred in Smythfelde, by the wycked Synagoge of Antichrist, with the Elucydacyon of Iohan Bale.** [s.l.] [Imprinted at Marburg in the lande of Hessen [i.e. Wesel : Printed by D. van der Straten], 16, die Januarij, anno 1. 5. 4. 7.] [1547], 1547a.

ASKEW, A. **The first examinacio[n] of Anne Askewe latelye martired in Smythfelde, by the Romyshe popes vpholders, wyth the elucydacyon of Iohan Bale.** [s.l.] [Imprynted at Marburg in the lande of Hessen [i.e. London : Printed by Nicholas Hill?], in Nouembre. Anno 1546 [1547?]], 1547b.

BALE, J. **A brefe chronycle concernynge the examinacyon and death of the blessed martyr of Christ syr Iohan Oldecastell the lorde Cobham, collected togyther by Iohan Bale ...** [s.l.] [Antwerp] : Imprynted, anno Domini. 1544. & vi. die Augusti., 1544.

BALE, J. **Scriptorum illustriu[m] maioris Brytannie quam nunc Angliam & Scotiam uocant catalogus: à Iapheto per 3618 annos, usq[ue] ad annu[m] hunc Domini 1557. ex Beroso, Gennadio, Beda, Honorio, Bostono Buriensi, Frumentario, Capgrauo, Bostio, Burello, Trissa, Tritemio, Gesnero, Ioanne Lelando, atq[ue] alijs authoriubus collectus, & IX centurias continens: ... Autore Ioanne Baleo Sudouolgio Anglo, Ossoriensi apus Hybernos iam pridem episcopo, nunc apud Germanos pro Christi professione peregrino. ...** Basel: [s.n.].

COVERDALE, M. **Certain most godly, fruitful, and comfortable letters of such true saintes and holy martyrs of God, as in the late bloodye persecution here within this realme, gauē their lyues for the defence of Christes holy gospel written in the tyme of their affliction and cruell imprysonment.** [s.l.] Imprinted at London : By Iohn Day, dwelling ouer Aldersgate, beneath Saint Martines, 1564., 1564.

CROWLEY, R. **The confutation of the. xiii. articles, wherunto Nicolas Shaxton, late byshop of Salilburye [sic] subscribed and caused to be set forth in print the yere of our Lorde. M.C.xlvi. [sic] whe[n] he recanted in Smithfelde at London at the burning of mestres Anne Askue, which is liuely set forth in the figure folowyngē. In the nexte page shalt thou finde the contentes of thys little boke.** London: Imprinted at London : By [S. Mierdman? for] Iohn Day, and William Seres, dwellyngē in Sepulchres parish, at the signe of the Resurrection, a litle aboue Holbourne conduite. Cum gratia & priuilegio ad imprimendum solum, [1548], 1548.

FOXE, J. **Actes and monuments of these latter and perillous dayes touching matters of the Church, wherein ar comprehended and decribed the great persecutions [and] horrible troubles, that haue bene wrought and practised by the Romishe prelates, speciallye in this realme of England and Scotlande, from the yeare of our Lorde a thousande, vnto the tyme nowe present. Gathered and collected according to the true copies [and] wrytinges**

**certificatorie, as wel of the parties them selues that suffered, as also out of the bishops registers, which wer the doers therof, by Iohn Foxe.** [s.l.] Imprinted at London : By Iohn Day, dwellyng ouer Aldersgate. Cum priuilegio Regi[a]e Maiestatis, [1563 (20 March)], 1563.

**HUGGARDE, M. The displaying of the Protestantes, [and] sondry their practises, with a description of diuers their abuses of late frequented Newly imprinted agayne, and augmented, with a table in the ende, of all suche matter as is specially contained within this volume. Made by Myles Huggarde seruant to the Quenes maiestie.** [s.l.] [Imprynted at London : By Robert Caly, within the precinct of the late dessolued house of the graye Freers, nowe conuerted to an hospitall, called Christes hospital], Anno 1556., 1556.

HUME, M. A. S.; TYLER, R. "Spain: June 1547, 16-30". In: **Calendar of State Papers, Spain, Volume 9, 1547-1549.** London: His Majesty's Stationery Office, 1912. v. 9p. 100–116.

**J.B. A bryefe and plaine declaracion of certayne sente[n]ces in this litle boke folowing to satisfie the consciences of them that haue iudged me therby to be a faouurer of the Anabaptistes.** London: John Day?, 1547.

**KINGSMILL, A. A most excellent and comfortable treatise, for all such as are any maner of way either troubled in minde or afflicted in bodie, made by Andrew Kingesmyl Gentleman, sometime fellowe of Alsolne Colledge in Oxforde. Whereunto is adioyned a verie godly and learned exhortation to suffer patiently al afflictions for the gospel of Christ Iesus. And also a conference betwixt a godly learned Christian [and] an afflicted conscie[n]ce: wherein, by the holy Scriptures the sleights of Satan are made manifest, and ouerthrowen: with a godly prayer thereunto annexed.** [s.l.] Imprinted at London : By Christopher Barkar, Anno 1577., 1577.

**MARGUERITE, Q., consort of Henry II, King of Navarre. A godly medytacyon of the christen sowle, concerninge a loue towards God and hys Christe, compyled in frenche by lady Margarete quene of Nauerre, and aptely translated into Englysh by the ryght vertuose lady Elyzabeth daughter to our late souerayne Kyng Henri the. viij.** [s.l.] [[Wesel] : Imprinted [by Dirik van der Straten], in the yeare of our lorde 1548. in Apryll], 1548.

## Bibliografia

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABBOTT, G. **Rack | torture instrument** Encyclopædia Britannica, inc., , 19 maio 2017. (Nota técnica).

ANDERSON, D. K. **Martyrs and Players in Early Modern England: Tragedy, Religion and Violence on Stage**. London: Routledge, 2016.

ARAÚJO, A. DE M. A primeira página da história: configuração material e funções da folha de rosto em livros de história alemães do século XVIII. . **A primeira página da história: configuração material e funções da folha de rosto em livros de história alemães do século XVIII**. ANAIS DO MUSEU PAULISTA, v. 28, p. 1–37, 2020.

ASKEW, A. **The first examinacyon of Anne Askewe lately martyred in Smythfelde, by the Romysh popes vpholders, with the elucydacyon of Iohan Bale**. [s.l.] [Imprinted at Marpurg in the lande of Hessen [i.e. Wesel : Printed by D. van der Straten], in Nouembre, anno 1546], 1546.

ASKEW, A. **The lattre examinacyon of Anne Askewe lately martyred in Smythfelde, by the wycked Synagoge of Antichrist, with the Elucydacyon of Iohan Bale**. [s.l.] [Imprinted at Marpurg in the lande of Hessen [i.e. Wesel : Printed by D. van der Straten], 16, die Ianuarij, anno 1. 5. 4. 7.] [1547], 1547a.

ASKEW, A. **The first examinacio[n] of Anne Askewe latelye martired in Smythfelde, by the Romyshe popes vpholders, wyth the elucydacyon of Iohan Bale**. [s.l.] [Imprynted at Marpurg in the lande of Hessen [i.e. London : Printed by Nicholas Hill?], in Nouembre. Anno 1546 [1547?]], 1547b.

ASKEW, A. **The examinations of Anne Askew**. New York: Oxford University Press, 1996.

ASKEW, A. **Anne Askew. The Early Modern Englishwoman: A Facsimile Library of Essential Works. Part 1: Printed Writings, 1500-1640. Volume 1** by Anne Askew., John N. King. Series, Betty S. on Cosmo Internet Ltd. [s.l.: s.n.].

BAGCHI, D.; STEINMETZ, D. C. **The Cambridge Companion to Reformation Theology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BALE, J. **A brefe chronycle concernynge the examinacyon and death of the blessed martyr of Christ syr Iohan Oldecastell the lorde Cobham, collected togyther by Iohan Bale ...** [s.l.] [Antwerp] : Imprynted, anno Domini. 1544. & vi. die Augusti., 1544.

BALE, J. **Scriptorum illustriu[m] maioris Brytannie quam nunc Angliam & Scotiam uocant catalogus: à Iapheto per 3618 annos, usq[ue] ad annu[m] hunc Domini 1557. ex Beroso, Gennadio, Beda, Honorio, Bostono Buriensi, Frumentario, Capgrauo, Bostio, Burello, Trissa, Tritemio, Gesnero, Ioanne Lelando, atq[ue] alijs authoriubus collectus, & IX centurias continens: ... Autore Ioanne Baleo Sudouolgio Anglo, Ossoriensi apus Hybernos iam pridem episcopo, nunc apud Germanos pro Christi professione peregrino. ...** Basel: [s.n.].

BALE, J.; MINTON, G. E. **John Bale's The image of both churches**. New York: Springer, 2013.

BEILIN, E. V. **Redeeming Eve: women writers of the English Renaissance**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1987.

BETTENSON, H.; MAUNDER, C. (EDS.). **Documents of the Christian church**. 4th ed. / edited by Chris Maunder ed. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2011.

BURGER, H.; HUIJGEN, A.; PEELS, E. **Sola Scriptura: Biblical and Theological Perspectives on Scripture, Authority, and Hermeneutics**. Boston: Brill, 2018. v. 32

BURNETT, A. N. **Karlstadt and the Origins of the Eucharistic Controversy: a study in the circulation of ideas**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

CHAUÍ, M. **Introdução à história da filosofia: Dos pré-socráticos a Aristóteles**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COLES, K. A. The Death of the Author (And the Appropriation of Her Text): The Case of Anne Askew's "Examinations". **Modern Philology**, v. 99, n. 4, p. 515–539, 2002.

COVERDALE, M. **Certain most godly, fruitful, and comfortable letters of such true saintes and holy martyrs of God, as in the late bloodye persecution here within this realme, gaue their lyues for the defence of Christes holy gospel written in the tyme of their affliction and cruell imprysonment**. [s.l.] Imprinted at London : By Iohn Day, dwelling ouer Aldersgate, beneath Saint Martines, 1564., 1564.

CROWLEY, R. **The confutation of the. xiii. articles, wherunto Nicolas Shaxton, late byshop of Salilburye [sic] subscribed and caused to be set forth in print the yere of our Lorde. M.C.xlvi. [sic] whe[n] he recanted in Smithfielde at London at the burning of mestres Anne Askue, which is liuely set forth in the figure folowyng. In the nexte page shalt thou finde the contentes of thys little boke**. London: Imprinted at London : By [S. Mierdman? for] Iohn Day, and William Seres, dwellyng in Sepulchres parish, at the signe of the Resurrection, a litle aboue Holbourne conduite. Cum gratia & priuilegio ad imprimendum solum, [1548], 1548.

DANIELL, D. **William Tyndale: A Biography**. London: Yale University Press, 1994.

DOBRAŃSKI, S. B. The Birth of the Author: The Origins of Early Modern Printed Authority. In: DONOVAN, S.; FJELLESTAD, D.; LUNDÉN, R. (Eds.). . **Authority Matters: Rethinking the Theory and Practice of Authorship**. DQR Studies in Literature. New York: Rodopi, 2008.

ELLIS, S. H. **Original letters, illustrative of English history**. London: Harding and Lepard, Pall-Mall East, 1828. v. II

EUSÉBIO DE CESAREIA. **História Eclesiástica**. São Paulo: Novo Século, 2002.

EVANS, G. R. **A brief history of heresy**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2002.

FOXE, J. **Actes and monuments of these latter and perillous dayes touching matters of the Church, wherein ar comprehended and deccribed the great persecutions [and]**

horrible troubles, that haue bene wrought and practised by the Romishe prelates, speciallye in this realme of England and Scotlande, from the yeare of our Lorde a thousande, vnto the tyme nowe present. Gathered and collected according to the true copies [and] wrytinges certificatorie, as wel of the parties them selues that suffered, as also out of the bishops registers, which wer the doers therof, by Iohn Foxe. [s.l.] Imprinted at London : By Iohn Day, dwellyng ouer Aldersgate. Cum priuilegio Regi[a]e Maiestatis, [1563 (20 March)], 1563.

FREEMAN, T. S.; MAYER, T. F. **Martyrs and Martyrdom in England c. 1400-1700**. Woodbridge, Suffolk, UK: The Boydell Press, 2007.

FREEMAN, T. S.; WALL, S. E. Racking the Body, Shaping the Text: The Account of Anne Askew in Foxes “Book of Martyrs”\*. **Renaissance Quarterly**, v. 54, n. 4-Part1, p. 1165–1196, 2001.

GARRISON, J. **Challenging Communion: The Eucharist and Middle English Literature**. Columbus: Ohio State University Press, 2017.

GOLDSTEIN, D. B. Anne Askew, John Bale, and the stakes of eating. In: **Eating and Ethics in Shakespeare’s England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 97–134.

GUNTHER, K. **Reformation Unbound: Protestants Visions of Reform in England, 1525-1590**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

HAIGH, C. The Reformation in England to 1603. In: **A Companion to the Reformation world**. Blackwell companions to European history. Malden, MA: Blackwell Pub, 2004. p. 135–149.

HICKERSON, M. Negotiating Heresy in Tudor England: Anne Askew and the Bishop of London. **The Journal of British Studies**, v. 46, n. 4, p. 774–795, out. 2007.

HICKERSON, M. L. ‘Ways of Lying’: Anne Askew and the Examinations. **Gender & History**, v. 18, n. 1, p. 50–65, abr. 2006.

HUGGARDE, M. **The displaying of the Protestantes, [and] sondry their practises, with a description of diuers their abuses of late frequented Newly imprinted agayne, and augmented, with a table in the ende, of all suche matter as is specially contained within this volume. Made by Myles Huggarde seruant to the Quenes maiestie**. [s.l.] [Imprynted at London : By Robert Caly, within the precinct of the late dessolued house of the graye Freers, nowe conuerted to an hospitall, called Christes hospital], Anno 1556., 1556.

HUME, M. A. S.; TYLER, R. “Spain: June 1547, 16-30”. In: **Calendar of State Papers, Spain, Volume 9, 1547-1549**. London: His Majesty’s Stationery Office, 1912. v. 9p. 100–116.

HUS, J. **The Letters of John Hus, trans. Matthew Spinka (Manchester University Press, Manchester, 1972), p.35–6**. Tradução: Matthew Spinka. Manchester: Manchester University Press, 1972.

J.B. **A bryefe and plaine declaracion of certayne sente[n]ces in this litle boke folowing to satisfie the consciences of them that haue iudged me therby to be a fauourer of the Anabaptistes**. London: John Day?, 1547.

KEMP, T. D. Translating (Anne) Askew: The Textual Remains of a Sixteenth-Century Heretic and Saint \*. **Renaissance Quarterly**, v. 52, n. 4, p. 1021–1045, 1999.

KING, J. N. **English Reformation literature : the Tudor origins of the Protestant tradition**. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1982.

KING, J. N. Introduction. In: FOXE, J. (Ed.). . **Foxe's Book of Martyrs: Select Narratives**. New York: Oxford University Press, 2009.

KING, J. N. How Anne Askew Read the Bible. **Reformation**, n. 25:1, p. 47–68, 2020.

KINGSMILL, A. **A most excellent and comfortable treatise, for all such as are any maner of way either troubled in minde or afflicted in bodie, made by Andrew Kingesmyl Gentleman, sometime fellowe of Alsolne Colledge in Oxforde. Whereunto is adioyned a verie godly and learned exhortation to suffer patiently al afflictions for the gospel of Christ Iesus. And also a conference betwixt a godly learned Christian [and] an afflicted conscie[n]ce: wherein, by the holy Scriptures the sleights of Satan are made manifest, and ouerthrowen: with a godly prayer thereunto annexed.** [s.l.] Imprinted at London : By Christopher Barkar, Anno 1577., 1577.

LAGERLUND, H. **Encyclopedia of Medieval Philosophy: Philosophy between 500 and 1500**. Dordrecht: Springer, 2011.

LAHEY, S. E. **John Wyclif**. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2009.

MACCULLOCH, D. (ED.). **The Reign of Henry VIII: Politics, Policy and Piety**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 1995.

MALSON-HUDDLE, E. Anne Askew and the Controversy over the Real Presence. **Studies in English Literature, 1500-1900**, v. 50, n. 1, p. 1–16, 2010.

MARGUERITE, Q., consort of Henry II, King of Navarre. **A godly medytacyon of the christen sowle, concerninge a loue towardes God and hys Christe, compyled in frenche by lady Margarete quene of Nauerre, and aptely translated into Englysh by the ryght vertuose lady Elyzabeth daughter to our late souerayne Kyng Henri the. viij.** [s.l.] [[Wesel] : Imprinted [by Dirik van der Straten], in the yeare of our lorde 1548. in Apryll], 1548.

MURRAY, P.; MURRAY, L. **Oxford Companion to Christian Art and Architecture**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

PENDER, P. Framing the Reformation Woman Writer: John Bale's Prefaces to Anne Askew's Examinations. **Parergon**, v. 29, n. 2, p. 29–45, 2012a.

PENDER, P. **Early Modern Women's Writing and the Rhetoric of Modesty**. Houndmills, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2012b.

REX, R. **Henry VIII and the English Reformation.pdf**. New York: Macmillan Education, 1993.

RICHARDS, J. The Voice of Anne Askew. **Journal of the Northern Renaissance**, n. 9, 2017.

RODRIGUES, J. C. **O Corpo na História**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SPINOZA, B. **Spinoza: Complete Works**. Tradução: Samuel Shirley. Indianapolis: Hackett Pub., 2002.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **halo | History, Art, & Facts**, 1 mar. 2018. (Nota técnica).

WHITFORD, D. M. The Papal Antichrist: Martin Luther and the Underappreciated Influence of Lorenzo Valla. **Renaissance Quarterly**, v. 61, n. 1, p. 26–52, 2008.

WILLIAMS, C. H. **English Historical Documents, 1485-1558**. London: Routledge, 1996. v. V

WORT, O. The Double Life of Anne: John Bale's Examinations and Diue Anne Vitam (sic). **The Review of English Studies**, v. 58, n. 237, p. 633–656, 12 nov. 2007.

WORT, O. **John Bale and Religious Conversion in Reformation England**. [s.l.] Routledge, 2015.

### **Declaração de autenticidade**

Eu, Thalyta Valéria Castro de Oliveira Lucena, inscrita no Programa de Pós Graduação em História (PPGHIS) da Universidade de Brasília (UnB), declaro para todos os efeitos que a dissertação intitulada “O Sacrifício Persuasivo: o gênero martirológico e as estratégias de convencimento em *As Examinações de Anne Askew* na Inglaterra do século XVI” foi integralmente por mim redigida como requisito final para obtenção do grau de Mestre em História, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 21 de dezembro de 2020



---

Thalyta Valéria Castro de Oliveira Lucena